

REPTEIS DAS CAATINGAS

P. E. VANZOLINI

ANA MARIA M. RAMOS-COSTA

LAURIE J. VITT



ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

RIO DE JANEIRO, 1980





SciELO

Regua f. 10
1880

REPTEIS DAS CAATINGAS





REPTEIS DAS CAATINGAS

P. E. Vanzolini
Ana Maria M. Ramos-Costa
Laurie J. Vitt

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS
Rio de Janeiro, 1980



Impresso com auxílio do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) através da Financiadora de Estudos e Projetos S.A. (FINEP).



SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1, Os répteis das caatingas	6
Capítulo 2, Serpentes	7
Caracteres taxonômicos	7
Chave para as famílias	13
Família Leptotyphlopidae	13
Boidae	17
Colubridae	21
Elapidae	60
Viperidae	63
Capítulo 3, Lagartos	69
Chave para as famílias	69
Família Gekkonidae	70
Iguanidae	91
Teiidae	104
Scincidae	124
Anguidae	128
Capítulo 4, Família Amphisbaenidae	133
Capítulo 5, Quelônios	136
Terminologia	136
Família Kinosternidae	139
Chelidae	141
Apêndice 1, Coleta e preservação	145

Apêndice 2, Sugestões para pesquisa	150
Referências bibliográficas	153
Índice	155



INTRODUÇÃO

Este livro pretende constituir uma introdução às espécies de répteis das caatingas, possibilitando a sua identificação e oferecendo dados concisos sobre ecologia, distribuição e, quando relevante, taxonomia.

A área geográfica é o grande domínio morfoclimático das caatingas, como ultimamente conceituado por Ab'Saber (1977): "Domínio das caatingas, no Nordeste brasileiro, em áreas de depressões interplanálticas semi-áridas, com drenagens intermitentes sasonárias. Domínio das caatingas. Domínio das depressões inter-planálticas quentes e semi-áridas. Domínio dos sertões secos. Nordeste seco. Polígono das Secas". Ou seja, a área do Nordeste brasileiro circunscrita pela isohieta de 800 mm anuais, sob vegetação de caatinga.

Era nossa intenção inicial tratar de todos os répteis da região, sem levar em conta feições locais da paisagem. Na prática, isso significava incluir a fauna dos enclaves de climas mais amenos, responsáveis por formações vegetais menos rústicas que as caatingas propriamente ditas. Esses enclaves são numerosos e variam em tamanho desde "brejos" topográficos pequenos, passando por regiões serranas mais extensas, como as de Triunfo e Baturité, até o grande e verde vale do Cariri. Verificamos, porém, que a fauna desses enclaves ainda está muito pouco conhecida, à falta de exploração sistemática, e que seria prematuro incluí-la. Limitamo-nos, assim, às paisagens de caatingas típicas dentro da grande área nuclear.

Os materiais que temos para isso são relativamente bons. Existem nas coleções do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, coletados por nós, por colegas da



casa e por outros colaboradores, todas às 46 espécies aqui tratadas, menos uma (*Leptotyphlops brasiliensis*). De boa parte delas os materiais são suficientes para uma descrição adequada, levando em conta a variação morfológica dentro do domínio. Em todos os casos a identificação pode ser feita seguramente.

Esses materiais cobrem razoavelmente as caatingas do Piauí, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco e da Bahia. Há coletas esparsas do Ceará e de Minas Gerais, mas ainda é necessário explorar essas áreas com mais intensidade. A falta de coletas maciças no sertão de Sergipe e Alagoas não nos parece tão séria, dada a boa representação das áreas limítrofes de Pernambuco e Bahia.

Por adequada que seja a nossa amostragem, ainda se deve esperar a descoberta de espécies novas para a ciência na área das caatingas. É, aliás, uma das razões pelas quais enfeixamos neste livro descrições formais das espécies conhecidas. O fato, porém, de uma espécie que venha a ser encontrada em caatinga não estar incluída neste trabalho não quer dizer necessariamente que ela seja nova. A fauna de reptéis das caatingas não é endêmica e poderão vir a ser descobertas dentro delas formas que não foram aqui incluídas por serem conhecidas apenas dos cerrados, de zonas transicionais ou dos enclaves. Foi apenas em 1977 que Vitt descobriu em Exu, Pernambuco, *Coleodactylus meridionalis*, espécie até então considerada como restrita a matas, e em 1978 que Vanzolini a encontrou no Carirí.

Nossos materiais permitiram, assim, a apresentação de descrições de primeira mão, baseadas em exemplares da área. É óbvio, porém, que utilizamos dados da literatura sempre que necessário, especialmente que diz respeito à variação das contagens de escamas das cobras menos comuns.

A estrutura geral do nosso trabalho é a seguinte:

1. Mantivemos em um mínimo a informação zoológica geral, apresentando, acima do nível de espécie, apenas o indispensável para a identificação e para o entendimento das descrições.



2. Apresentamos chaves e tabelas apenas no caso dos grupos maiores, cobras e lagartos. Os anfisbenídeos e os quelônios são muito poucos e podem ser tratados no texto. Note-se bem que as chaves e tabelas são artificiais e limitadas à área das caatingas e às espécies contidas neste livro. De qualquer maneira, constituem apenas auxílios à identificação, que só se completa de fato pela comparação do indivíduo com a descrição da espécie.

3. As espécies estão arrançadas por famílias e, dentro de cada família, em ordem alfabética, primeiro do nome genérico, depois do específico. Do tratamento de cada espécie constam:

a) Os nomes vulgares. Estes são incluídos apenas quando estamos seguros de sua aplicação consistente em pelo menos uma área geográfica razoavelmente extensa. Infelizmente, o caboclo nordestino, excelente botânico, é apenas um passável zoólogo e um péssimo herpetólogo. Apenas algumas espécies muito características podem ser consideradas como tendo nome vulgar bem estabelecido. Uma boa proporção recebe uma designação diferente de cada informante; geralmente tendendo a realçar sua periculosidade — por exemplo, “jararacussu malha de cascavel” para uma boipeva (*Waglerophis merremii*). Apesar do conforto prático que representam nomes vulgares bem estabelecidos, achamos fútil a pretensão, tão difundida entre os europeus e americanos, de standardizar à força essas designações.

b) Sob o título “Reconhecimento”, características que complementem o conteúdo das chaves, assegurando a identificação. No caso de espécies de distribuição ampla, as informações baseiam-se em material das caatingas.

c) Uma “Descrição” técnica, formal, também baseada em materiais das caatingas. Como dito acima, em alguns casos de cobras de que contávamos com poucos exemplares, citamos adicionalmente a variação das contagens de escamas em materiais do Nordeste do Brasil fora das caatingas, ou ainda em amostras geograficamente mais amplas; o fato é sempre mencionado na própria descrição.



d) A "Distribuição" das espécies, citada de maneira sumária;

e) "Comentários", apresentados sobre assuntos diversos, mas principalmente sobre a divisão das espécies em subespécies (usamos livremente como sinônimo o termo "raça") Entendemos que a proposição de um esquema de diferenciação geográfica em subespécies é tarefa de muita responsabilidade, dados os aspectos teóricos em que implica, e que só deve ser feita com base em análises cuidadosas. Infelizmente isso não tem acontecido na grande maioria dos casos, o que não significa necessariamente uma crítica aos autores, mas antes uma constatação da insuficiência da cobertura geográfica da herpetologia sul americana.

f) Sob a rubrica "Biologia", um sumário conciso do que se conhece na região. Esses dados são originais. Parte vem dos arquivos da Seção de Repteis do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo; foram reunidos na maioria por P. E. Vanzolini, em diversas excursões de coleta, principalmente de 1971 para cá, dentro do programa de Ecologia das Caatingas da Academia Brasileira de Ciências. O embasamento mais sólido, contudo, é dado pelas observações sistemáticas de Laurie Vitt, como herpetólogo residente em Exu, Pernambuco, de fevereiro de 1977 a fevereiro de 1978, ainda dentro do programa da Academia. Os dados originais de Vitt estão sendo por ele utilizados em uma série de trabalhos de caráter profissional, com a quantificação que não caberia aqui. Pensamos que um dos pontos positivos deste livro seja a indicação precisa do muito que resta a fazer nesse campo, como pista e orientação a zoólogos residentes no Nordeste.

Está implícita em cada seção a remessa do leitor aos catálogos dos Squamata Neotropicais de Peters & Orejas-Miranda (1970) e Peters & Donoso-Barros (1970) e de quelônios de Wermuth & Mertens (1961). No caso de espécies descritas após a publicação desses catálogos, é citada a descrição original. Em alguns casos, damos citações adicionais, que nos parecem úteis a quem queira aprofundar ou alargar a leitura.



Quanto às ilustrações, buscamos representar o maior número possível de espécies por fotografias coloridas de animais vivos. Aqui, de novo, a contribuição é praticamente toda de Vitt. Na falta dessas, apresentamos exemplares de coleção, desenhados por Cirton Genaro, ou fotografados por Giro Pastore. Além disso, incluímos desenhos de detalhe que orientem a compreensão das chaves e descrições.

4. Além dessas informações a respeito de cada espécie, discutimos, onde pareça mais prático, aspectos diversos das identificações.



CAPÍTULO 1

OS RÉPTEIS DAS CAATINGAS

As caatingas são formações vegetais semi-áridas, xerofíticas, mas de nenhuma maneira desérticas. Os problemas climáticos que enfrentam são antes de irregularidade temporal nas precipitações que propriamente de insuficiência. Assim, a sua fauna de répteis é bastante variada. Entre os grandes grupos, apenas os crocodilianos não ocorrem: quelônios, cobras, lagartos e anfisbênios estão presentes.

Não se encontram formas com especializações extremadas à aridez, e muito poucas são exclusivas das caatingas, a maioria ocorrendo também nos cerrados, nos agrestes que fazem a transição para a Mata Atlântica e no litoral ao norte desta.

O reconhecimento dos grandes grupos, na área, é fácil. Lagartos e quelônios têm quatro patas; os quelônios têm sua típica concha óssea, os lagartos não têm. A única confusão possível é entre as serpentes e os anfisbênios, que são ápodos. Os anfisbênios se caracterizam por terem a pele dividida em anéis transversais, subdivididos, por sua vez, em numerosos pequenos segmentos (Figuras 98-100), ao passo que as cobras têm, pelo menos na face dorsal, escamas imbricadas dispostas obliquamente (Figs. 4, etc).

No que se segue trataremos os quatros grupos individualmente, na seguinte ordem: serpentes, lagartos, anfisbênios e quelônios.



CAPÍTULO 2

SERPENTES

Das 8 famílias de serpentes que ocorrem na América do Sul cinco são encontradas nas caatingas: Leptotyphlopidae, Boidae, Colubridae, Elapidae e Viperidae. Das 3 faltantes é possível que Anomalepididae e Typhlopidae venham a ser encontradas; são grupos subterrâneos, de captura esporádica, e têm boa valência ecológica. Por outro lado, são remotas as possibilidades de registro nas caatingas de Aniliidae, serpentes de regiões super-úmidas.

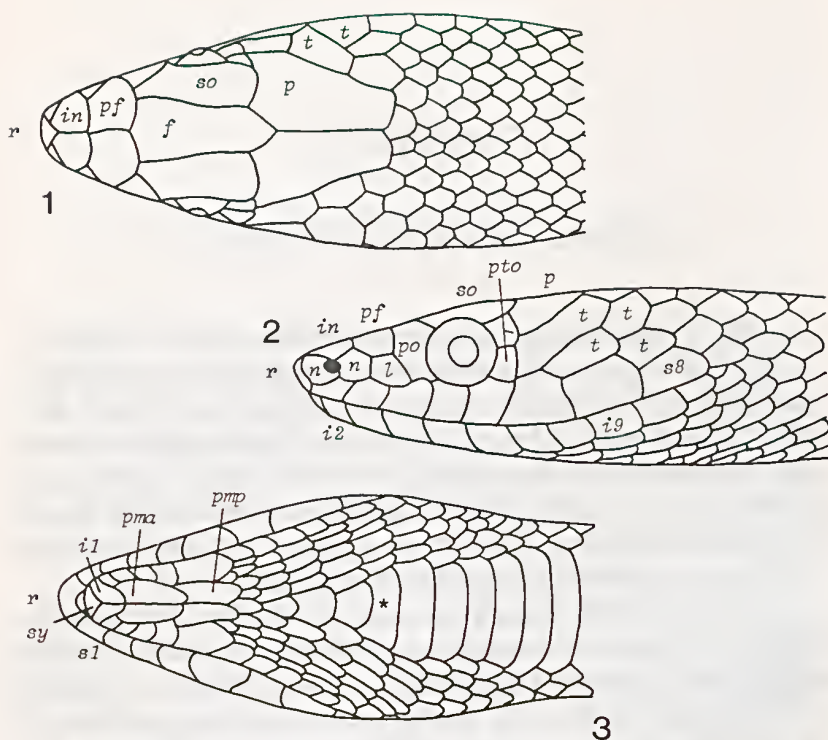
A sistemática das cobras ao nível de família é, obviamente, baseada em anatomia comparada e ainda encerra muito pontos obscuros e debatidos. Por outro lado, a distinção entre as famílias, em âmbito local, é muito fácil, e pode ser feita com o auxílio da chave artificial à página 13.

Caracteres taxonômicos

Para identificação e descrição das espécies de cobras, sempre no âmbito restrito deste trabalho, são utilizados os seguintes caracteres:

1. *Escamas da cabeça*: Nas figuras 1 a 3 é ilustrada a nomenclatura adotada para as escamas cefálicas.
2. *Número de fileiras de escamas dorsais*: Na figura 4 mostramos os métodos de contagem. Rotineiramente são dados para cada espécie três contagens: (i) ao nível do pescoço, ou seja cerca de um comprimento de cabeça atrás do canto da boca; (ii) a meio caminho entre a cabeça e a fenda anal; (iii) entre um e dois comprimentos de cabeça à frente da

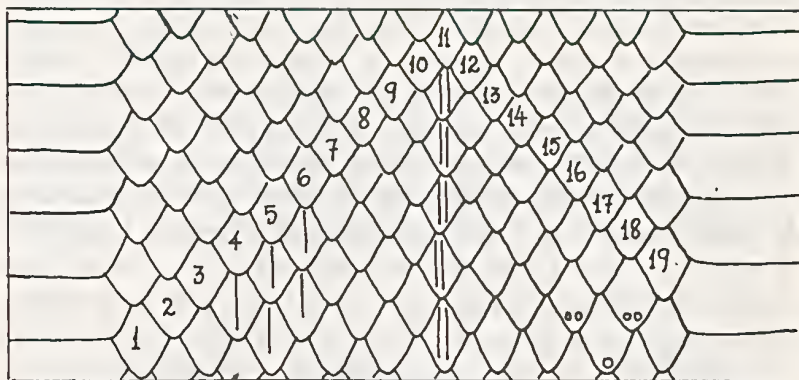




Figs. 1-3. Cabeça de colubrídeo, vistas dorsal, lateral e ventral; nomenclatura das escamas, *f*, frontal; *i1*, *i2*, *i9*, primeira, segunda e nona infralabiais; *in*, internasal; *l*, loreal ou frenal; *n*, nasal; *p*, parietal; *pf*, prefrontal; *pma*, post-mental anterior; *pmp*, post-mental posterior; *po*, pré-ocular; *pto*, post-oculares; *r*, rostral; *s1*, *s2*, *s8*, primeira, segunda e oitava supralabiais; *sy*, sinfisal; *t*, temporais; *, primeira ventral.

fenda anal. Especialmente importante é a comparação entre as contagens (ii) e (iii), que indica se há ou não redução no número de fileiras ao longo do corpo.

Em certa famílias, como por exemplos os boídeos, há muita variação no número de fileiras dorsais. Nos viperídeos há certa variação, seja entre os sexos, seja dentro de um



4

Fig. 4. Esquema das escamas dorsais de um colubrídeo, mostrando a maneira de contar o número de fileiras. À esquerda, indicação esquemática de quilhas simples; no meio, de quilhas duplas; à direita, dois tipos de fossetas apicais (simples e duplas).

mesmo sexo. Nos colubrídeos o número de escamas a meio corpo e próximo ao ânus é muito constante, e utilíssimo na identificação. Existem, contudo, apesar de raras, variações cuja possibilidade não se deve perder de vista. Esta observação aplica-se, é claro, a todos os caracteres, mas, dada a importância do número de dorsais na prática da identificação (é por ele que se entra na nossa tabela de Colubridae), a advertência é feita aqui com mais ênfase.

3. *Tipos de dorsais*: Podem ser quilhadas ou não (fig. 4); usamos como sinônimos os termos “quilha” e “carena”. O número de fileiras com quilhas varia, entre espécies, de apenas duas até todas as fileiras. Dentro da mesma espécie pode haver também variação, individual ou ligada ao sexo. Não há, entre as nossas espécies, nenhuma com alguns exemplares quilhados e outros completamente sem quilhas. Adicionalmente, algumas espécies possuem finas estriações ao longo das dorsais, visíveis sob lupa, com boa iluminação.

9

4. *Fossetas apicais*: As dorsais de muitas espécies de cobras apresentam, próximo à ponta, áreas claras na epiderme, tradicionalmente chamadas fossetas. A variação de espécie para espécie é grande: podem ser simples ou duplas, simétricas ou assimétricas, enormes ou minúsculas. Variam também de exemplar para exemplar e de região para região do corpo. Às vezes podem ser vistas, sob lupa, no animal inteiro; é mais frequente, porém, ser necessário retirar a cutícula de uma escama e examiná-la individualmente (uma boa técnica é colocar a cutícula com um pingo de álcool, sobre a unha do polegar esquerdo). Nem sempre é fácil evidenciar a presença de fossetas, do que é feita advertência em seu lugar. Por isso, quando não encontradas ao primeiro exame, mais escamas, de várias regiões do corpo, devem ser pesquisadas. Mesmo assim, em exemplares velhos ou mal fixados a comprovação é geralmente difícil.

5. *Número de escamas ventrais*: Consideramos como primeira ventral a primeira escama mais larga que longa (fig. 3); como última a que precede a anal.

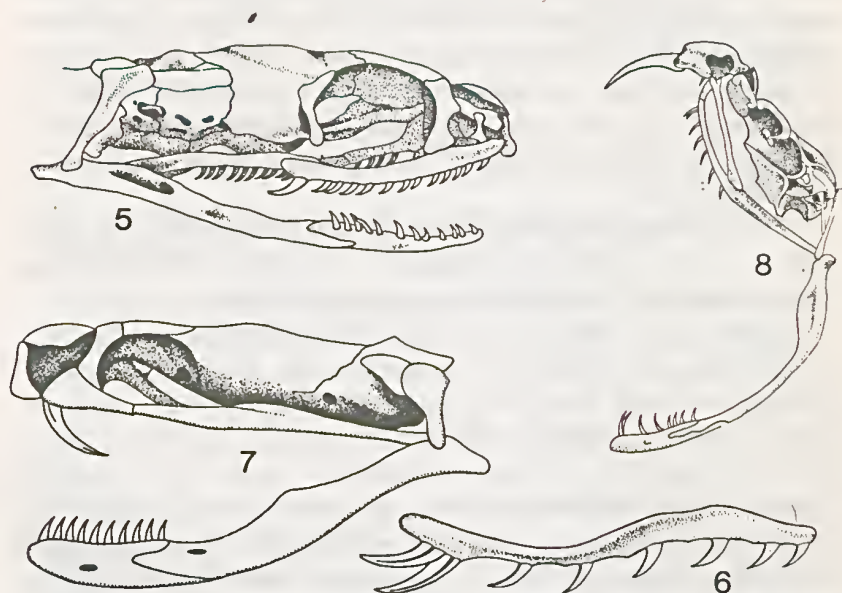
6. *Anal*. É a escama que cobre pela frente a fenda anal; pode ser simples ou dividida. Há geralmente pouca variação intra-específica na condição da anal, mas não se deve esquecer a possibilidade.

7. *Sub-caudais*: Podem ser simples ou duplas. Às vezes, como no caso da cascavel e de certas mussuranas, há mistura de escamas inteiras e duplas, mas sempre um dos tipos prepondera decisivamente. Na contagem é necessário verificar cuidadosamente (de preferência sob lupa) se a cauda está integra, pois as amputações da ponta são muito frequentes. Geralmente a mutilação é óbvia, mas às vezes a cicatrização imita uma ponta de cauda normal. A ponta da cauda intacta é geralmente revestida por uma escama um pouco maior, cônica, característica; é necessária certa prática para reconhecê-la. O número de escamas subcaudais, intimamente ligado ao comprimento da cauda, apresenta, como este, em muitas espécies, variações devidas ao sexo. Como a sexagem (determinação do sexo) de cobras que não



estejam obviamente prenhes ou com o hemipênis evertido demanda certa prática, citamos apenas a amplitude de variação conjunta dos dois sexos.

8. *Pupila*. A pupila das cobras brasileiras pode ser redonda ou verticalmente elíptica. Este segundo tipo indica vida crepuscular ou noturna. Às vezes a pupila vertical apresenta-se dilatada e pode ser tomada, ao exame superficial, como redonda. Contudo, os polos superior e inferior (posição de



Figs. 5-8. Tipos de dentição de serpentes. Fig. 5, Crânio de *Dromicus* (adaptado de Maglio, 1970): dentição áglifa, neste caso com uma presa aumentada, mas não sulcada, separada dos demais dentes por um curto diástema. Fig. 6, Maxilar direito de *Philodryas*, mostrando a série de dentes em atividade, os espaços correspondentes a dentes em substituição, e duas presas sulcadas (dentição opistóglifa). Fig. 7, Crânio de *Micrurus* (adaptado de Jan & Sordelli, 1881): maxilar imóvel, com um único dente canaliculado, mas mostrando sinais de soldadura do sulco original (dentição proteróglifa). Fig. 8, Crânio de *Crotalus* em posição de picada (adaptado de Klauber, 1956): maxilar móvel, presa única perfeitamente canaliculada (dentição solenóglifa).

6 e 12 horas no relógio) sempre denunciavam a pupila vertical, por dilatada que esteja.

9. *Dentição*. As cobras podem ter dentes nos seguintes ossos: pré-maxilar, maxilar, palatino, pterigoide e dentário. Para os nossos objetivos basta considerar a dentição maxilar. Uma dentição será *isodonte* se todos os dentes forem do mesmo tamanho ou quase. Do contrário será *heterodonte*, mas o termo é pouco usado, fazendo-se na prática simplesmente referência à presença de dentes nitidamente aumentados, em contraposição a casos em que há aumento ou diminuição gradual da frente para trás. No caso das cobras brasileiras os dentes diferenciados estão sempre no extremo posterior do osso. Às vezes os dentes aumentados estão separados dos demais por um espaço nitidamente maior que o que separa dois outros dentes contíguos — diz-se que existe um *diástema*.

Os dentes aumentados podem ser percorridos, ou não, por um sulco, por onde escorre o veneno. No primeiro caso a dentição é *opistóglifa*, no segundo *áglifa*.

Nas duas famílias de serpentes venenosas, Elapidae e Viperidae, o maxilar é extremamente reduzido, e porta apenas um dente funcional, ôco, percorrido por um pequeno canal, tradicionalmente comparado a uma agulha de injeção. No caso das elapídeas o maxilar é imóvel e o canal é formado pelo fechamento de um sulco, cujas margens se percebem nitidamente. É o tipo *proteróglifo*. Nas viperídeas o maxilar é móvel, girando sobre seu eixo e colocando o dente em posição de picar. O dente é perfeitamente canaliculado, sem vestígios de sutura; diz-se uma dentição *solenóglifa*.

O exame da dentição das cobras, mesmo em condições ideais, não é fácil, pois é necessário remover ou afastar a gengiva, o que pode causar danos. A contagem de dentes apresenta outra dificuldade: como nem todos os dentes estão simultaneamente em atividade, soquetes vazios podem passar despercebidos, viciando a contagem. Por esse motivo, nas descrições tratamos de maneira sumária a dentição das espécies.



Comprimento

Nas descrições é citado o comprimento total das espécies; isto quer dizer o comprimento de um adulto grande, da ponta do focinho à ponta da cauda íntegra. Entre parênteses é dado, quando conveniente, o comprimento da cauda do mesmo exemplar.

CHAVE PARA AS FAMÍLIAS DE COBRAS

1. Escamas ventrais não diferenciadas das dorsais
LEPTOTYPHLOPIDAE
Diferenciadas 2
2. Fosseta lacrimal presente (fig. 51) VIPERIDAE
Ausente (fig. 2) 3
3. Escamas do tópo da cabeça irregulares (fig. 15) BOIDAE
Regulares (fig. 1) 4
4. Padrão de colorido com anéis completos ELAPIDAE
Sem anéis completos COLUBRIDAE

FAMÍLIA LEPTOTYPHLOPIDAE

Esta é uma família de pequenos ofídios subterrâneos, de corpo roliço, liso e brilhante, sem escamas ventrais diferenciadas. Diferem muito das famílias mais próximas (Typhlopidae e Anomalepididae, não conhecidas da área das caatingas) em caracteres anatômicos, mas são externamente semelhantes a elas e, menos, aos lagartos ápodos da família Amphisbaenidae. Do ponto de vista prático, há dois caracteres muito úteis para identificar os leptotyphlopídeos: têm sempre (e são os únicos a ter) 14 escamas ao redor do corpo, e o olho bem desenvolvido, com pupila bem definida.

São conhecidos até agora apenas dois exemplares da área das caatingas, e a identificação de nenhum dos dois é satisfatoriamente segura.



Leptotyphlops albifrons (Wagler, 1824)

(Figuras 9 a 11)

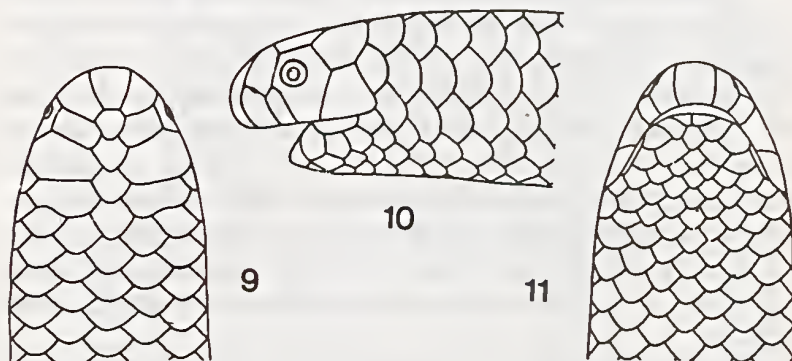
Cobra cega

Reconhecimento

Presentemente esta espécie é reconhecida principalmente com base no colorido: uma mancha branca na rostral, outra na ponta da cauda; 5 a 6 linhas claras em zig-zag ao longo do dorso.

Descrição

Ventrais e dorsais não diferenciadas. Corpo cilíndrico, cabeça e cauda da mesma largura que o tronco. Olho visível, grande, sob uma escama ocular. Rostral alta e larga, com a margem superior alcançando o nível dos olhos; uma prefrontal e uma frontal, pequenas, após a rostral. De cada lado da frontal uma supraocular, maior que as escamas medianas. Do lado da cabeça, em contacto com o lábio: logo após a rostral uma nasal, que atinge o alto da cabeça (onde encontra a préfrontal), em contacto com a ocular, dividida ao meio por uma sutura ondulada, sobre



Figs. 9-11. *Leptotyphlops albifrons*, MZUSP 5958, Junco do Seridó, Paraíba. Cabeça, vistas dorsal, lateral e ventral.

a qual se encontra a narina; uma labial pequena e estreita, separada das escamas do alto da cabeça pela nasal; a ocular; enfim uma labial poligonal grande. Uma sinfusal pequena, seguida de 5 infralabiais também pequenas.

Quatorze fileiras longitudinais de escamas arredondadas ao longo do corpo, 10 no meio da cauda, 268 escamas entre a rostral e um espículo que termina a cauda (1 único exemplar).

Colorido geral castanho escuro lustroso. Uma mancha branca na rostral. Ponta da cauda branca, a área branca mais extensa ventralmente. As margens das escamas são mais claras que o demais; no dorso são muito acentuadas, formando 5-6 linhas em zig-zag.

Comprimento total 134 mm; largura da cabeça 2 mm.

Comentário

Este grupo é muito difícil, e é possível que os exemplares de regiões muito diversas que vêm sendo atribuídos a *L. albifrons* pertençam na realidade a mais de uma espécie.

Distribuição

Nada se sabe de seguro. O tipo é da vizinhança de Belém. Da área das caatingas o primeiro exemplar, na nossa coleção, foi coletado em Junco do Seridó, na Paraíba. Há um outro, da Lagoa Paparí, próximo à costa do Rio Grande do Norte (Schmidt & Inger, 1951) que parece, pela descrição, pertencer à mesma espécie.

Biologia

Nada temos sobre a espécie. A família se caracteriza por hábitos subterrâneos e por comer larvas de insetos, principalmente de formigas e cupins. Nosso exemplar foi encontrado em baixo de uma pedra semi-enterrada.



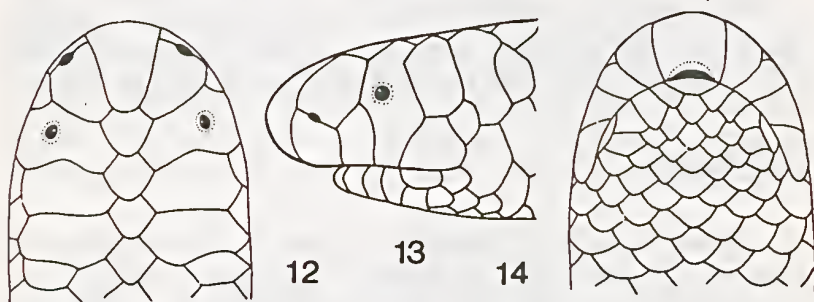
Leptotyphlops brasiliensis Laurent, 1949

(Figuras 12 a 14)

Cobra cega

Não vimos esta espécie; apresentamos uma tradução da descrição original.

Focinho arredondado, rostral cerca de 3 vezes mais estreita que a cabeça, seu bordo posterior não atingindo o nível dos olhos, em contacto com a prefrontal e as nasais. Nasal completamente dividida. Primeira labial mal alcançando o nível do olho, labial posterior um pouco menos alta que a primeira, mas cerca de 2 vezes mais larga. Supraocular ausente, ocular em contacto com a prefrontal e a frontal. Olho distinto sob a ocular. Quatro infralabiais, 14 escamas ao redor do corpo, 207 entre a rostral e a extremidade da cauda, 10 em torno da cauda, anal simples.



Figs. 12-14. *Leptotyphlops brasiliensis*, tipo (adaptado de Laurent, 1949). Cabeça, vistas dorsal, lateral e ventral.

Colorido: castanho pálido no dorso, bem mais pálido no ventre.

Comprimento total: 253 mm (cauda 16 mm). Diâmetro do corpo: 5 mm.

Comentário

Esta espécie foi descrita como proveniente do Brasil, sem mais dados. Cordeiro & Hoge (1974) registram um

exemplar de Sertânia, Pe, que difere da descrição original por ter um número alto de escamas ao longo do corpo.

FAMÍLIA BOIDAE

É uma família geologicamente antiga, não muito grande, mas de ampla distribuição geográfica, dividida em diversas subfamílias. Ocorrem no Brasil as subfamílias Boinae e Tropidophiinae, esta considerada por muitos autores como família à parte. Na área das caatingas ocorrem apenas duas espécies de boíneos, ambas grandes e conspícuas: a jibóia e a salamanta.

Caracterizam-se os boíneos em geral, quanto à anatomia externa, por terem as escamas da cabeça pequenas e irregulares. Ambos os sexos apresentam vestígios de membros posteriores, sob a forma de uma “unha”, um pouco à frente e para cima da fenda anal; nas fêmeas esse esporão pode ser muito pequeno ou mesmo invisível.

Alimentam-se de vertebrados, principalmente de sangue quente, que matam por constricção. Há espécies arbóricolas (gênero *Corallus*) e aquáticas (as sucurís, *Eunectes*). As espécies que ocorrem na área das caatingas são predominantemente terrícolas, mas trepam bem na vegetação. Sua reprodução é por viviparidade.

Boa constrictor Lineu, 1948

(Estampa I)

Jibóia; cobra de veado

Reconhecimento

As escamas miudas da cabeça, a pupila vertical, as contagens de escamas e o padrão de colorido são os caracteres mais salientes da jibóia.



Descrição

Pupila vertical. Escamas da cabeça pequenas e irregulares, sendo diferenciadas apenas a rostral, a sinfusal e as nasais (2 a 3). Olho separado das supralabiais por 2 ou 3 fileiras de escamas. Dorsais pequenas, lisas, 77 a 95 (8 exemplares). Ventrals 242 a 248 (8 ex.). Anal simples. Um esporão curto nos machos. Subcaudais simples, 48 a 55 (7 ex.).

Colorido geral das partes dorsais de amarelo queimado a castanho acinzentado. Uma série de faixas transversais escuras, alargadas de cada lado, separando manchas elípticas claras. Lateralmente às manchas escuras uma linha clara longitudinal, freqüentemente interrompida, festonada de escuro lateralmente.

Nos flancos uma série de manchas grandes, escuras com centro claro, geralmente alternadas às faixas transversais escuras do dorso. Ventre irregularmente manchado de negro. Lado dorsal da cauda com padrão semelhante ao do dorso, porém mais vívido. Alguns ocelos na face ventral da cauda, que é freqüentemente avermelhada. Na cabeça, uma faixa escura mediana, estreita no focinho, alargando-se atrás; de cada lado uma faixa escura que começa delgada, na frente do olho, atravessa-o e se dirige para os lados do pescoço. Na rostral, uma mancha escura em forma de ferradura aberta para baixo. Uma tarja escura sub-ocular e outras, irregulares, no lábio inferior e garganta.

Comprimento: conhecem-se da Amazônia exemplares com mais de 3 metros de comprimento; do Nordeste não conhecemos exemplares com mais de 2 metros.

Distribuição

Do México ao norte da Argentina.

Comentário

Esta é uma daquelas espécies que são divididas pelos autores em muitas subespécies. A aceitá-las, teríamos aqui

B. c. constrictor; consideramos, porém, o caso insuficientemente analisado.

Biologia

A jibóia é encontrada em todos os tipos de ambientes do Brasil, desde a mata amazônica até as caatingas. Pode ser encontrada em atividade de dia ou de noite. Trepas com facilidade. Mata a presa por constrição; sua dieta é constituída de mamíferos, aves e lagartos. É vivípara e a ninhada varia de 20 a 50 jovens.

Epicrates cenchria (Lineu, 1758)

(Figuras 15 e 16; estampa II)

Salamanta

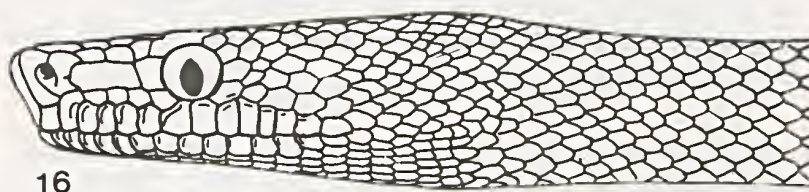
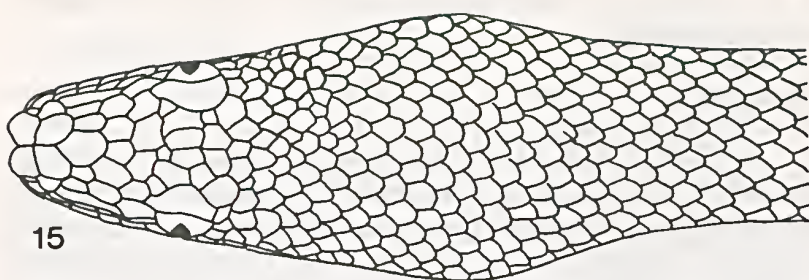
Reconhecimento

A salamanta não tem as escamas dorsais da cabeça organizadas como os colubrídeos, mas também não tão desordenadas como as da jibóia; seu arranjo, especialmente no topo do focinho, é característico. As labiais superiores e inferiores têm fossetas rasas; nenhuma outra cobra da região apresenta este caráter. O colorido furta-cor, claramente perceptível em exemplares vivos, também ajuda a identificação.

Descrição

Pupila vertical. Escamas do dorso da cabeça em geral irregulares, mas com alguns elementos diferenciados, a saber: um par de nasais superiores, encontrando-se na linha mediana; um par de internasais sobre as nasais posteriores; uma frontal ázigos encaixada entre as internasais. Loreal parcialmente separada das labiais por uma série de escamas que atinge o olho. Uma pré-ocular superior e diversas post-oculares. Narina na junção de três nasais, 2 inferiores e uma superior. Labiais superiores com fossetas rasas nas suturas. Dorsais lisas, 46 a 52 (20 exemplares). Ventrais





Figs. 15-16. *Epicrates cenchria*, MZUSP 2845, Salvador, Bahia. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

242 a 258 (20 exemplares). Anal simples. Subcaudais simples, 53 a 64 (18 exemplares).

Colorido geral castanho acinzentado; uma série de ocelos dorsais, com centro claro e margem escura; de cada lado do corpo uma série de manchas escuras alongadas, onduladas, marginadas de claro, fundidas na região anterior; na cabeça 45 faixas escuras longitudinais, uma mediana, um par começando na supraocular e um par começando nas post-oculares. Partes ventrais imaculadas. Em vida, o colorido é metálico e furta-cor.

Comprimento: cerca de um metro e meio.

Comentário

Esta espécie é dividida pelos autores em diversas raças, e estas são razoavelmente reconhecíveis pelo padrão de colorido. A subespécie assinalada para o Nordeste é *E. c. assisi* Machado.

A salamanta é uma cobra perfeitamente inofensiva, mas altamente temida pelas populações nordestinas.

Distribuição

E. cenchria distribui-se de Costa Rica à Argentina. *E. c. assisi*, cuja localidade tipo é Campina Grande, Pb, vai do Piauí ao norte da Bahia.

Biologia

Encontra-se em todos os habitats do Brasil, da hileia às caatingas. Atividade diurna e noturna. Trepam bem. As fossetas labiais são órgãos que detectam diferenças de temperatura. A dieta é constituída de mamíferos, aves, ovos de aves e lagartos. Mata por constricção. É vivípara, com ninhadas, no Nordeste, de 8 a 15 jovens.

FAMÍLIA COLUBRIDAE

Esta é a maior e mais diversificada família de serpentes; ocupa todos os ambientes (terrestre, arbóreo, subterrâneo, aquático), menos o marinho.

Sua dentição (Figs. 5 e 6) pode ser de dois tipos principais: áglifo e opistóglifo. Neste há presas posteriores (do mesmo tamanho que os dentes sólidos, ou aumentadas) com um sulco longitudinal, por onde escorre a secreção das glândulas de veneno. Este não oferece perigo grave ao homem, mas é muito tóxico às presas. Nas áglifas pode haver dentes posteriores aumentados, mas não sulcados. Entre os dentes sólidos e as presas das opistóglifas (como entre os dentes anteriores e as presas das áglifas) pode haver um diástema, ou seja, um espaço maior que o intervalo entre dois dentes iguais.

A dieta das colubrídeas como um todo é muito diversificada, como seria de esperar de sua variedade de habitats, mas cada espécie tem uma faixa característica de alimentos, mal conhecida para a maioria das espécies brasileiras.



Quanto à reprodução, as colubrídeas podem ser ovíparas ou vivíparas. Mesmo nas regiões tropicais, algumas têm uma estação definida de reprodução; outras reproduzem-se (como espécies) durante o ano todo; não sabemos o que acontece com cada fêmea individualmente.

Identificação das espécies

A tabela anexa é a maneira mais prática que encontramos para orientar a identificação das colubrídeas da nossa área de trabalho. Para usá-la, convém fazer preliminarmente uma lista de caracteres do exemplar em mãos, na ordem em que estão arranjados no cabeçalho da tabela, e tendo em vista o que dissemos no sub-capítulo "Caracteres taxonômicos" da introdução às Serpentes.

É conveniente entrar na tabela pelas dorsais, verificando após a condição das subcaudais (simples ou duplas), da anal e da pupila. Finalmente, verifica-se se o número de ventrais e subcaudais está dentro dos limites de variação indicados. Com exemplares perfeitos é de esperar que se chegue rapidamente a uma indicação segura.

Mesmo assim deve-se passar ao tratamento individual da cobra, verificando os itens de "Reconhecimento" e as figuras. Finalmente, se houver interesse, o exemplar pode ser comparado, sob lupa, com a descrição.

Dificuldades no uso da tabela podem ser de duas naturezas: chegar-se a mais de uma espécie e não se chegar a nenhuma. No primeiro caso os caracteres de reconhecimento e as descrições devem possibilitar uma decisão rápida.

No caso de não se chegar, na tabela, a nenhuma identificação, deve-se "forçar" um pouco os caracteres, mas com certa delicadeza. Conhecem-se raros exemplares anômalos de muitas espécies; contudo, a experiência indica que as fontes mais comuns de confusão são as seguintes:

1. *Condição da anal.* Pregas acidentais ou lesões podem levar a registrar como dupla uma anal simples. Ou a anal do exemplar pode de fato variar em relação à norma.



TABELA PARA IDENTIFICAÇÃO DE COBRAS DA FAMÍLIA COLUBRIDAE NAS CAATINGAS

Dorsais		Ventrais	Sub-caudais	Anal	Pupila	Espécie
14	12	8	115-128	D	R	Chironius carinatus
15	15	11	143-153	D	R	Leptophis ahaetulla
15	15	15	60-64	D	R	Tantilla melanocephala
12-14	16	10-12	104-118	S	R	Spilotes pullatus
17	17	11	D	D	V	Thamnodynastes pallidus
17	17	13	159-172	D	R	Oxybelis aeneus
17	17	15	47-54	D	R	Liophis mossoroensis
19	19	15	46-58	D	R	Dromicus poecilogyrus
19	19	15	59-75	D	V	Thamnodynastes strigilis
19	19	15	66-80	D	R	Lygophis lineatus
19	19	15	85-129	D	R	Philodryas olfersii
19	19	17	59-77	D	R	Helicops leopardinus
19	19	17	32-46	D(S)	R	Waglerophis merremii
19	19	17	69-83	D	R	Dromicus viridis
19	19	17	75-98	S	V	Pseudoboa nigra
19	19	17	63-82	SD	V	Clelia occipitolutea
(21)	19	17	51-72	S	V	Oxyrhopus trigeminus
21	21	17	105-141	D	R	Philodryas nattereri

Dorsais (pescoço, meio corpo, próximo ao ânus): L, lisas; Q, quilhadas; E, estriadas. Sub-caudais: S, simples; D, duplas. Anal: S, simples; D, dividida. Pupila: R, redonda; V, vertical.



2. *Forma da pupila.* Pupilas verticais muito dilatadas podem parecer redondas, como dito acima.

3. *Número de subcaudais.* Às vezes a cauda está mutilada e bem cicatrizada perto da ponta; apenas a prática permite resolver certos casos (e às vezes nem ela). Ou pode-se dar que o indivíduo em mãos de fato esteja fora dos limites dados por nós para a espécie, em vista de termos disposto de materiais insuficientes. Toda vez que um exemplar deixar de coincidir com nossas contagens, especialmente se por poucas escamas, deve-se verificar na descrição qual o tamanho da amostra em que ela se baseia, e orientar por aí a decisão.

4. *Número de ventrais.* Dúvidas causadas por pequenas diferenças no número de ventrais devem ser tratadas como no caso das subcaudais, isto é, verificando se dispuzemos de um número adequado de exemplares.

Qualquer dúvida que sobreviva a esse tratamento deve ser submetida a um especialista, a quem deve ser encaminhado o exemplar com uma carta explicativa. Vide detalhes na seção sobre Coleta e Preservação.

Chironius carinatus (Lineu, 1758)

(Figuras 17 a 19)

Cobra cipó

Reconhecimento

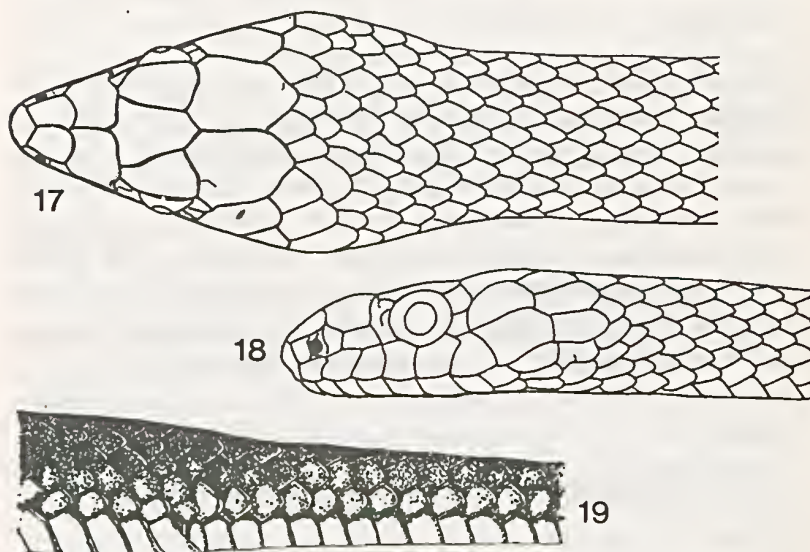
Chironius é um dos dois únicos gêneros brasileiros com número par de dorsais a meio corpo: 10 ou 12. O outro, *Spilotes*, tem 16. Esta espécie tem quilhas nas 2 fileiras centrais, e as restantes dorsais lisas.

Descrição

Pupila redonda. Olho muito grande. Rostral mais larga que alta, visível de cima; internasais tão longas ou ligeiramente mais curtas que as prefrontais; frontal mais longa



que larga; loreal mais longa que alta; 1 ou 2 (raramente 3) post-oculares; temporais 1 + 1 ou 1 + 2; 8 ou a 9 supralabiais, 4ª e 5ª, 5ª e 6ª, ou 4ª, 5ª e 6ª, em contacto com o olho; 5 ou 6 infralabiais em contacto com as post-mentais



Figs. 17-19. *Chironus carinatus*, MZUSP 3163, Quebrangulo, Alagoas. Cabeça, vistas dorsal e lateral, e padrão de colorido da face lateral da cauda (o asterisco marca a escama anal).

anteriores, que são tão longas ou mais curtas que as posteriores. Dentes maxilares 16 a 17, subiguais, separados por um diástema de 2 presas maiores, não sulcadas. Dorsais em 14 fileiras no pescoço, 12 a meio corpo e 8 próximo ao ânus; as 2 fileiras medianas com quilhas baixas, as outras lisas. Dorsais do pescoço com fossetas apicais enormes. Ventrals fracamente anguladas lateralmente, 149-158 em 12 exemplares do Nordeste em geral, 134-158 em 2 exemplares das caatingas; anal dividida; subcaudais duplas, 122-128 pares em 3 exemplares do Nordeste, 115-127 em 2 das caatingas.

Dorso verde oliváceo escuro, tendendo para azulado nos lados. Lábio superior e partes ventrais amarelos. Su-

turas ventrais marcadas de preto, mais intenso na cauda. Escamas da 1ª fileira dorsal da cauda com perímetro preto e centro claro.

Comprimento: cerca de 170 cm (cauda 55).

Comentário

Chironius carinatus é um nome que costumava ser atribuído a exemplares provenientes de uma vasta área, da América Central ao sul do Brasil. Esse conceito amplo foi sucessivamente sendo restringido, pelo reconhecimento de diversas formas. O conceito atual de *carinatus*, resultante dessas sucessivas reduções, sem uma redefinição, não é bem claro; o que aqui adotamos aplica-se a exemplares da Amazônia, da Mata Atlântica, do agreste (1 exemplar de Agrestina) e das caatingas (1 exemplar de Cabrobó).

Biologia

Nada sabemos desta cobra na área das caatingas.

Clelia occipitolutea (Duméril, Bibron & Duméril, 1844)

(Estampa III)

Cobra preta

Reconhecimento

Em outras partes do Brasil esta espécie, bem como *Clelia clelia*, que não ocorre nas caatingas, é chamada "mus-surana". As principais diferenças entre as duas espécies estão no colorido. O dorso do jovem de *Clelia clelia* é coralino, enquanto em *C. occipitolutea* é roxo. O adulto de *C. clelia* tem o ventre imaculado, com exceção da extremidade lateral das ventrais; em *C. occipitolutea* há sempre tendência ao melanismo.

Na área das caatingas há uma espécie próxima, *Pseudoboa nigra*, que também é chamada "cobra preta" e atinge o mesmo tamanho. A principal diferença entre as duas

espécies está na escutelação da face ventral da cauda: em *Clelia* pode haver algumas subcaudais inteiras, mas a quase totalidade é aos pares; em *Pseudoboa* pode haver subcaudais duplas na base da cauda, mas o restante é coberto por escamas simples. Quanto ao colorido, o jovem de *P. nigra*, diferentemente dos jovens das espécies de *Clelia* citadas, apresenta o colar branco mais largo, incluindo lateralmente as post-oculares e labiais posteriores, dorsalmente parte da frontal e das supraoculares, ficando as parietais totalmente imaculadas. Posteriormente atinge o nível da 5ª ou 6ª dorsal.

Descrição

Pupila vertical. Rostral bem visível de cima. Supranasais pequenas. Frontal em forma de escudo. 1 pré e 2 postoculares. Temporais 2 + 3. Supralabiais 7 (8). Dentes maxilares 10-15 + 2 sulcados. Dorsais lisas, com 2 fossetas, em 19 fileiras no pescoço, 19 a meio corpo e 17 próximo ao ânus. Ventrais 204-245 (30 exemplares). Anal simples. Subcaudais 63-82 (11 exemplares) sendo as proximais simples e as distais duplas, às vezes entremeadas próximo à base da cauda.

No colorido há acentuadas mudanças ontogenéticas. O jovem apresenta as partes dorsais roxas; um colar nual branco, mais estreito no meio (da metade posterior das parietais até 3 a 4 dorsais anteriores) e mais largo nos lados (até as temporais anteriores). As escamas das 3-4 fileiras inferiores de dorsais têm a base clara e a ponta escura, o que dá aos flancos um aspecto reticulado. Partes ventrais brancas ou amarelas, imaculadas anteriormente, posteriormente com manchas cinzentas mal definidas.

As partes dorsais do adulto são uniformemente enegrecidas, a cor estendendo-se mais diluída às ventrais, anteriormente só na margem, posteriormente ocupando todo o ventre. A superfície ventral da cauda é tão escura quanto a dorsal.

Comprimento, machos 160 cm (cauda 30), fêmeas 200 cm (cauda 30).



Biologia

As mussuranas são conhecidos ofiófagos. Além disso, *Clelia* come, pelo menos, mamíferos e lagartos. Mata por constricção. Na área das caatingas é encontrada em todos os tipos de habitat; apesar de preferencialmente crepuscular e noturna, caça também durante o dia. É ovípara, e põe de 9 a 14 ovos.

Dromicus poecilogyus (Wied, 1825)

(Estampas IV e V)

Jararaquinha; rainha

Reconhecimento

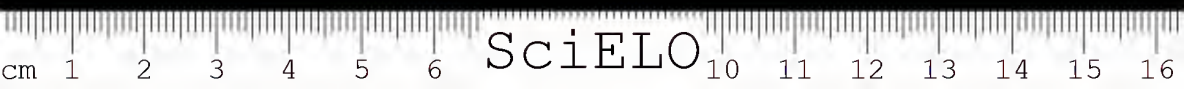
Os adultos desta espécie são identificados com o auxílio das contagens de escamas. Geralmente não há problema. É útil, porém, separar os jovens dos de duas espécies próximas, *Dromicus viridis* e *Liophis mossoroensis*.

O dorso da cabeça é castanho em *poecilogyus*, verde claro a verde cinza em *viridis*. As faixas dorsais transversas são curtas (2-3 escamas) e bem organizadas em *viridis*, mais longas (5-6 escamas) e mais desencontradas em *poecilogyus*. Este tem faixas ventrais, ausentes em *viridis*.

O jovem de *Liophis mossoroensis* não tem colar nual, apenas uma mancha clara de cada lado; suas supralabiais são tarjadas de preto, ao contrário dos *Dromicus*. O dorso não apresenta a alternância de barras transversais escuras e claras, mas simplesmente linhas transversais claras, finas, sobre fundo acastanhado. As ventrais são claras, com tarjas ocasionais, freqüentemente ocupando apenas uma metade da ventral.

Descrição

Pupila redonda. Rostral tão larga quanto alta, visível de cima; internasais iguais ou mais curtas que as prefron-



tais; frontal mais curta ou do mesmo tamanho que as parietais; loreal tão longa quanto alta, ou mais alta, uma pré e 2 post-oculares; temporais 1 + 2; 8 supralabiais (4ª e 5ª entrando no olho), 4 ou 5 infralabiais em contacto com as postmentais anteriores, que são tão ou mais longas que as posteriores. Áglifa, mas com 2 dentes aumentados.

Dorsais lisas, com uma fosseta apical, freqüentemente difícil de ver. Na altura do pescoço há 19 fileiras de dorsais, 19 a meio corpo e 15 próximo ao ânus. Ventrals 146 a 164 (92 exemplares); anal dividida; subcaudais 46 a 58 (75 exemplares).

Colorido do jovem: cabeça caracteristicamente castanha no dorso, com manchas escuras nas suturas e pontos diversos. Um collar nuchal preto, da borda posterior de cada lado da parietal à 5ª ou 6ª dorsal. Daí para trás uma série de manchas dorsais, de 5-6 escamas de comprimento, alcançando as ventrais; as manchas de cada lado às vezes justapostas, formando faixas transversais, às vezes não. Entre elas, da 6ª dorsal para baixo, manchas escuras de cada lado. Partes ventrais com faixas transversais cinzentas, completas ou não.

Com o crescimento o padrão vai se transformando em "selas" (faixas mais curtas na região vertebral) de variado grau de definição. O colorido do adulto é obsoleto, sub-reticulado; as partes ventrais e o lábio superior claros.

Comprimento 68 cm (cauda 14).

Comentário

Esta espécie está dividida, na literatura, em numerosas subespécies, sem base, porém, em qualquer análise mais cuidadosa. É provável que de fato existam raças, e mesmo espécies distintas, mas não achamos prudente adotar o esquema em uso. Segundo este na área das caatingas ocorreriam *D. p. franciscanus* (Amaral) e *D. p. xerophilus* (Amaral). O grupo de espécies distribui-se da Amazônia à Argentina, em todos os tipos de formações.



Até recentemente o nome genérico adotado era *Leimadophis*; Maglio (1970) mostrou que deveria ser *Dromicus*, por questões anatômicas.

Biologia

Esta é uma cobra diurna, que frequenta a vizinhança da água, especialmente sítios pantanosos; nada bem. Parece dormir em forquilhas baixas. É estritamente batracófaga. É uma espécie ovípara, com pelo menos 2 ninhadas por ano, de 3 a 17 ovos cada.

Dromicus viridis (Günther, 1862)

(Estampa IV)

Cobra verde

Reconhecimento

O jovem desta espécie pode ser confundido com o de *D. poecilogyrus* e, possivelmente, com o de *Liophis mossorensis*; ver o comentário a *D. poecilogyrus*.

O adulto pode ser confundido com a outra cobra verde comum na região, *Philodryas olfersii*. Esta, porém, tem o ventre verde, ao passo que *D. viridis* o tem branco ou amarelado; a cauda do *Philodryas* é mais longa e tem maior número de subcaudais (95 a 129, contra 69 a 83 no *Dromicus*); finalmente, *P. olfersii* tem 15 fileiras de dorsais próximo ao ânus, e *D. viridis* 17.

Descrição

Pupila redonda. Focinho curto e bastante pontudo. Rostral mais larga que alta, bem visível de cima; internasais tão longas quanto largas, tão longas quanto ou mais curtas que as prefrontais; frontal mais longa que larga, igual em comprimento ou algo mais longa que as parietais; loreal tão longa quanto alta, ou mais alta que longa; uma pré

e 2 post-oculares; temporais 1 + 2; 8 supralabiais, 4 e 5ª entrando no olho; 5 infralabiais em contacto com o 1º par de post-mentais, que são tão longas quanto ou um pouco mais curtas que o 2º par. Dorsais lisas, com uma fosseta apical, às vezes difícil de ver. Na altura do pescoço há 19 fileiras de dorsais, 19 a meio corpo e 17 próximo ao ânus. Ventrals 176-199 (43 exemplares). Anal dividida. Subcaudais 69-83 (36 exemplares). Áglifa, com dois dentes aumentados.

Partes dorsais verdes, de tonalidade muito clara até média, uniforme ou com leves sinais de reticulado, branco ou escuro. Metade inferior do lábio superior e partes ventrais esbranquiçadas, apenas a face ventral da cauda mostrando leve tinta verde. O jovem tem as partes dorsais de verde claro a verde cinza, com um colar escuro ocupando 2 a 3 escamas, e no máximo tocando a margem posterior das parietais. Dorso imaculado ou com faixas transversais pretas estreitas, confluentes ou alternadas. Partes ventrais imaculadas.

Comprimento 50 cm (cauda 15).

Distribuição

Do Nordeste do Brasil ao Paraguay.

Biologia

É uma cobra diurna, que anda pelo chão e pela vegetação baixa. É essencialmente batracófaga, mas também pode comer insetos. A fêmea bota 2 a 6 ovos por vez. Não há estação preferencial para a reprodução.

Helicops leopardinus (Schlegel, 1873)

(Figuras 20 e 21)

Cobra água

Reconhecimento

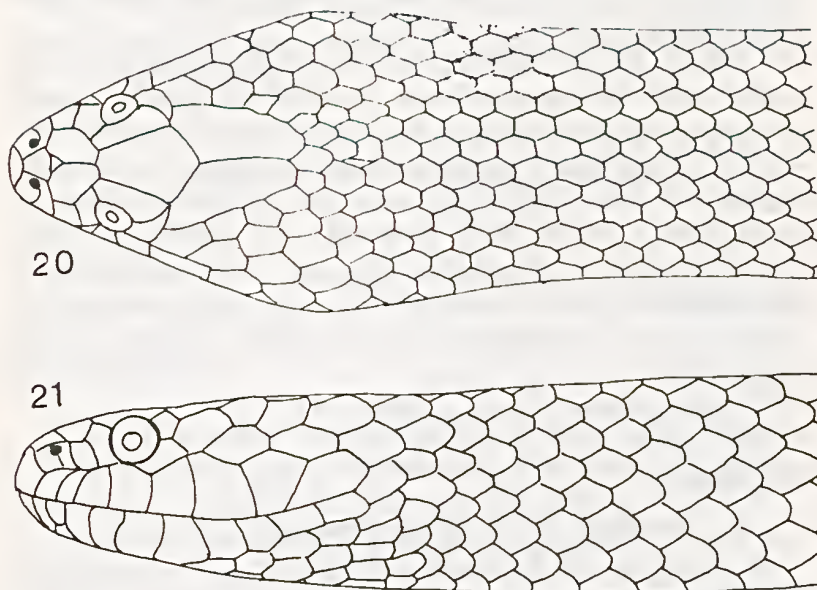
A internasal única e as dorsais quilhadas são características do gênero. A espécie se reconhece pelas contagens



de escamas e pelo colorido do ventre, com faixas incompletas que se fundem no meio, formando um reticulado.

Descrição

Pupila redonda. Rostral visível de cima, formando uma sutura curta com a internasal, que é única; frontal mais longa que larga, dilatada atrás, e mais curta que as



Figs. 20-21. *Helicops leopardinus*, MZUSP 6453, Jacobina, Bahia. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

parietais; parietais grandes e de bordas irregulares. Às vezes há algumas escamas irregulares no topo do focinho. Narinas valvulares, voltadas para cima, situadas em nasais semi-divididas. Loreal mais alta que longa; uma pré- e 2 a 3 post-oculares; temporais 1 + 2. Supralabiais 8 a 9, as anteriores muito oblíquas, 3ª e 4ª entrando no olho; 4 a 5 infralabiais em contacto com o 1º par de post-mentais, que são do mesmo tamanho que o 2º par. Dentição áglifa, com diástema.

Escamas dorsais com ponta truncada, estriadas, com quilhas baixas, chegando ou não à ponta da escama (ausen-

tes nas fileiras 1 e 2), mais pronunciadas na parte posterior do tronco. Na altura do pescoço há 19 ou 21 fileiras de dorsais, 19 a meio corpo e 17 próximo ao ânus. Ventrals 123-131 (11 exemplares). Anal dividida. Subcaudais 59-77 (9 exemplares).

Colorido dorsal de fundo castanho escuro com 2 séries de manchas redondas paravertebrais mais escuras. Nos flancos manchas escuras, a maioria das quais se continua em faixas irregulares no ventre. As faixas são em geral incompletas e se anastomosam com as vizinhas, dando um aspecto reticuládo ao ventre. Espaços entre as faixas ventrais em vida vermelho escuro, quase vinhoso e bem brilhante (com exceção das 2 anteriores que são brancas ou amarelas), desbotando com a conservação. Face dorsal da cabeça escura, uniforme; lados e parte ventral com manchas claras irregulares.

Comprimento 74 cm (cauda 19).

Distribuição

Das Guianas ao norte da Argentina.

Biologia

Esta é uma cobra d'água, que se alimenta, ao que se saiba, de pequenos peixes. Nesta região de águas intermitentes habita, naturalmente, os açudes.

Leptophis ahaetulla (Lineu, 1758)

(Figuras 22 e 23; estampa VI)

Cobra cipó

Reconhecimento

Esta cobra é identificável pelas contagens de escamas e pelo colorido, cujos elementos fundamentais são a cor de fundo azulada e 3 faixas (1 vertebral e 1 em cada flanco) longitudinais claras.

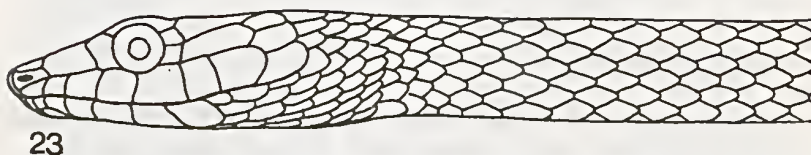
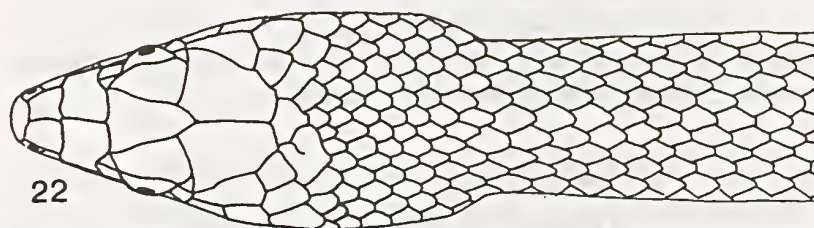


Descrição

Pupila redonda. Frontal mais longa que as parietais. Parietal mais longa que larga, levemente indentada pela temporal posterior superior. Nasal semi-dividida. Loreal normalmente ausente. Uma pré e 2 post-oculares. A post-ocular superior tem mais que duas vezes o tamanho da inferior. A pré-ocular normalmente não está em contacto com a frontal. Temporais 1 + 2. Supralabiais 9, infralabiais 11. Dentição áglifa, últimos 3 dentes aumentados, sem diástema.

Dorsais oblíquas, com quilhas baixas, geralmente apenas evidentes no terço posterior do corpo, na 3ª, 4ª e 5ª dorsais (de 11), nunca na 6ª, freqüentemente só na 5ª. Às vezes a quilha é sublinhada por pigmento escuro. Fossetas apicais grandes. Na altura do pescoço há 15 fileiras de dorsais, 15 no meio do corpo e 11 próximo ao ânus. Ventrals 161-170 (8 exemplares) tendo de cada lado uma ligeira quilha. Anal dividida. Subcaudais 143-153 (4 exemplares).

Colorido dorsal de fundo azul-esverdeado nacarado; escamas da fileira médio-dorsal manchadas de verde claro



Figs. 22-23. *Leptophis ahaetulla*, MZUSP 7095, Exu, Pernambuco: Cabeça, vistas dorsal e lateral.

ou amarelo dourado, formando uma linha vertebral interrompida. Ao longo das dorsais 2-3 a 4-5, uma faixa longitudinal irregular cor de ouro velho com pequenas pintas pretas. Primeira dorsal e ventrais amarelo claro na parte anterior do corpo, escurecendo posteriormente e ficando cinza na cauda. As quilhas das ventrais são levemente mais claras que o resto da escama, formando duas delicadas linhas claras longitudinais ininterruptas. A garganta e o lábio superior são brancos. Da rostral parte uma fina linha preta, ao longo da margem superior das supralabiais. Atrás do olho essa faixa se alarga, corre ao longo da aresta temporal e se perde nos lados do pescoço.

Comprimento 100 cm (cauda 57).

Distribuição

A espécie se distribui do México a Misiones, na Argentina. A raça típica, que ocorreria no Nordeste, é dita distribuir-se das Guianas pelo leste da Amazônia até a Bahia; a divisão em subespécies, porém, não é satisfatória, no que diz respeito ao Brasil.

Biologia

Serpente diurna, que freqüenta principalmente vegetação baixa. A alimentação que se conhece na área das caatingas constitui-se de pequenos anfíbios, o que talvez indique que a cobra também caça à noite. É uma espécie ovípara, que põe 4-7 ovos por vez.

Liophis mossoroensis Hoge & Lima Verde, 1972

(Estampa IV)

Jararaquinha, jararacussu água

Reconhecimento

As contagens orientam a identificação, e o colorido, especialmente da cabeça (castanha laivada de claro e escuro).



ro) caracteriza o adulto. Quanto ao jovem, ver *Dromicus poecilogyrus*.

Descrição

Pupila redonda. Rostral mais larga do que alta, visível de cima; narina entre 2 nasais e em contacto por um ponto, ou quase, com a internasal. Loreal presente. Uma pré e 2 post-oculares. Temporais 1 + 2, a anterior estreita e comprida. Supralabiais 8, 4ª e 5ª entrando no olho; infralabiais 10.

Escamas dorsais lisas, sem fossetas. Na altura do pescoço há 17 fileiras de dorsais, 17 no meio do corpo e 14 próximo ao ânus. Ventrals 141 e 166 (29 exemplares). Anal dividida. Subcaudais 47 a 54 (20 exemplares).

Colorido do jovem: Cabeça dorsalmente castanho escuro, laivado de preto e de castanho claro. Uma pequena mancha nugal castanha clara de cada lado, melhor visível quando o exemplar está imerso em líquido. Dorso do tronco castanho com finas linhas transversais brancas, às vezes desorganizadas. Lados da cabeça claros com tarjas escuras nas suturas labiais. Flancos com manchas reticuladas escuras alternadas com fundo claro. Ventrals claras, algumas tarjadas na margem anterior, freqüentemente só em uma metade.

O adulto tem a cabeça castanha escura laivada de preto e branco (ou amarelo); os lábios claros com tarjas fortes nas suturas; o dorso escuro, com pontuações mais escuras e mais claras; partes ventrais claras anteriormente, depois progressivamente mais tarjadas.

Comprimento 61 cm (cauda 10).

Distribuição

Descrita da Chapada do Apodí, no Rio Grande do Norte, também é conhecida do agreste e do sertão de Pernambuco.

Comentário

Esta espécie foi descrita após a publicação do catálogo de Peters & Orejas-Miranda (1970). A descrição original está citada nas Referências deste livro.

Biologia

Cobra diurna, terrestre, geralmente associada com a vizinhança de água, especialmente ativa durante ou após chuvaradas. Pelo que sabemos, batracófaga estrita. A fêmea põe de 4 a 9 ovos, e parece não haver estação preferencial de cria.

Lygophis lineatus (Lineu, 1758)

(Figuras 24 e 25; estampa VII)

Jararaquinha

Reconhecimento

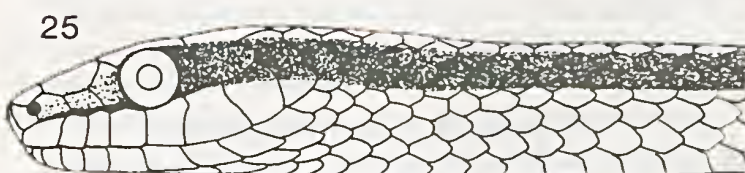
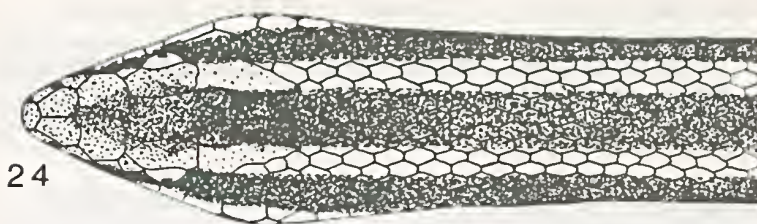
O padrão de colorido, com 3 faixas longitudinais escuras separadas por faixas brancas, é bastante característico.

Descrição

Pupila redonda. Rostral mais larga que alta, visível de cima; internasais quase triangulares; frontal estreita, bem mais longa que larga, tão longa quanto as parietais. Estas são assimétricas e de margens irregulares, às vezes fundidas com escamas da nuca. Loreal tão longa quanto alta ou mais alta, 1-2 pré e 2 post-oculares; temporais 1 + 2; 8 supralabiais (4 e 5ª entrando no olho); 5 a 6 infralabiais em contacto com o par anterior de post-mentais, que é tão longo quanto ou pouco mais curto que o par posterior. Áglifa.

Dorsais lisas, sem fossetas. Na altura do pescoço há 19 fileiras de dorsais, 19 no meio do corpo e 15 próximo ao ânus. Ventrals 169-182 (36 exemplares). Anal dividida.





Figs. 24-25. *Lygophis lineatus*, MZUSP 6918, Exu, Pernambuco. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

Subcaudais 66-80 (29 exemplares); há dimorfismo sexual no número de subcaudais, maior nos machos.

Partes ventrais e primeiras 3 1/2 fileiras de escamas dorsais brancas; a metade superior da 4ª dorsal negra. Seguintes 2 fileiras de dorsais pintadas de castanho escuro e claro, o escuro predominando. Metade inferior da 7ª semelhante à metade superior da 4ª. Forma-se assim, ao longo do flanco, uma faixa acastanhada de bordos escuros, contrastando fortemente com o branco adjacente. Metade superior da 7ª e inferior da 8ª fileiras dorsais brancas. Região vertebral com uma faixa escura semelhante à do flanco: 3 fileiras de escamas pintadas, marginadas por meia fileira de cada lado (metade superior da 8ª dorsal) de escamas pretas. Na cabeça a faixa escura do flanco se torna mais estreita e passa através do olho, ocupando uma área variável do topo das supralabiais e, mais diluída, a pré-ocular, a loreal, as nasais e a metade superior da rostral. As faixas

claras adjacentes a esta do lado dorsal correm pelo meio da parietal, pela supraocular, pré-frontal e internasal, onde as duas faixas simétricas se encontram; na cabeça as faixas não são mais brancas, porém amarelo queimado. A área escura mediana prolonga-se na cabeça, menos escura e menos homogênea, até a metade posterior das internasais. Na parte posterior do corpo e da cauda o contraste entre as áreas escuras e claras é mais vivo, e as faixas são correspondentemente mais estreitas.

Comprimento 57 cm (cauda 18).

Distribuição

A espécie vai do Panamá ao norte da Argentina a leste dos Andes, atingindo o sul do Equador a oeste. A subespécie assinalada para o Nordeste é *L. l. dilepis*, dita ocorrer do Rio Grande do Norte, através de Mato Grosso e do Paraguay, até o norte da Argentina.

Comentário

Esta espécie é dividida pelos autores em 3 raças geográficas, razoavelmente distinguíveis pelo colorido, mas falta uma boa revisão.

Biologia

É uma serpente diurna, geralmente encontrada na margem de cursos d'água e lagoas. Parece ser estritamente batracófaga. Não temos dados sobre a reprodução.

Oxybelis aeneus (Wagler, 1824)

(Figuras 26 a 28; estampa VIII)

Bicuda; cobra cipó

Reconhecimento

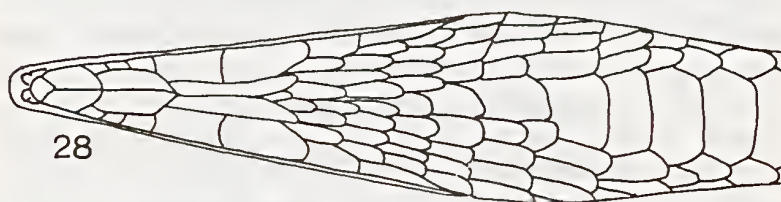
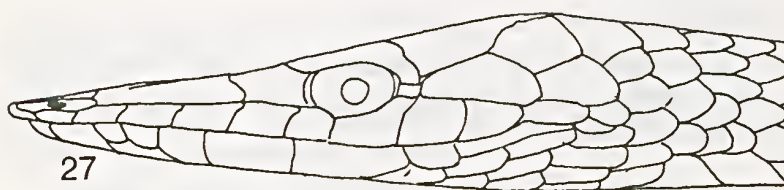
A forma da cabeça, bicuda e com visão binocular, as escamas dorsais da cabeça todas alongadas, o corpo del-



gado, a longa cauda, o colorido pardo, com finas estriações brancas, e a faixa gular longitudinal caracterizam bem esta espécie.

Descrição

Pupila redonda. Focinho muito alongado, "bicudo", com um sulco longitudinal de cada lado, na frente do olho, o que dá ao animal visão binocular. A mandíbula é mais curta que o maxilar superior; a rostral tem uma parte an-



Figs. 26-28. *Oxybelis aeneus*, MZUSP 7136, Exu, Pernambuco. Cabeça, vistas dorsal, lateral e ventral.

terior vertical, curta e uma ventral, mais longa, deprimida no meio. Todas as escamas dorsais da cabeça muito alongadas. Nasal muito estreita e alongada; loreal ausente;

pré-ocular alta. Temporais 1 + 2, com indícios claros de uma temporal anterior fundida com a parietal. Sinfusal muito pequena, alojada em uma depressão na parte posterior da porção horizontal da rostral. Primeiro par de infralabiais grande, trapezoide, em contacto na linha mediana, encaixado no 1º par de post-mentais, que são curtas e largas e sobrepostas à 3 e 4ª infralabiais e não à 2ª. O 2º par de post-mentais muito estreito e alongado. Dentição maxilar homogênea, com os 3 a 5 últimos dentes sulcados.

Dorsais finamente estriadas, com poros às vezes muito grandes, outras imperceptíveis. Na altura do pescoço há 17 fileiras de dorsais, 17 no meio do corpo e 13 próximo ao ânus. Ventrais 190-201 (21 exemplares). Anal dividida. Subcaudais 159 a 172 (8 exemplares).

Colorido do dorso pardo acinzentado, com finas estriações brancas. Cabeça mais escura, com uma linha bem escura marginando as supralabiais, que são brancas. Região gular e ventre anterior brancos; no meio da garganta nasce uma faixa amarelo queimado, que se vai alargando até ocupar toda a superfície ventral, ficando assim toda a cobra da mesma cor.

Comprimento: 105 cm (cauda 63).

Distribuição

Do Sul do Arizona até o Brasil (latitude do Espírito Santo).

Comentário

Está espécie foi recentemente revista por Keiser (1974).

Biologia

Serpente diurna, maiormente arborícola. Alimenta-se de lagartos, que mantém na mordida até que seu veneno aja. Época de reprodução, Janeiro e Fevereiro; 4 a 6 ovos por postura.



Oxyrhopus trigeminus Duméril, Bibron & Duméril, 1854

(Figuras 29 e 30; estampa IX)

Coral; cobra de coral

Reconhecimento

Além das contagens e da pupila vertical, é bem característico o padrão de colorido "coral", em tríades. Distingue-se facilmente da única coral venenosa da região, *Micrurus ibiboboca*, porque os anéis não se estendem ao ventre, ao contrário da elapídea, que tem anéis completos.

Descrição

Pupila vertical. Focinho obtuso, mas bastante proeminente. Rostral mais larga que alta, visível de cima; internas muito mais curtas que as prefrontais, que estão em contacto com as nasais posteriores; frontal curta e larga, de margem anterior transversal, mais curta que as parietais; loreal muito mais longa que alta; uma pré-ocular, formando uma sutura estreita com a frontal; 2 post-oculares; temporais 2 + 3; 8 supralabiais, 4 e 5ª entrando no olho; 4 ou 5 infralabiais em contacto com o par anterior de post-mentais, que é tão longo quanto ou pouco mais longo que o 2º par. Dentes maxilares 10-15, sub-iguais, seguindo-se um diástema e depois um par de dentes sulcados, moderadamente aumentados. Dorsais lisas, com 2 fossetas apicais, pequenas mas bem visíveis. Na altura do pescoço há 19 ou 21 fileiras de dorsais, 19 no meio do corpo e 17 próximo ao ânus. Ventrals 175-206 (41 exemplares). Anal inteira. Subcaudais 51-72 (37 exemplares).

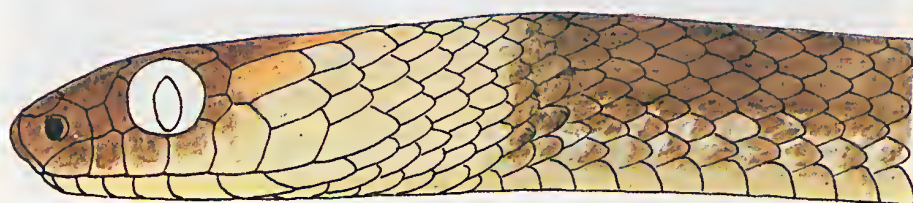
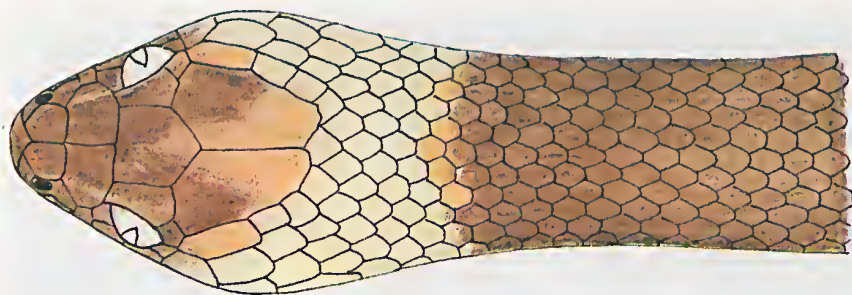
Colorido tipo "coral", com tríades de anéis pretos, as vezes assimétricos; intercalados entre os elementos de cada tríade 2 anéis, cujas escamas têm base de amarelo a avermelhado e ponta freqüentemente preta; entre cada duas tríades, uma área vermelha, com algumas pontuações pretas. Cabeça preta até o nível das parietais; depois um anel



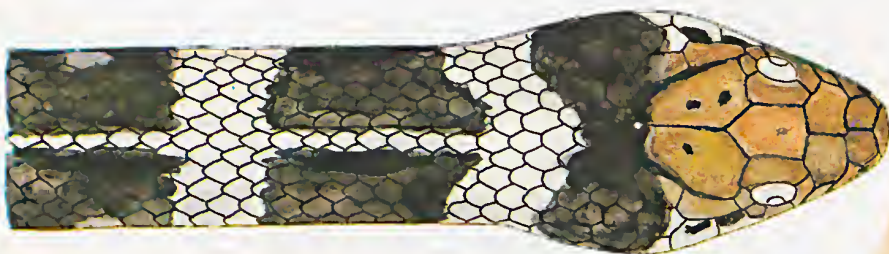
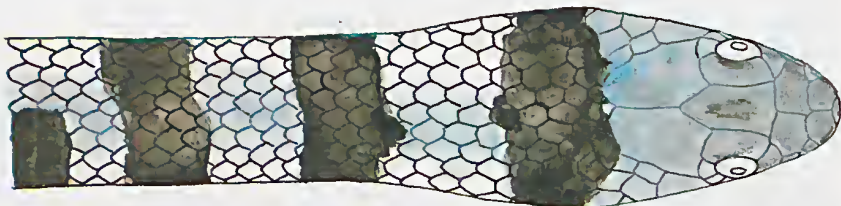
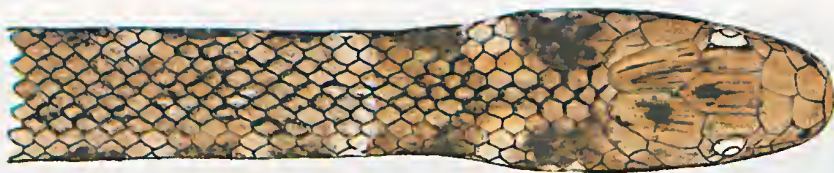
Estampa I. *Boa constrictor* (Exu, Pernambuco).



Estampa II. *Epicrates cenchria* (Exu, Pernambuco).



Estampa III. *Clelia occipitolutea* (MZUSP 4161, jovem, São Roque, S. Paulo).



Estampa IV. De cima para baixo, jovens de *Liophis mossoroensis* (MZUSP 4929, Agrestina, Pernambuco), *Dromicus viridis* (MZUSP 7078, Exu, Pernambuco) e *Dromicus poecilogyrus* (MZUSP 7048, Exu).



Estampa V. *Dromicus poecilogyris*, jovem (Exu, Pernambuco).



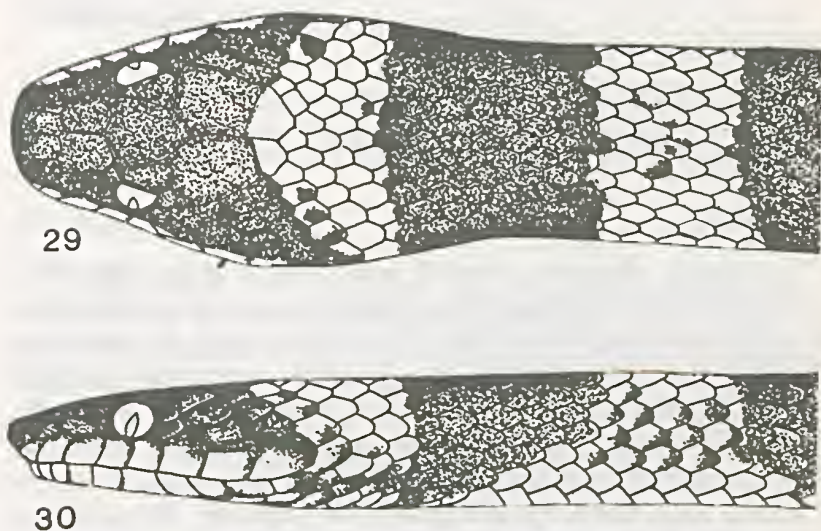
Estampa VI. *Leptophis ahaetulla* (Exu, Pernambuco).



Estampa VII. *Lygophis lineatus* (Exu, Pernambuco).



Estampa VIII. *Oxybelis aeneus* (Exu, Pernambuco).



Figs. 29-30. *Oxyrhopus trigeminus*, MZUSP 7139, Exu, Pernambuco. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

vermelho e 2 anéis pretos, separados como os das tríades. Partes ventrais brancas, com ou sem tarjas pretas nas beiradas das ventrais. Às vezes o padrão de tríades torna-se bastante obsoleto, por infusão de preto.

Comprimento 57 cm (cauda 13).

Distribuição

Da Amazônia ao Paraguay.

Biologia

Serpente encontrada tanto de dia como de noite, no chão. Come principalmente lagartos, mas às vezes também pequenos mamíferos. Mata por constricção, embora seja possível que seu veneno também colabore. Reproduz-se durante todo o ano; postura de 4 a 6 ovos.

Philodryas nattereri Steindachner, 1870

(Estampas X e XI)

Cobra cipó; surradeira

Reconhecimento

O padrão de colorido é muito característico, especialmente a garganta castanha, variegada de tons mais claros e escuros.

Descrição

Pupila redonda. Rostral pouco mais larga que alta, visível de cima; internasais mais curtas que as pré-frontais; frontal mais longa que larga e mais longa que as parietais; parietal atingindo lateralmente a região temporal anterior; loreal tão larga quanto alta; uma pré-ocular, não atingindo a frontal; 2 ou 3 post-oculares; padrão temporal extremamente variável: fundamentalmente 2+3, mas muito frequentemente com fusões ou subdivisões de escamas. Supralabiais 8, 4ª e 5ª entrando no olho; 5 infralabiais em contacto com o 1º par de post-mentais, que é tão longo quanto o 2º. Opistóglifa.

Dorsais lisas, com 2 fossetas apicais grandes. Na altura do pescoço há 21 fileiras de dorsais, 21 no meio do corpo e 17 próximo ao ânus. Ventrais 201 a 219 (116 exemplares). Anal dividida. Subcaudais 105 a 141 (72 exemplares).

Partes dorsais pardas com pontuações pretas. Uma fina linha clara começando na margem anterior da inter-nasal e seguindo ao longo do canto rostral e do supercílio, atravessando a ponta da parietal e a região temporal. Loros fuliginosos. Lábio superior branco, marginado de preto em cima e em baixo; a linha da margem superior continua atrás do olho e segue como uma linha escura na 4ª fileira dorsal. Uma faixa de cor cremosa, marginada de escuro, ocupando a ponta de cada ventral e a metade inferior da 1ª dorsal; obsoleta posteriormente. Garganta castanha, pintada de pardo claro e de preto; daí para trás o ventre vai progressivamente clareando.



No jovem o contraste de cores claras e escuras é mais vivo. No pescoço as fileiras 1, 2 e metade da 3ª são claras, tornando-se mais escuras na região posterior do corpo.

Comprimento 120 cm (cauda 51).

Distribuição

Caatingas; cerrados do Brasil Central até o Paraguay.

Biologia

Espécie diurna terrestre, comuníssima; é a mais frequentemente encontrada atropelada nas estradas. Dieta variada, constituída de pequenos mamíferos, aves e lagartos, aparentemente não de anfíbios. Postura, de 4 a 13 ovos.

Philodryas olfersii (Lichtenstein, 1823)

(Figuras 31 e 32; estampa XII)

Cobra verde; bojobí

Reconhecimento

É uma cobra verde, com o ventre mais claro que o dorso. Pode ser confundida com *Dromicus viridis*, de que difere principalmente no número de sub-caudais e de dorsais à frente do ânus, bem como na côr do ventre, que é branco ou amarelado no *Dromicus*. O outro *Philodryas* da região, *nattereri*, difere tanto em colorido que não há confusão possível.

Descrição

Pupila redonda. Rostral pouco mais larga que alta, mal visível de cima; internasais mais curtas que as prefrontais; frontal mais longa que larga, tão longa quanto ou pouco mais curta que as parietais; loreal tão larga quanto alta, ou mais longa que alta; uma pré-ocular (raramente dividida), usualmente não alcançando a frontal; 2 post-ocu-



lares; temporais 1+1 ou 1+2; 8 supralabiais, 4ª e 5ª entrando no olho; 4 (raramente 5) infralabiais em contacto com o 1º par de post-mentais, que é tão longo quanto ou pouco mais longo que o 2º. Opistóglifa.

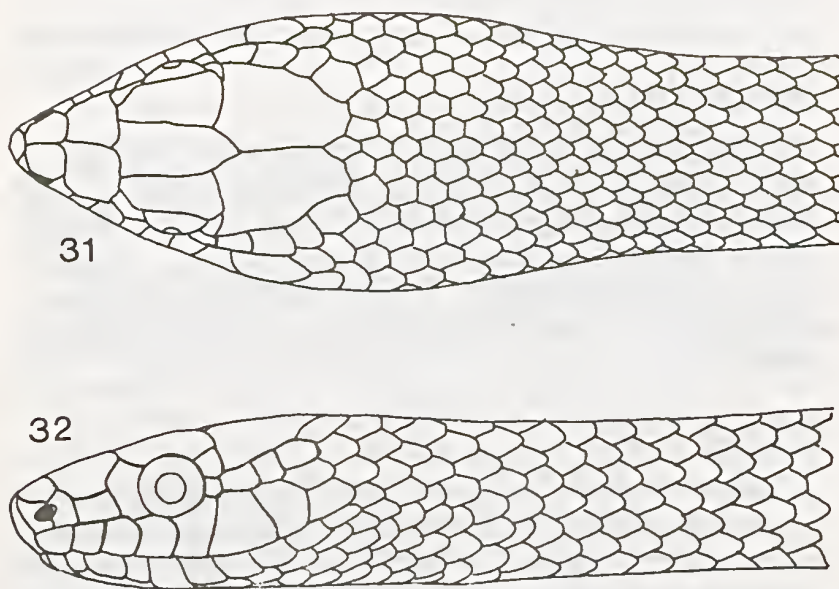
Dorsais lisas, com uma fosseta apical grande. Na altura do pescoço há 19 (excepcionalmente 21) fileiras de dorsais, 19 no meio do corpo e 15 próximo ao ânus. Ventrals 180-210 (117 exemplares). Anal dividida. Subcaudais 95-129 (71 exemplares).

Colorido dorsal verde; partes ventrais verde mais claro, lavado de amarelo.

Comprimento 97 cm (cauda 40).

Distribuição

Da Amazônia ao norte da Argentina.



Figs. 31-32. *Philodryas olfersii*, MZUSP 4926, Agrestina, Pernambuco. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

Biologia

Diurna, terrestre e frequentando a vegetação baixa; mais viva de manhã cedo. É uma caçadora ativa e come vertebrados de todos os tipos. Época preferencial de reprodução de Setembro a Novembro; 4 a 10 ovos por postura.

Pseudoboa nigra (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)
(Figuras 33 e 34; estampa XIII)

Cobra preta

Reconhecimento

Ver *Clelia occipitolutea*.

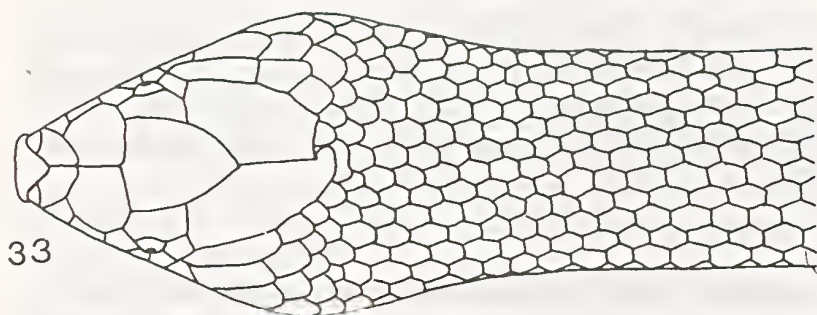
Descrição

Pupila vertical. Rostral muito espessa, como que imbricada sobre as outras escamas, aparecendo muito no topo do focinho. Internasais muito mais curtas que as préfrontais; frontal um pouco mais longa que larga, mais curta que as parietais; loreal baixa; uma pré-ocular que não alcança a superfície superior da cabeça; 2 post-oculares; temporais 2+3; 8 supralabiais, 4ª e 5ª entrando no olho; 4 infralabiais em contacto com o 1º par de post-mentais, que é tão longo quanto ou pouco mais curto que o 2º. Opistóglifa, presas pequenas.

Dorsais lisas, com 2 fossetas apicais. No pescoço há 19 fileiras de dorsais, 19 no meio do corpo e 17 próximo ao ânus. Ventrals 197 a 221 (15 exemplares). Anal inteira. Sub-caudais 75 a 98 (9 exemplares), simples, às vezes algumas proximais duplas.

O jovem tem as partes dorsais pardo claro; a cabeça até a frontal (incluída) é preta, daí branca até mais ou menos a 10ª dorsal, seguindo-se uma barra preta larga.





Figs. 33-34. *Pseudoboa nigra*, MZUSP 3843, Uberlândia, Minas Gerais. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

Partes ventrais imaculadas. À medida que o indivíduo cresce, a cor escura da barra cervical começa estendendo-se ao longo da região vertebral e aos poucos vai ocupando todas as partes dorsais: o dorso do adulto é preto arroxeadado. As partes ventrais são claras, mas a côr do dorso alcança a beirada das ventrais e se estende um pouco em cada sutura. Na cauda as suturas são manchadas proximalmente, e a quantidade de pigmento aumenta para trás, sendo a porção distal da côr do dorso.

Comprimento 82 cm (cauda 25).

Distribuição

Caatingas; cerrados do Brasil Central até o Paraguay.

Biologia

Espécie terrestre, crepuscular e noturna. Predominantemente saurívora; um exemplar continha ovos de lagartos. Não temos dados sobre a reprodução.

Spilotes pullatus (Lineu, 1748)

(Figuras 35 e 36; estampa XV)

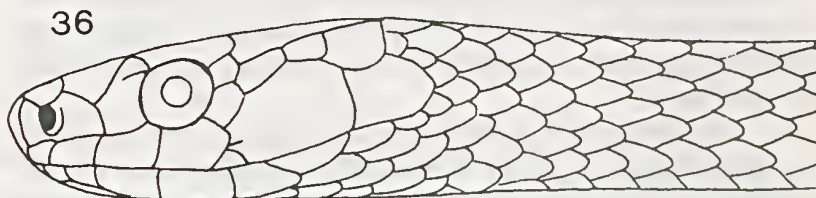
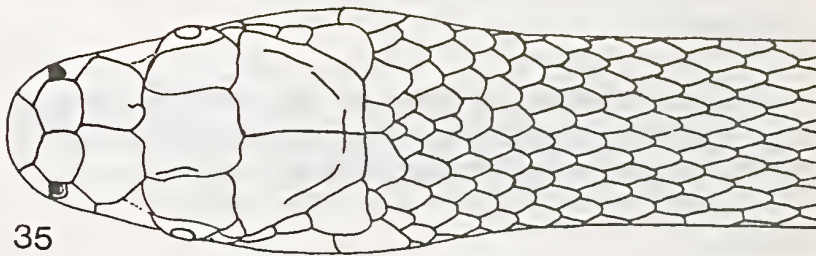
Caninana

Reconhecimento

Caracteriza-se facilmente por ter 16 fileiras de dorsais a meio corpo e pelo colorido do adulto, negro brilhante com largas tarjas amarelas na cabeça e parte anterior do corpo. O comportamento também é característico (vide abaixo, na biologia).

Descrição

Pupila redonda. Escamas da cabeça muito variáveis. Rostral bem visível de cima; internasais mais largas que longas, muito mais curtas que as prefontais; frontal mais longa que larga, pouco mais curta que as parietais; parietais formando um contorno posterior contínuo, marginado por escamas extremamente variáveis (granulares, fundidas, assimétricas, etc); nasal dividida; loreal presente ou ausente, ou assimétrica, frequentemente irregular; 1 pré-ocular; 2 post-



Figs. 35-36. *Spilotes pullatus*, MZUSP 7178, Crato, Ceará. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

oculares; temporais muito irregulares, às vezes fundidas entre si, ou fundidas com as labiais, ou granulares, ou assimétricas, etc. Supralabiais 6 a 9, contacto com o olho muito variável; 4 infralabiais em contacto com o 1º par de postmentais, que é tão longo quanto ou pouco mais curto que o 2º. Dentição áglifa.

Dorsais com quilhas baixas (não evidentes nas laterais), com 2 fossetas apicais grandes e muito visíveis. Na altura do pescoço há 12 ou 14 fileiras de escamas dorsais, 16 no meio do corpo, 10 ou 12 próximo ao ânus. Ventrals 219 a 226 (7 exemplares). Anal inteira. Subcaudais 104 a 118 (3 exemplares do Nordeste), 105 a 126 (17 exemplares de localidades diversas).

Colorido do jovem (e do adulto xantístico) amarelo, com faixas negras irregulares, oblíquas para frente e para baixo, passando para o ventre. Com o crescimento a parte posterior do corpo torna-se usualmente preta lustrosa, e o preto vai avançando até que só resta amarelo no pescoço e na cabeça, que é borrada de preto e amarelo. Nos exemplares do Nordeste a melanização não costuma ser intensa.

Comprimento 185 cm (cauda 52).

Comentário

São reconhecidas na literatura algumas raças geográficas, mas não há nenhuma análise convincente. A subespécie que ocorreria no Nordeste seria *S. p. pullatus*.

Biologia

Serpente diurna, geralmente arbórea, mas também frequentemente encontrada no chão, ou nadando. Alimenta-se principalmente de mamíferos e aves. Não temos dados sobre a reprodução.

A caninana tem pulmão traqueal, que lhe permite, quando perturbada, expandir fortemente o pescoço na direção vertical, e fazer uma exibição de movimentos e chiados ameaçadores. É contudo uma cobra mansa.



Tantilla melanocephala (Lineu, 1758)

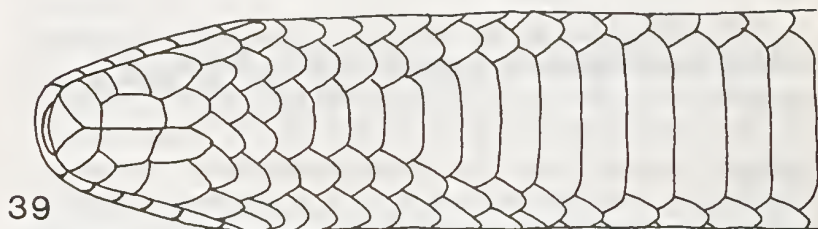
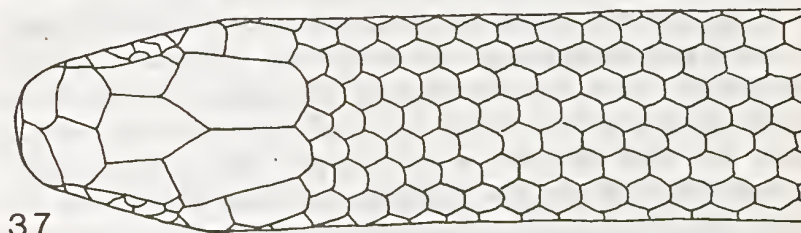
(Figuras 37 a 39)

Reconhecimento

Uma cobrinha pequena, com 15 fileiras de dorsais desde o pescoço até o ânus. Loreal ausente.

Descrição

Pupila redonda. Rostral muito mais larga que alta, visível de cima; internasais com menos que a metade do comprimento das préfrontais; préfrontal em contacto com labiais ou não; frontal hexagonal, com angulo posterior



Figs. 37-39. *Tantilla melanocephala*, MZUSP 7000, Horto Florestal de Ibura, Sergipe. Cabeça, vistas dorsal, lateral e ventral.

alongado; mais curta que as parietais; narina entre 2 nasais (que podem estar fundidas), a posterior em contacto com a pré-ocular, ou dela mais ou menos amplamente separada; 2 post-oculares; loreal ausente; temporais 1+1. Supralabiais 7, 3ª e 4ª entrando no olho; 1ª infralabial em contacto com seu par atrás da sinfisa; 4 infralabiais em contacto com o 1º par de post-mentais, que é mais longo que o 2º. Opistóglifa, com presa pequena, maxilar curto.

Dorsais lisas, sem fossetas. Na altura do pescoço há 15 fileiras de escamas dorsais, 15 no meio do corpo e 15 próximo ao ânus. Ventrals 151 e 158 (2 exemplares do Nordeste), 131 a 160 (19 exemplares de outras localidades). Anal dividida. Subcaudais 60 e 64 (2 exemplares do Nordeste), 43 a 64 (12 exemplares de outras localidades).

Colorido: dorso avermelhado com nenhuma, com uma, ou com três linhas longitudinais estreitas e escuras. Cabeça enegrecida, com manchas claras irregulares, das quais as mais constantes são: uma transversal na região supra-nasal; duas no lábio superior, separadas por uma mancha negra sub-ocular; um par nas parietais, às vezes expandidas em uma faixa transversal. Uma barra negra, de 5 a 6 escamas de comprimento, logo atrás das parietais.

Comprimento 37 cm (cauda 9).

Distribuição

Da América Central ao norte da Argentina.

Comentário

São reconhecidas na literatura subespécies (ocorreria *m. melanocephala* no Nordeste), mas não há análise convincente.

Biologia

Sabe-se que esta cobra é subterrânea. Para o Nordeste não temos dados de história natural.



Gênero *Thamnodynastes*

Reconhecemos como pertencentes a este gênero serpentes opistóglifas, de pupila vertical, com dorsais, quilhas ou não, dotadas de fina mas muito conspícua estriação longitudinal.

É um dos gêneros presentemente mais confusos entre as colubrídeas sul americanas. São reconhecidas na literatura 4 espécies ocorrentes no Brasil, mas é sabido que existem seguramente 15 ou mais.

Os nomes que apresentamos aqui são o resultado da identificação dos exemplares pela chave de Peters & Orejas Miranda (1970: 300); contudo, exemplares de espécies obviamente diferentes, identificados pela mesma chave, chegam aos mesmos nomes, e não há, na ausência de uma revisão, como decidir. Fica claro que o arranjo que aqui adotamos é puramente de conveniência.

Thamnodynastes pallidus (Lineu, 1758)

(Figuras 40 a 42)

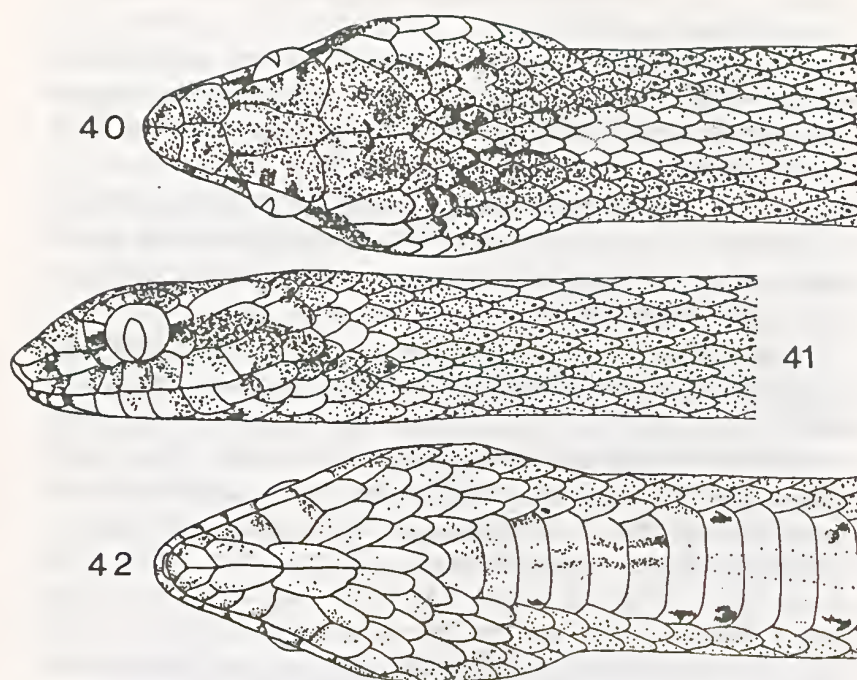
Reconhecimento

Estamos chamando *pallidus* dois exemplares de *Thamnodynastes* de Exu, Pernambuco, com 17 fileiras de dorsais sem quilhas, e com contagens de escamas ventrais e sub-caudais próximas às citadas por Peter & Orejas-Miranda (1970).

Descrição

Olho grande. Pupila vertical. Focinho curto fortemente curvo. Rostral tão alta quanto larga, mal visível de cima; escamas do dorso da cabeça de borda posterior livre, folgadamente imbricadas; internas e préfrontais aproximadamente do mesmo tamanho; frontal alongada, de margens laterais côncavas, arredondadas posteriormente; parietais muito largas, aproximadamente do mesmo comprimento que





Figs. 40-42. *Thamnodynastes pallidus*, MZUSP 7181, Exu, Pernambuco, Cabeça, vistas dorsal, lateral e ventral.

a frontal, de margens irregulares. Supraocular grande, grosseiramente triangular, formando uma sutura breve com a prefrontal. Em um exemplar a nasal é alongada; a narina está à altura da 1ª labial e seguem-se uma loreal tão alta quanto longa e uma pré-ocular inferior estreita e alta. No outro exemplar não há loreal, sua área sendo repartida igualmente pela nasal e pela pré-ocular inferior. Pré-oculares 2, a superior bem visível no topo da cabeça; 2 post-oculares, a superior atingindo o topo da cabeça; temporais 2+3; 8 supralabiais, 3ª em breve, 4ª e 5ª em amplo contacto com o olho. Sinfisal da mesma largura que a rostral, muito curta; infralabiais 9-10, 4-5 em contacto com as mentais anteriores; são pouco ou bem maiores que as posteriores.

Dorsais lanceoladas, finíssimamente estriadas, sem quilhas, com uma fosseta apical pequena, difícil de ver. Na altura do pescoço há 17 fileiras de escamas dorsais, 17 no meio do corpo e 11 próximo ao ânus. Ventrals 161 e 164. Anal dividida. Subcaudais 89 e 93. Dentição opistóglifa.

Partes dorsais em geral pardo-acinzentadas, com a cabeça um pouco mais escura; uma faixa clara mediana começando na margem posterior das parietais e logo se perdendo na cõr do dorso. Manchas pretas, esparsas, acompanhando a margem das dorsais, formando um reticulado incompleto, começando no terço médio e se adensando posteriormente. Lados da cabeça irregularmente manchados; uma faixa escura do olho ao canto da boca, continuando na frente do olho menos distinta, até a prefrontal. Garganta imaculada; partes ventrais anteriores com pintas pretas laterais. Posteriormente o ventre vai se tornando progressivamente variegado, com manchas longitudinais de margens mais escuras que o centro, formando fileiras curtas e irregulares; em um exemplar o padrão é denso e escuro, no outro mais obsoleto.

Biologia

A única coisa que sabemos sobre esta espécie é que um exemplar foi encontrado em um cupinzeiro situado a cerca de 2 metros de altura, no tronco de uma árvore.

Thamnodynastes strigilis (Thunberg, 1787)

(Figuras 43 a 45)

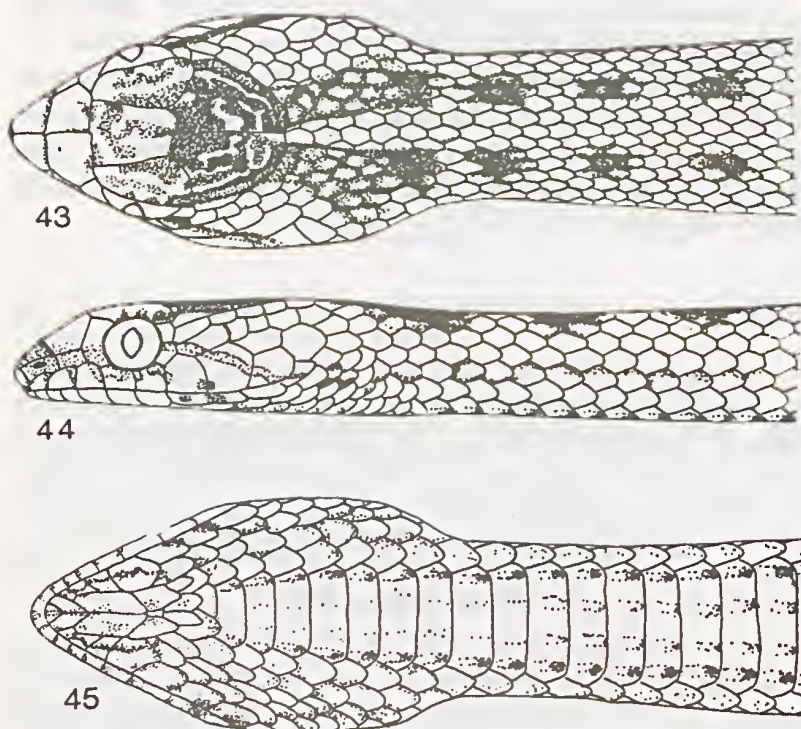
Reconhecimento

Estamos chamando *strigilis* cobras do gênero *Thamnodynastes* com 19 fileiras de dorsais carenadas e mais que 136 ventrais (Peters & Orejas-Miranda, 1970: 300). Vide comentário ao gênero.



Descrição

Pupila vertical. Focinho de perfil fortemente recurvo; rostral mal visível de cima, alta e estreita; internasais pequenas; prefrontais normais; frontal de contorno um tanto irregular; parietais um pouco maiores que a frontal; narina em uma nasal inteira ou semi-dividida; loreal losangular, oblíqua; 1 pré- e 2 post-oculares; temporais 2+3; labiais 8, 4ª e 5ª entrando no olho; 2ª post-mental muito pequena; infralabiais 8-10, 4 a 5 em contacto com o 1º par de post-mentais. Dentição opistóglifa.



Figs. 43-45. *Thamnodynastes strigilis*, MZUSP 7179, Exu, Pernambuco. Cabeça, vistas dorsal, lateral e ventral.

Dorsais finamente estriadas, com uma quilha ligeira, sulcada no meio, com uma fosseta apical frequentemente difícil de se ver. Na altura do pescoço há 19 fileiras de escamas dorsais, 19 no meio do corpo e 15 próximo ao ânus. Ventrals 152 a 157 (4 exemplares das caatingas), 148 a 159 (7 exemplares do Nordeste).

Dorso cinza plumbeo, com numerosas estriações claras, formando esboços de linhas transversais ou não. Na nuca, uma linha longitudinal mediana, clara, ocupando 6-8 escamas. Cabeça dorsal e lateralmente variegada. Uma faixa castanha das post-oculares até o canto da boca. Partes ventrais cinza, de intensidade variável; de cada lado uma linha longitudinal escura, formada por manchinhas situadas na ponta das ventrais. No resto do ventre variações escuras, podendo-se arranjar em até 3 linhas longitudinais, mais ou menos evidentes. Garganta de pouco a muito variegada, escura.

Comprimento 50 cm (cauda 10).

Biologia

Na área de Exu, Pernambuco, esta espécie é terrestre e noturna. Um exemplar continha ovos de cobra no estômago. Nada mais sabemos sobre ela.

Waglerophis merremii (Wagler, 1854)

(Figuras 46 e 47)

Boipeva; goipeba

Reconhecimento

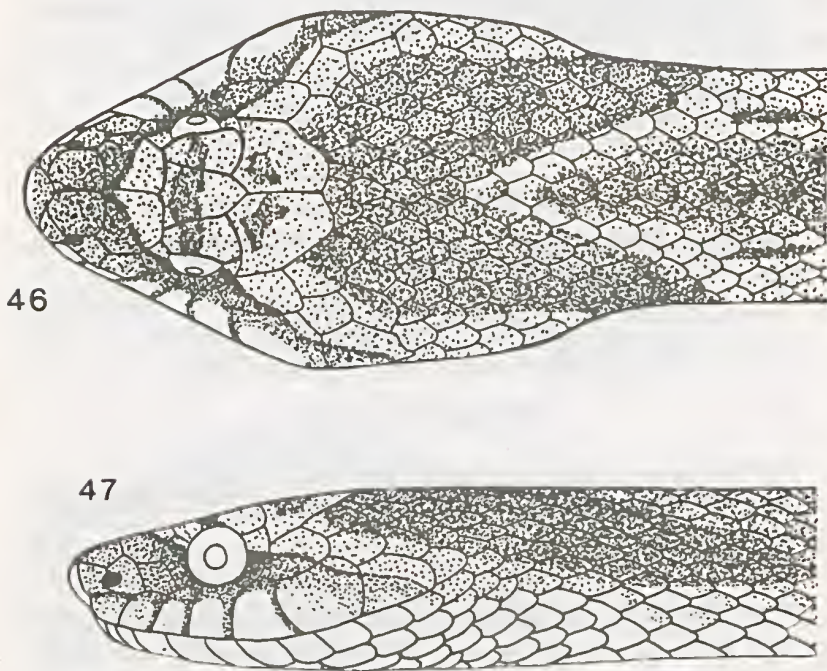
A boipeva é facilmente reconhecível pelas dorsais oblíquas e pelas post-oculares que quase chegam a ser sub-oculares. O padrão "normal" de colorido é característico, podendo ser confundido, à primeira vista, apenas com o de algumas *Bothrops*, de que obviamente se distingue com a maior facilidade.



Seu comportamento, quando perturbada, também é característico (ver Biologia abaixo).

Descrição

Pupila redonda. Cabeça curta e muito chata; corpo bastante deprimido. Rostral duas vezes mais larga que alta, bem visível de cima; internasais pouco mais curtas que as prefrontais; frontal mais longa que larga, tão longa quanto ou um pouco mais longa que as parietais, que são muito curtas; loreal mais alta que longa; uma ou 2 pré-oculares e 2 a 3 post-oculares, ocupando a posição que seria de 7 horas em um relógio; frequentemente 1 ou 2 pequenas sub-oculares; temporais 1+2; 7 (raramente 8) supralabiais, 3ª



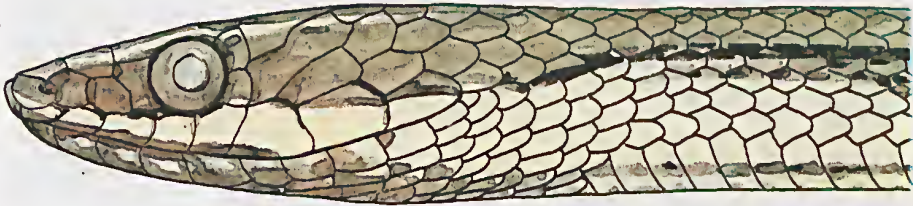
Figs. 46-47. *Waglerophis merremii*, MZUSP 5959, Junco do Seridó, Paraíba. Cabeça, vistas dorsal e lateral.



Estampa IX. *Oxyrhopus trigeminus* (Exu, Pernambuco).



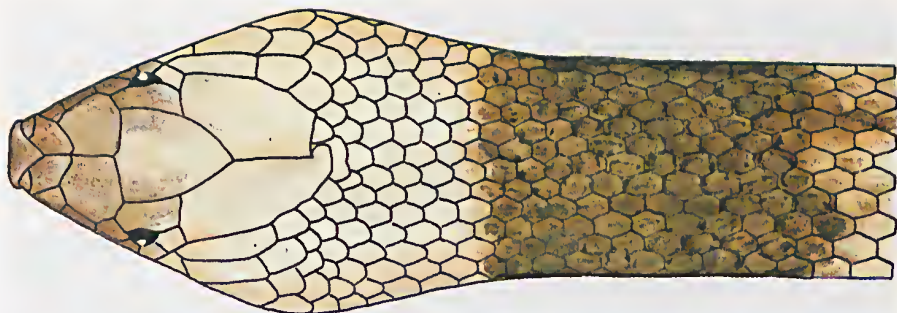
Estampa X. *Philodryas nattereri* (Exu, Pernambuco).



Estampa XI. *Philodryas nattereri* (MZUSP 6922, Exu, Pernambuco).



Estampa XII. *Philodryas olfersii* (Exu, Pernambuco).



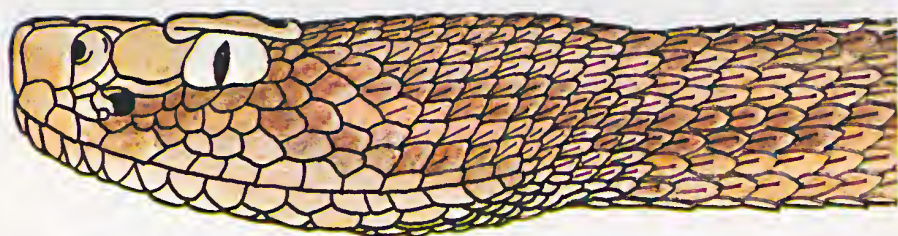
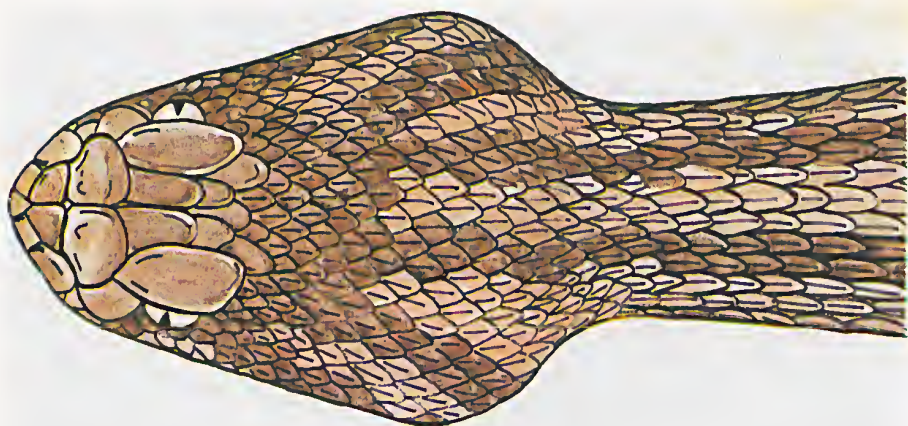
Estampa XIII. *Pseudoboa nigræ*, jovem (MZUSP, 3843, Uberlândia, Minas Gerais).



Estampa XIV. *Spilotes pullatus* (Exu, Pernambuco).



Estampa XV. *Micrurus ibiboboca* (Exu, Pernambuco).



Estampa XVI. *Crotalus durissus* (MZUSP 4978, Carinaubeira, Pernambuco).

e 4^a em contacto com o olho, 5^a separada pela post-ocular; infralabiais 5 ou 6, em contacto com o primeiro par de mentoneiras; o segundo par de mentoneiras muito pequeno.

Dorsais lisas, em fileiras bastante oblíquas, com 1 fosseta apical. Na altura do pescoço há 19 fileiras de escamas dorsais, 19 no meio do corpo e 17 próximo ao ânus. Ventrals 139-159 (57 exemplares). Anal dividida, mais raramente não. Subcaudais 32 a 46 (50 exemplares). Dentição áglifa; 6-7 dentes maxilares e 2 presas posteriores enormes.

Colorido extremamente variável; em geral pardo acinzentado, às vezes completamente enegrecido; às vezes até róseo. Mais frequentemente, de cada lado do corpo uma série de manchas escuras, marginadas de claro, ocupando em baixo de 7 a 11 escamas e, na linha vertebral, onde frequentemente se fundem com as do lado oposto, 3 a 6 escamas. As manchas do 1º par formam dois arcos divergentes na nuca, não se fundindo na linha de meio. Essas manchas podem ter ou não o centro mais claro; podem ser bem destacadas sobre o fundo, ou não; podem ser obsoletas; ou o animal pode ter colorido uniforme. Partes ventrais variando de pardo claro manchado de cinza escuro a quase totalmente negras. Cabeça variegada de claro e escuro.

Comprimento 105 cm (cauda 19).

Distribuição

Pela literatura, das Guianas à Argentina, mas nós não conhecemos exemplares amazônicos.

Biologia

É serpente terrestre, diurna, que frequenta locais onde encontre sua presa preferida, sapos do gênero *Bufo*, a cujas toxinas cutâneas é imune. O sapo é agarrado e, quase sempre, virado de barriga para cima; estufa o corpo; a boipeva ajeita-o na boca até que as enormes presas posteriores, especialmente móveis em virtude de dispositivos articulares e musculares especiais, possam penetrar o pulmão da presa,



desinflando-o e permitindo a deglutição, que começa pela cabeça.

Pode reproduzir-se mais de uma vez por ano, sendo a postura de 5 a 29 ovos, dependendo do tamanho da fêmea.

O pulmão traqueal desta espécie permite-lhe achatar de maneira extrema a parte anterior do corpo; quando ameaçada, arma uma rodilha, achata o corpo, assopra e dá falsos botes de aparente ferocidade. Essa capacidade de achatar o pescoço valeu-lhe o nome vulgar boipeva, "cobra chata" em tupí.

FAMÍLIA ELAPIDAE

Esta é a família das corais venenosas. Sua principal característica, em nossa área de interesse, é a dentição prote-róglifa, ou seja: o maxilar é reduzido e não tem dentes sólidos, apenas uma presa, para todos os fins práticos canaliculada, e seus dentes de substituição. A família conta com numerosos gêneros em outras partes do mundo (incluindo as famosas najas, ou cobras de capelo), mas na América do Sul temos apenas o gênero *Micrurus*.

O colorido típico de "cobra coral" é constituído basicamente por anéis completos (dão toda a volta ao corpo) de três cores, preto, branco e vermelho, diversamente arranjados. Em algumas poucas espécies de *Micrurus* este arranjo é perturbado, mas na nossa área a única espécie, *M. ibiboboca*, tem o arranjo típico, apenas obscurecido às vezes por melanismo.

As corais são cobras subterrâneas, mas aparecem frequentemente na superfície.

Comentário

Não existe um bom tratamento de conjunto das corais sul americanas (ou mesmo brasileiras). O que mais se aproxima é a lista remissiva, com chaves e ilustrações, de Roze (1967).



Micrurus ibiboboca (Merrem, 1820)

(Figuras 48 e 49; estampa XV)

Coral; cobra de coral

Reconhecimento

É fácil reconhecer a coral das caatingas. Tem o colorido característico em tríades, com anéis completos, com o branco e o vermelho muito manchados de castanho. A mancha esfumada na sinfusal é muito característica.

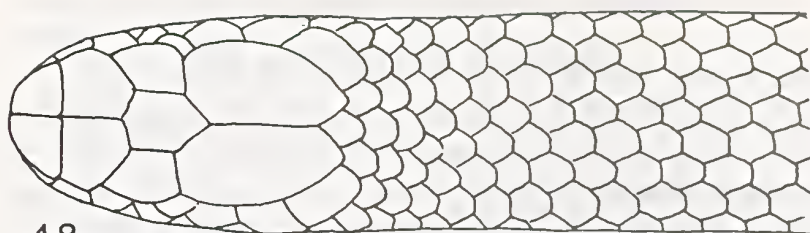
Descrição

Pupila vertical. Rostral alta, aparecendo bastante no topo da cabeça. Supranasais pequenas. Prefrontais grandes, pouco mais curtas que a frontal. Frontal em forma de escudo, pouco mais larga que as supraoculares. Parietais muito grandes. Narina entre duas nasais, a anterior grande, a posterior sub-triangular ou arredondada, com ponta para trás, tocando ou (mais raramente) não tocando a pré-ocular (ou seja, prefrontal em contacto ou não com as labiais). Loreal ausente. Supralabiais 7, 3ª e 4ª em contacto com o olho, 5ª dele separada pela post-ocular inferior, com a qual ocasionalmente se funde. Temporais 1+1. Infralabiais 7, as do 1º par se encontrando na linha mediana, 4 delas em contacto com a mentoneira anterior. Proteróglifa.

Dorsais lisas, sem fossetas. Na altura do pescoço 15 fileiras de escamas dorsais, 15 no meio do corpo e 15 próximo ao ânus. Ventrals 219 a 243 (22 exemplares). Anal dividida. Subcaudais duplas, 19 a 26 (19 exemplares), frequentemente as distais simples.

Colorido com padrão de tríades. Em cada tríade os anéis pretos são sub-iguais, ou o mediano um pouco maior que os outros. Os anéis claros variam de branco a castanho, são salpicados de preto e podem estar quasi completamente melanizados. Os inter-espacos entre as tríades variam de vermelho a castanho salpicado de preto; variam acentuadamente em comprimento (no sentido crânio-caudal) sendo às





48



49

Figs. 48-49. *Micrurus ibiboboca*, MZUSP 5853, Valença do Piauí. Cabeça, vistas dorsal e lateral.

vêzes iguais aos anéis das tríades, outras uma vez e meia ou duas vezes mais largos. Oito a dez tríades completas sobre o corpo (mais frequentemente nove), uma sobre a cauda. A primeira tríade é completa.

A ponta do focinho é irregularmente manchada de preto. Segue-se, dorsalmente, uma faixa clara, variando de branco a castanho, ou uma mistura dessas cores, ocupando as duas primeiras labiais, uma parte variável das nasais e as prefrontais. A seguir uma faixa negra, ocupando da 3ª à 5ª labiais, estendendo-se no topo da cabeça através da frontal e ocupando uma faixa variável das prefrontais e da parietais. Separando esta faixa da primeira tríade dorsal, uma área vermelha manchada de preto e castanho, compreendendo a parte posterior das parietais e as 3-5 primeiras escamas dorsais. Uma mancha escura desbotada na região sinfusal; restante da garganta vermelho claro, imaculada.

Comprimento 92 cm (cauda 6).

Distribuição

Do Maranhão à Bahia.

Comentário

Esta espécie andou muito tempo na sinonímia de *M. lemniscatus*; e não se encontra tratada adequadamente na literatura. Prado (1945: 56, 91) citou-a, em livro de divulgação, como boa espécie, mas sem discussão. O presente status firmou-se quando Roze (1966) examinou o tipo. Contudo, este autor não forneceu uma descrição formal. A nossa é baseada em exemplares do Maranhão (Barra do Corda, 3 exemplares), Piauí (Valença, 1), Ceará (Baturité, 1), Pernambuco (Ponta de Pedras, 1; Carnaubeira, 1; Exu, 21), Alagoas (Riacho Doce, 2; Rio Largo, 1), Sergipe (Aracaju, 1; Areia Branca, 2) e Bahia (sem mais dados, 1).

É a única coral venenosa conhecida com certeza das caatingas; é possível, porém, que uma forma de *Micrurus frontalis* ocorra nas caatingas de Minas

Biologia

Diurna e crepuscular; frequentemente ativa em dias encobertos e quentes. Come outras cobras e anfisbenídeos. Postura observada em Setembro e Outubro, 2 ninhadas de 5 ovos cada. Quando perturbada, levanta a cauda como se fosse a cabeça, expondo a superfície ventral.

FAMÍLIA VIPERIDAE

Esta família compreende as serpentes venenosas dotadas de denticção solenóglifa, ou seja, cujo maxilar, que é reduzido e sofre rotação para efetivar a picada, tem apenas uma presa, completamente canaliculada (e seus dentes de substituição).

A família é quase cosmopolita (só não ocorre na Austrália), mas na América do Sul encontra-se unicamente a sub-família Crotalinae, caracterizada pela presença de uma fosseta lacrimal, órgão sensorial que percebe diferenças de temperatura. Existem no continente 3 gêneros, *Bothrops*,



Crotalus e *Lachesis*, mas este, cuja única espécie é a surucucu pico-de-jaca, não ocorre nas caatingas, sendo uma espécie de mata que chega até a beira do agreste.

Bothrops e *Crotalus* são bastante semelhantes em morfologia externa, mas facilmente distinguíveis porque o segundo, como todos sabem, tem um crepitáculo (cascavel, chocalho, guizo ou maracá) na ponta da cauda. Dado, porém, que são frequentes os exemplares de *Bothrops* com a ponta da cauda amputada, bem como os de *Crotalus* com o chocalho removido, convem dizer que os dois gêneros (pelo menos em nossa área) podem ser facilmente distinguidos porque *Crotalus* tem internasais e prefrontais diferenciadas, separadas por uma sutura transversal reta, ao passo que *Bothrops* tem o topo do focinho ocupado por escamas irregulares, quando muito as internasais sendo aumentadas, mas sempre arredondadas. As subcaudais são (pelo menos na sua grande maioria) simples na cascavel, duplas na *Bothrops*.

Os viperídeos são cobras que matam por envenenamento, e a dieta dos adultos consiste principalmente em vertebrados (mamíferos, aves e lagartos). Os jovens, bem como os adultos de espécies pequenas, podem alimentar-se de artrópodos, inclusive escorpiões e escolopendras. A reprodução é vivípara.

Bothrops erythromelas Amaral, 1923

(Figuras 50 a 52)

Jararaca; jararacussu

Reconhecimento

O reconhecimento das crotalíneas brasileiras baseia-se um pouco nos caracteres da escutelação e muito no colorido. *B. erythromelas* tem a 2ª supralabial separada da fosseta lacrimal, dorsais em 19-21 fileiras, com carenas finas. O colorido pode ser visto na figura.



Descrição

Pupila vertical. Focinho não arrebitado, cauda não prênscil.

Internasais grandes, em amplo contacto na linha mediana. Cantais iguais ou menores que as internasais, separadas por 2 ou 3 escamas grandes fortemente quilhadas. As demais escamas do topo da cabeça pequenas (mas às vezes apresentando fusões), fracamente quilhadas, 5 a 6 entre as supra-oculares. Sub-ocular separada ou não das supralabiais, que são 7 a 8. Segunda labial separada da fosseta lacrimal. Escamas temporais fracamente quilhadas.

Dorsais lanceoladas, com carenas finas, um pouco mais alta na metade distal da escama. Escamas dorsais em 19 a 21 fileiras no meio do corpo, muito variáveis no pescoço. Ventrals 144 a 158 (8 exemplares). Anal inteira. Subcaudais, 32 a 42 pares (8 exemplares).

Colorido de fundo pardo, com uma série de manchas escuras, em forma de meia lua, alternadas ou opostas (e mesmo fundidas) com as contra-laterais. As pontas inferiores das meias luas podem estar separadas sob a forma de manchas individualizadas. Entre as meias luas, uma mancha arredondada. Ventre pardo claro, com manchas mal delimitadas nas pontas das ventrais, e com marmoreações pardas. Cabeça com manchas escuras variáveis.

Comprimento 54 cm (cauda 6,5)

Distribuição

Caatingas da Paraíba, Pernambuco e Bahia.

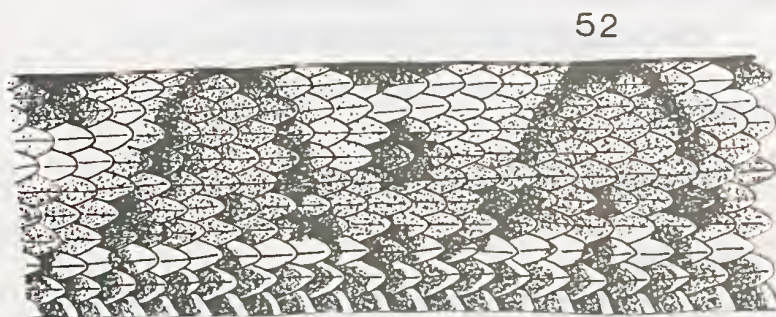
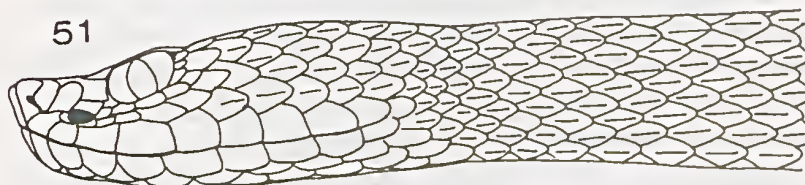
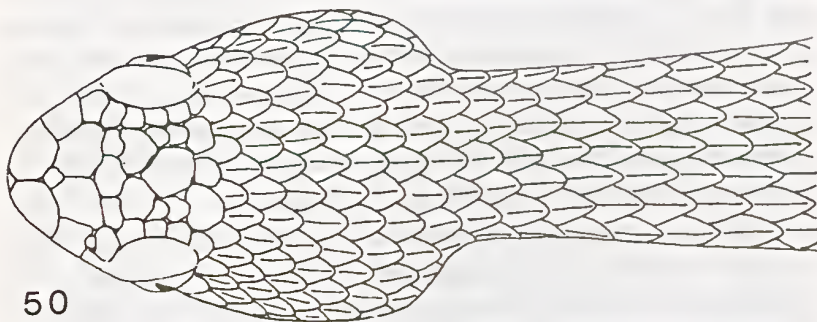
Comentário

Esta é, que saibamos, a única espécie de *Bothrops* que ocorre nas caatingas; não é impossível, porém, que uma forma de *Bothrops neuwiedi* penetre nas caatingas do São Francisco.



Biologia

O único dado que temos é que, na região de Patos, na Paraíba, esta espécie prefere as margens do Rio Espinharas.



Figs. 50-52. *Bothrops erythromelas*, MZUSP 4918, Raso da Catarina, Bahia. Cabeça, vistas dorsal e lateral; padrão de colorido dorsal.

Crotalus durissus Lineu, 1758

(Estampa XVI))

Cascavel; boicininga

Reconhecimento

Crepitáculo presente. Na face dorsal da cabeça, um par de internasais e de prefrontais diferenciadas, as suturas transversais entré elas retas.

Descrição

Pupila vertical. Internasais em contacto, prefrontais muito grandes, em contacto; sutura transversal entre elas reta: uma par de escamas de bordos levantados e centro deprimido entre a metade anterior das supraoculares. Daí para trás, no topo da cabeça, escamas muito irregulares. Nasal dividida. Fosseta loreal separada das labiais por uma fileira de grânulos. Uma loreal inferior pequena e uma superior quase granular. Pré-ocular dividida longitudinalmente, a parte superior muito maior. Sub-ocular separada das supralabiais, que são pequenas, numerosas (até 16). Escamas temporais fracamente quilhadas.

Dorsais lanceoladas, frouxamente imbricadas, com quilhas largas, tuberculares mas com aresta viva, chegando ou não à ponta das escamas. No meio do corpo as 2-3 fileiras externas de dorsais são lisas; daí para frente e para trás cada vez mais quilhadas. Na altura do pescoço há 25 ou 27 fileiras de dorsais, 27 a 29 no meio do corpo e 19 a 21 próximo ao ânus. Ventrals 169 a 177 (7 exemplares). Anal inteira. Sub-caudais 22 a 31 (7 exemplares) todas, ou a maioria delas, simples.

Colorido de fundo castanho, com uma série de losangos verticais escuros marginados de claro. Os primeiros losangos são imperfeitos. No pescoço há 2 faixas escuras longitudinais, marginadas de claro, com 10 a 12 escamas dorsais de comprimento. No corpo há escamas escuras dispersas entre os losangos. Na parte baixa dos flancos há manchas es-



curas marginadas de claro, em correspondência com os losângos, frequentemente as bordas claras continuando-se em forma de X. Parte dorsal da cauda escura, com barras transversais ainda mais escuras, pouco distintas. Ventre pardo claro, escurecendo posteriormente, com as pontas das ventrais manchadas de mais escuro. Superfície ventral da cauda cinza escuro.

Comprimento 150 cm (cauda 15).

Distribuição

A espécie ocorre do México à Argentina.

Comentário

São aceitas na literatura 7 subespécie sul americanas de cascavel, mas não há nenhuma análise que permita julgar do seu valor. No Nordeste ocorreria *C. d. cascavella* Wagler, 1824.

Biologia

Predominantemente crepuscular ou noturna, mas também encontrada de dia. Os adultos preferem, nas caatingas, áreas de vegetação mais fechada. A dieta inclui principalmente mamíferos e aves, mortos por envenenamento; os jovens comem também lagartos. É vivípara; temos das caatingas uma barrigada de 21 e uma de 31 embriões. O período preferencial de nascimento é em torno de Dezembro.



CAPÍTULO 3

LAGARTOS

Cinco famílias de lagartos, com 18 espécies, ocorrem nas caatingas: Gekkonidae (7), Iguanidae (4), Teiidae (5), Scincidae (1) e Anguidae (1).

A identificação das espécies é relativamente fácil; apenas geonídeos podem oferecer alguma dificuldade, demandando uma boa lupa para examinar os dígitos.

A chave permite chegar facilmente até as famílias. No caso dos Scincidae e Anguidae isto equivale a identificar as espécies; para as outras famílias são dadas chaves individuais.

CHAVE PARA AS FAMÍLIAS DE LAGARTOS

Pálpebra ausente

- Cabeça e corpo com grânulos e, freqüentemente, tubérculos GEKKONIDAE
- Cabeça com escamas regulares; dorso e ventre com escamas semicirculares TEIIDAE (parte)

Pálpebra presente

- Cabeça com escamas irregulares IGUANIDAE
- Cabeça com escamas regulares; unhas protegidas por um estojo ANGUIDAE
- Cabeça com escamas regulares; unhas livres
 - Escamas ventrais em fileiras transversais e, freqüentemente, longitudinais; dorsais granulares TEIIDAE (parte)
 - Escamas dorsais e ventrais semicirculares SCINCIDAE

FAMÍLIA GEKKONIDAE

Esta família é cosmopolita; existe em todos os continentes e na maioria das ilhas oceânicas. São lagartos pequenos. Sua pele é muito delicada, dilacerando-se com facilidade. Geralmente (sempre, nas caatingas) o dorso é revestido de grânulos, muito freqüentemente entremeados de tubérculos.

Uma minoria de espécies tem vida diurna, e portanto pupila redonda. A maioria tem vida noturna, com pupila vertical, simples ou lobada; muitas das formas noturnas possuem voz, um fato único entre os lagartos. As pálpebras não são visíveis: estão fundidas e transformadas em uma membrana transparente, que cobre a córnea e não se distingue dela.

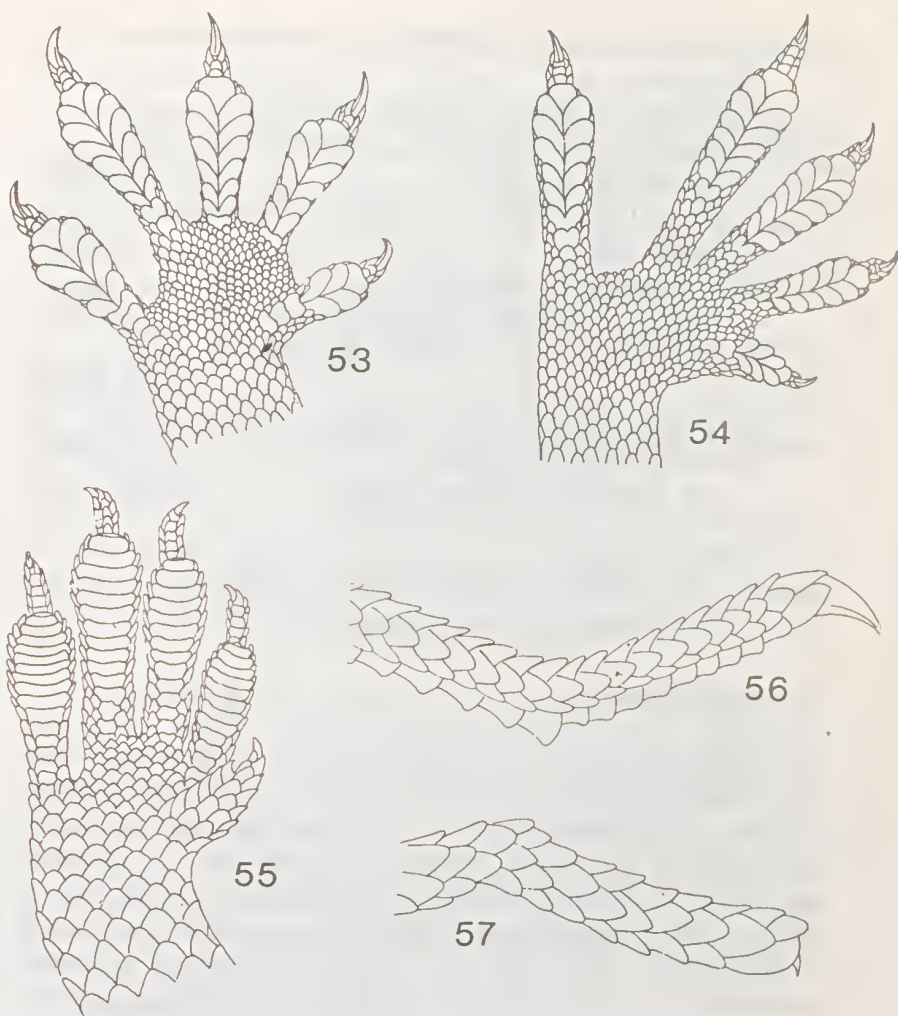
Uma importante característica da família é a freqüência e variedade de adaptações dos dedos, ligadas a hábitos trepadores. Essas adaptações consistem na dilatação de alguma parte do dedo, e no revestimento da superfície ventral por lamelas adesivas especiais. Algumas formas apresentam 4 dedos, só na mão ou na mão e no pé, ou, ainda, um dedo sem unha em cada membro. O tipo de dedo é um caráter importante na sistemática da família.

Outra peculiaridade dos gecos é a facilidade com que a cauda é autotomizada e regenerada. Em encontros com predadores, a cauda se rompe em um nível determinado (correspondente a um plano especial de fratura da vértebra) e fica pulando na frente do predador, ocupando sua atenção e possibilitando a fuga do geco.

A reprodução é sempre ovípara. A caça aos insetos e outros artrópodos de que se nutrem é feita de espera, ou seja o lagarto fica parado em um lugar, aguardando que uma presa passe por perto, e só então se joga sobre ela. É fácil ver isso observando lagartixas de parede próximo a uma lâmpada acesa.

Na nossa região há 7 espécies de gekkonídeos, uma das quais (*Hemidactylus mabouia*) introduzida da África. Em geral estão ligadas a ambientes pedregosos, havendo apenas uma espécie francamente arborícola, *Vanzonia klugei*.





Figs. 53-57. Morfologia do pé de geconídeos. 53. Planta do pé de *Hemidactylus agrius*, MZUSP 38413. Valença, Piauí (parátipo). 54. Idem, *Hemidactylus mabouia*, MZUSP 49858, Exu, Pernambuco. 55. Idem, *Phyllopezus p. pollicaris*, MZUSP 49905, Exu, Pernambuco. 56. Quarto artelho de *Gymnodactylus g. geckoides*, MZUSP 48121, Exu, Pernambuco. 57. Idem, *Coleodactylus meridionalis*, MZUSP 49267, Carmópolis, Sergipe.

CHAVE PARA OS GÊNEROS DE GECONIDEOS

- Dorso sem tubérculos; pupila redonda
 - Ponta dos dígitos globosa, formando um estojo que abriga a unha *Coleodactylus*
 - Ponta dos dígitos dilatada, mas achatada; unhas livres *Vanzoia*
- Dorso sem tubérculos; pupila redonda
 - Dígitos cilíndricos; pupila vertical *Gymnodactylus*
 - Dígitos dilatados, com lamelas ventrais simples *Phyllopezus*
 - Dígitos dilatados, com lamelas ventrais duplas
 - 5º dígito sem unha *Briba*
 - Todos os dígitos armados *Hemidactylus*

Briba brasiliana Amaral, 1935

(Figura 58; estampa XVII)

Reconhecimento

Esta lagartixa tem a pupila lobada, as falanges basais dos dígitos dilatadas e recobertas por 2 séries de lamelas ventrais, o primeiro dedo e o primeiro artelho reduzidos, sem unha, o dorso com grânulos e tubérculos. As espécies que mais se assemelham são os *Hemidactylus*, que têm os dígitos praticamente iguais, porém todos os 5 bem armados, e *Phyllopezus pollicaris*, que também tem unhas em todos os dígitos e, adicionalmente, tem lamelas infradigitais simples.

Descrição

Corpo espesso, membros curtos, cauda curta e grossa. Pupila vertical lobada.

Cabeça coberta dorsalmente por grânulos chatos, maiores no focinho, muito menores no topo da cabeça, onde se vêem pequenos tubérculos esparsos. Rostral muito larga, medianamente incisa, seguida por uma fileira transversal de 4 escamas, das quais as laterais são as supra-nasais. Na-



rina entre a rostral, 2 post-nasais (das quais a inferior a separa parcialmente da 1ª labial) e uma supra-nasal.

Superfície dorsal do tronco e membros cobertas de pequenos grânulos, lisos ou com 1 ou mais carenas; entre eles tubérculos moderados, cônicos, estriados, quase dispostos em fileiras. Ventrais do tronco e membros lanceoladas, pequenas, lisas, imbricadas. Poros pré-anais no macho, formando um ângulo de vértice anterior; de 8 a 9 poros ao todo.

Dedos com falanges basais fortes, dilatadas, com lamelas inferiores duplas, de 7 a 9 no 4º artelho, falanges distais muito curtas, comprimidas, terminando em garras. Falanges distais do polegar e hallux rudimentares, reduzidas a 1 fileira de escamas eriçadas, sem garra.

Cauda intacta apresentando segmentos cilíndricos, cada um dos quais mostra uma coroa de tubérculos cônicos de base estreita, variando de erectos a procumbentes. Cauda, tanto intacta quanto regenerada, bastante mais curta que o corpo.

Colorido geral das partes dorsais plúmbeo, com marmoreações mais claras e escuras, formando uma espécie de reticulado. Uma nítida estria clara da narina à escapula, passando pelo olho. Lábios maculados de castanho. Garganta, partes ventrais do tronco e membros esbranquiçados, finamente pontuados de negro; a pontuação adensando-se posteriormente. Cauda acastanhada, com pares de manchas brancas, freqüentemente confluentes, na face ventral de segmento alternados.

Comprimento rostro-anal 45 mm.

Distribuição

Do sul do Piauí ao vale do São Francisco em Minas Gerais.

Comentário

É uma espécie até agora rara em coleções. Temos notas sobre apenas 4 exemplares.



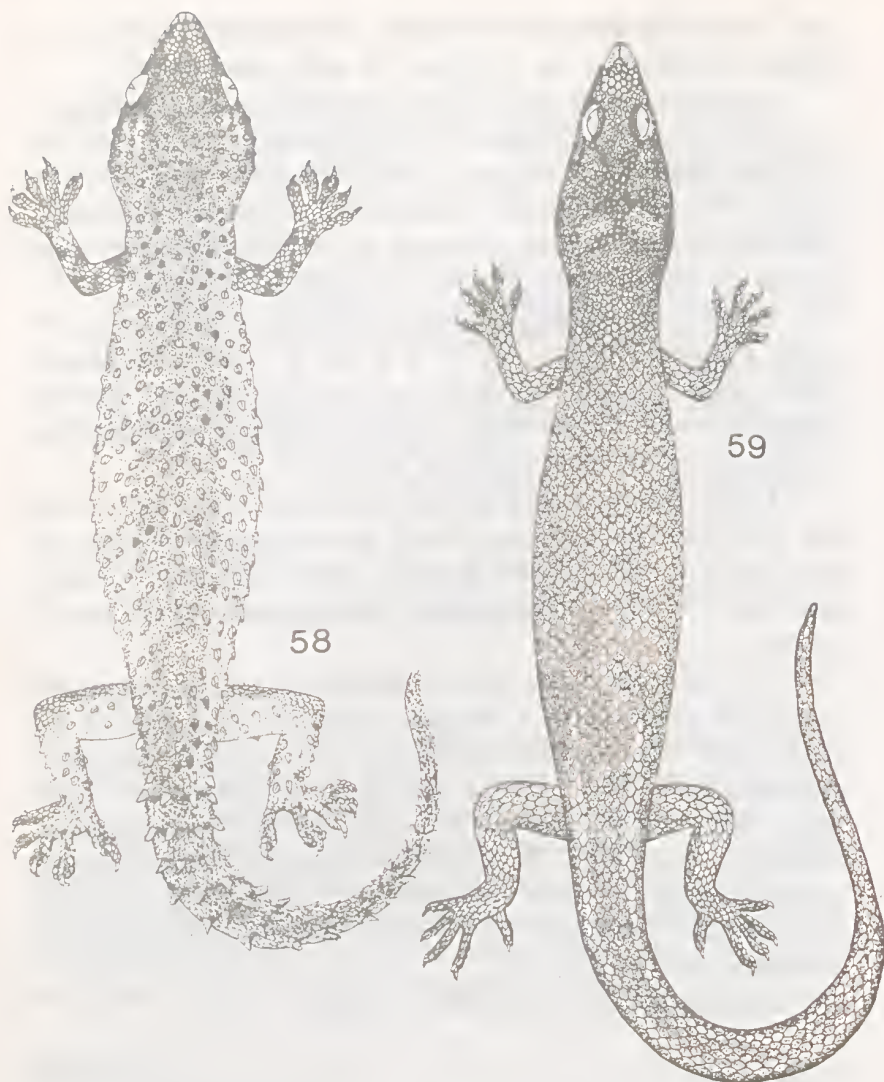


Fig. 58. *Briba brasiliana*, MZUSP 38385. Valença, Piauí.

Fig. 59. *Coleodactylus meridionalis*, MZUSP 23105, Vicência, Pernambuco.

Biologia

É um lagarto noturno, que foi encontrado de dia em fendas de troncos de árvores ou sob a casca. Caça pequenos invertebrados, de espera. A fêmea põe 2 ovos de cada vez, em lugares protegidos.

Coleodactylus meridionalis (Boulenger, 1888)

• (Figuras 57 e 59)

Reconhecimento

Este é um dos menores lagartos da América do Sul, não ultrapassando 3 cm. O dorso é uniformemente granuloso; a pupila é redonda; a ponta dos dígitos é globosa, com unha mal visível, retrátil em um estojo. O colorido geral é castanho avermelhado, e a cabeça e pescoço apresentam um padrão de manchas claras e escuras. É um animal inconfundível.

Descrição

Espécie pequena; focinho agudo. Pupila redonda.

Rostral muito grande, com parte horizontal (superior) não depressa, em forma de ferradura, de concavidade voltada para trás, com a margem posterior incisa; concavidade da rostral ocupada por grânulos aumentados, irregulares. Focinho coberto dorsalmente por grânulos relativamente grandes, chatos, tornando-se mais salientes e menores na região supra-orbitária e parieto-occipital. Narina entre a rostral e 3 post-nasais, escassamente separada da 1ª supralabial. Aba superciliar com a parte anterior formada por 3-4 escamas quadrangulares lisas, o resto por grânulos.

Escamas dorsais do pescoço granulares, pequenas, transformando-se gradativamente nas dorsais, que são arredondadas, chatas, lisas, imbricadas. Escamas ventrais uniformes, semelhantes em forma e pouco maiores que as dorsais.

Membros com escamas semelhantes às do dorso, embora um pouco maiores. Somente na face posterior do mem-



bro anterior, nas faces ventral da coxa e ventral e posterior da perna ocorrem grânulos. Dígitos como na figura 57.

Cauda curta, grossa e rombuda, inteiramente coberta de escamas filóides (em forma de folha de árvore), lisas, imbricadas, um tanto desordenadas na porção basal, mais regulares e um tanto eriçadas na porção terminal.

Colorido geral das partes dorsais castanho avermelhado. Cabeça castanha, mais escura que o dorso, com manchas claras na incisura da rostral e nas suturas labiais superiores e inferiores. Uma estria post-ocular clara, evidente ou mais ou menos obsoleta, terminando em uma faixa estreita, escura e transversal, situada à altura do tímpano ou pouco atrás. Uma série de 2-3 manchas brancas pequenas, redondas, de cada lado do pescoço, continuando a série de manchas brancas do lábio. Partes dorsais do tronco e cauda uniformes, castanho-avermelhado, com pontuações negras irregulares nas escamas. Garganta e ventre claros, com pontuações negras, mais densas na borda das escamas. A pigmentação se intensifica no abdomen e na face ventral dos membros posteriores e cauda.

Comprimento rostro-anal 29 mm.

Distribuição

Esta espécie é conhecida da Mata Atlântica nos estados do Nordeste, do Cariri, de alguns brejos nas caatingas orientais e de uma localidade no sertão de Pernambuco (Exu, vide abaixo).

Biologia

Este pequeno lagarto pertence a um gênero que frequenta florestas e em geral é a elas severamente limitado. São bichos que vivem no folhiço do chão sombreado, onde comem pequenos invertebrados. Duas populações são conhecidas de áreas abertas. Uma está na encosta norte da chapada do Araripe, em região hoje desmatada mas, dada a abundância de água corrente, certamente coberta por floresta no passado. A outra, cerca de 10 km a nordeste de



Exu, Pe; trata-se de um pequeno remanescente de área florestada, mas em ambiente muito menos úmido que o das demais localidades de onde a espécie é conhecida. Três fêmeas de Exu continham, cada uma, um ôvo.

Gymnodactylus geckoides Spix, 1825

(Figuras 56 e 60; estampa XVIII)

Reconhecimento

Esta lagartixa tem os dígitos simples, todos armados de unhas livres; a pupila é vertical, o dorso coberto de grânulos e tubérculos. O colorido é característico, com faixas transversais escuras e manchinhas claras laterais (se bem que estas possam, às vezes, ser pouco visíveis).

Descrição

Pupila vertical. Rostral baixa, com margem posterior reta e incisa, seguida por grânulos do focinho relativamente grandes, diminuindo para trás. No topo da cabeça grânulos diminutos e tubérculos pontudos mas sem quilhas, irregularmente dispostos. Narina bordejada de 4 escamas: rostral, 2 post-nasais e 1 supra-nasal, que está em amplo contacto com sua simétrica. Aba palpebral anteriormente com escamas quadradas, posteriormente com grânulos.

Dorso coberto por grânulos diminutos e escamas tuberculares grandes, quilhadas, em 12 séries longitudinais bem organizadas; 37-46 tubérculos em uma fileira para-mediana. Ventrals losangulares, lisas, em séries oblíquas, em 17-22 fileiras longitudinais.

Dígitos simples, as falanges distais formando um ângulo com as proximais. Lamelas infradigitais simples e lisas; 16-20 lamelas no 4º artelho. Unha livre, entre 4 escamas: 1 dorsal, 2 laterais e 1 ventral.

Face dorsal da porção proximal da cauda com escamas grandes, semelhantes às ventrais, na face superior quilhadas, na lateral lisas. Distalmente as escamas são todas lisas. Fa-



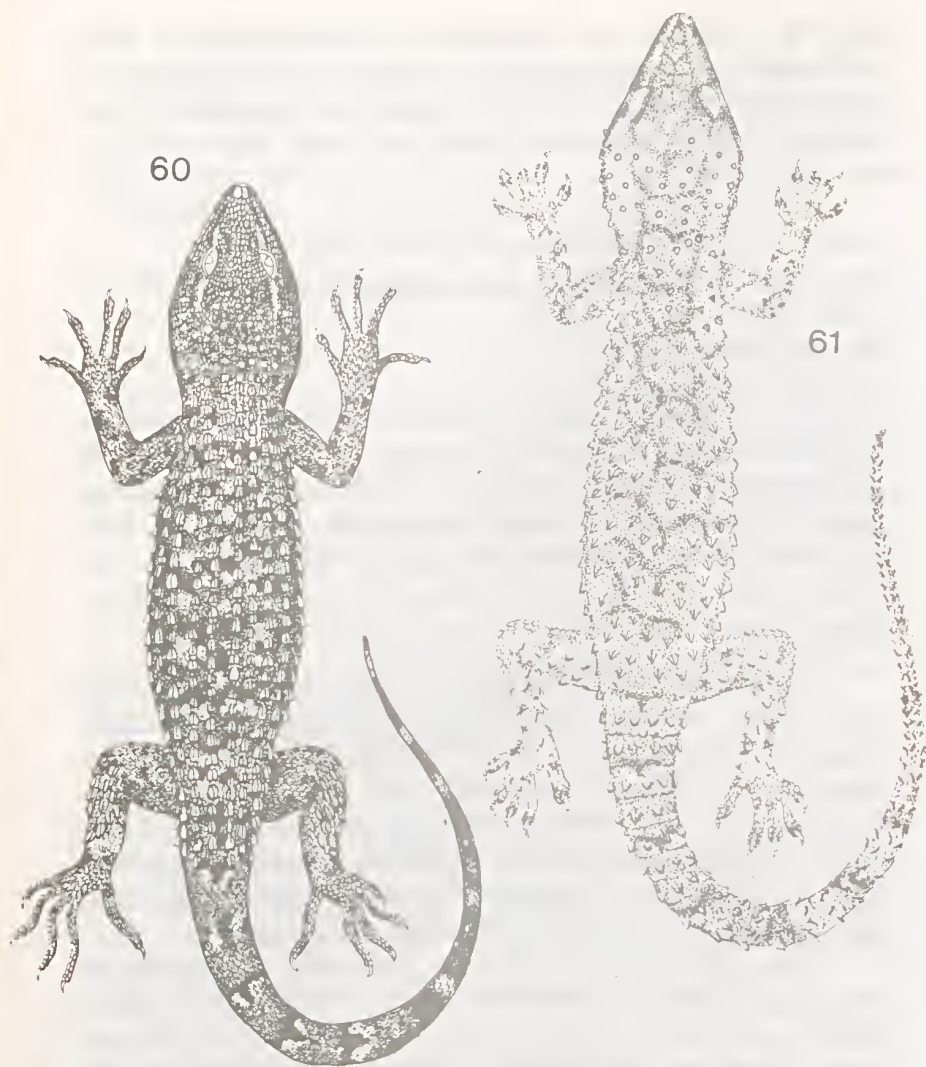


Fig. 60 *Gymnodactylus g. geckoides*, MZUSP 48121, Exu, Pernambuco.
 Fig. 61. *Hemidactylus agrius*, MZUSP 38417, Valença, Piauí (parátipo).

ce ventral da cauda com 1 série de escamas transversalmente aumentadas.

Colorido de fundo castanho acinzentado. Topo da cabeça vagamente marmoreado. Uma faixa clara da supra-nasal à região temporal, passando pela aba palpebral. Labiais mais escuras no centro, mais claras nas suturas. Dorso com

faixas transversais escuras mais ou menos nítidas, contendo nos lados manchas brancas mais ou menos evidentes. As manchas situadas sobre a 3ª fileira de escamas tuberculares são mais ou menos interligadas, podendo formar uma faixa que começa na altura do ouvido. Cauda dorsalmente com faixas transversais escuras; nos jovens também com faixas claras vívidas e características, formando distalmente anéis completos. Membros reticulados. Partes ventrais do corpo e membros cinza claro com pontuações, mais densas no abdômem.

Comprimento rostro-anal, 48 mm.

Comentário

São aceitas 3 subespécies deste bicho: *g. geckoides* nas caatingas, *g. amarali* nos cerrados e *g. darwinii* na Mata Atlântica. A última é provavelmente uma boa espécie; as raças das formações abertas precisam ser revistas com melhores materiais.

Biologia

Este animal deve ser noturno, mas ainda não foi capturado à noite. É geralmente encontrado debaixo ou dentro de paus pôdres, ou de pedras. Às vezes é visto ao sol, no fim da tarde. Não caça ativamente, mas espera a presa, que consiste de pequenos artrópodos, especialmente cupins. Deposita de cada vez um ovo de casca calcárea (mais raramente 2) debaixo de pedras.

O gênero *Hemidactylus*

Este gênero compreende as osgas (em outras partes do Brasil chamadas "lagartixas de parede"), que freqüentam as casas e outras edificações. Ocorrem nas caatingas duas espécies, *H. mabouia*, introduzida da África e não muito freqüente, e *H. agrius*, nativa, muito mais rara ainda.

As principais características do gênero são a pupila vertical lobada, a presença de grânulos e tubérculos no dorso



e os dígitos com a penúltima falange dilatada, revestida por 2 fileiras de lamelas. A última falange se insere para trás da borda dessa dilatação. Os gêneros mais próximos são *Briba* e *Phyllopezus*. O primeiro apresenta o primeiro dígito da mão e do pé inerte, ao passo que os *Hemidactylus* do Brasil têm todos os dígitos armados. *Phyllopezus* tem as lamelas infradigitais simples, em uma única fileira.

Hemidactylus agrius Vanzolini, 1978

(Figuras 53, 61 e 62; estampa XIX)

Osga

Reconhecimento

As principais diferenças entre *H. agrius* e *mabouia* são: (i) as lamelas ventrais do 4º artelho alcançam a planta de pé em *agrius*, e são separadas dela por uma área granulosa em *mabouia*; (ii) *agrius* tem muito mais tubérculos no dorso e nos membros, especialmente no antebraço.

Descrição

Espécie robusta. Cabeça com uma depressão mediana da região frontal às supra-nasais. Pupila vertical lobada.

Rostral alta, com uma depressão mediana, de margem posterior transversa e incisa. Supra-nasais grandes, entumescidas, em contacto ou não na linha mediana. Narina grande, rodeada pela rostral, parte da 1ª labial e 2 post-nasais, além da supra-nasal. No topo do focinho grânulos grandes, que decrescem posteriormente, os menores estando na depressão mediana. Na região parietal aparecem pequenos tubérculos dispersos, quilhados ou não. Bordo superciliar com grânulos chatos e maiores anteriormente, tornando-se menores e erectos posteriormente.

Dorso com fileiras irregulares de tubérculos, separados por grânulos chatos. Ventre com escamas redondas pequenas, lisas, bem imbricadas, arrançadas em fileiras oblíquas. No macho uma série contínua de poros femorais e pré-anais.

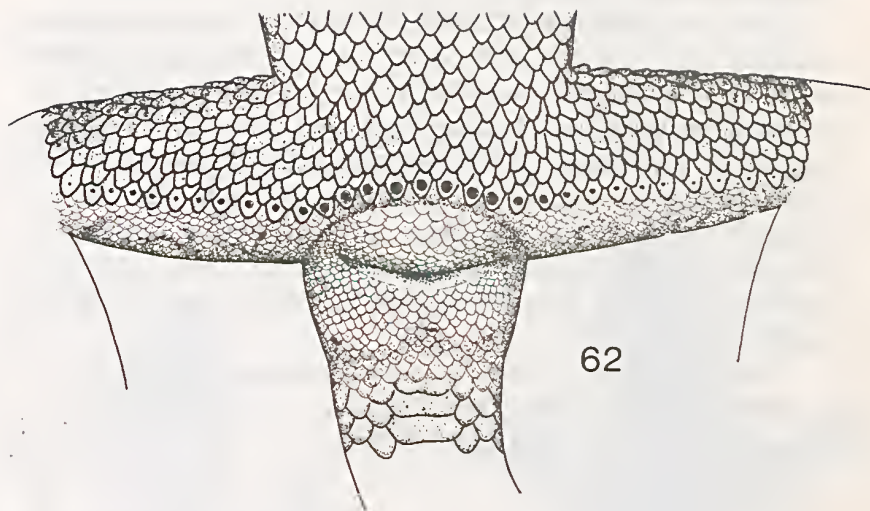


Fig. 62. *Hemidactylus agrius*, MZUSP 38413, Valença, Piauí (parátipo). Baixo abdome e coxas.

Os poros pré-anais medianos são separados do ânus por 4 a 5 fileiras de escamas, das quais a anterior é maior e as outras pequenas. Número total de poros 26-34 (16 a 22 femorais e 9 a 12 pré-anais).

Lado dorsal do braço com escamas imbricadas, entumescidas mas chatas, tornando-se mais cônicas, erectas e justapostas próximo ao cotovelo. Face anterior do antebraço e dorsal do corpo com escamas pequenas, chatas, lisas e imbricadas; dorsalmente grânulos e tubérculos semelhantes aos do dorso. Restante do membro anterior granular. Todos os dedos com unhas; as lamelas ventrais chegam até a palma.

Face dorsal e ventral do membro posterior com escuteação semelhante respectivamente às faces dorsal e ventral do corpo. Tarso dorsalmente com tubérculos. Artelhos com lamelas que chegam até a planta, 8-10 no 4º artelho; falange distal do 1º artelho mais curta que as outras, mas livre e com unha. Cauda com anéis, próximo à base com 8 tubérculos, regularmente arranjados, depois com 6. Ven-

tralmente há uma série de escamas longitudinais aumentadas transversalmente.

Dorso castanho-acinzentado, com faixas transversais onduladas, mais escuras. Os flancos são mais claros, salpicados de escuro, com um aspecto enfumaçado. Membros dorsalmente marmoreados de claro e escuro. Topo da cabeça algo mais escuro; lateralmente há 2 faixas mais ou menos distintas: uma faixa clara superior que vai da supra-nasal até a região escapular, e outra escura, adjacente à primeira, que termina na raiz do braço, marginando o ouvido por cima. As supralabiais são irregularmente manchadas.

Partes ventrais claras, mas com pontuação escura, que se adensa posteriormente e na cauda.

Comprimento rostro-anal 57 mm.

Distribuição

Esta lagartixa é conhecida de 3 localidades, Valença do Piauí, Coluna (próximo a Justiniano Serpa, no Ceará), e Exu em Pernambuco.

Comentário

Esta espécie foi descrita após a publicação do catálogo de Peters & Donoso-Barros (1970). A citação está nas Referências.

Biologia

É conhecida tanto de cidades como em natureza, mas nesta última situação parece ser rara. É uma espécie trepadora. Não temos outras informações sobre sua biologia.

Hemidactylus mabouia (Moreau de Jonnès, 1818)

(Figuras 54 e 63)

Osga

Reconhecimento

Vide *Hemidactylus agrius*, acima.

Descrição

Cabeça achatada, larga, olhos grandes. Uma depressão mediana entre a região frontal e as supra-nasais. Pupila vertical lobada.

Rostral larga e curta, com uma incisão mediana, de extensão variável e margem posterior reta. Supra-nasais grandes, em contacto ou não na linha mediana. Grânulos

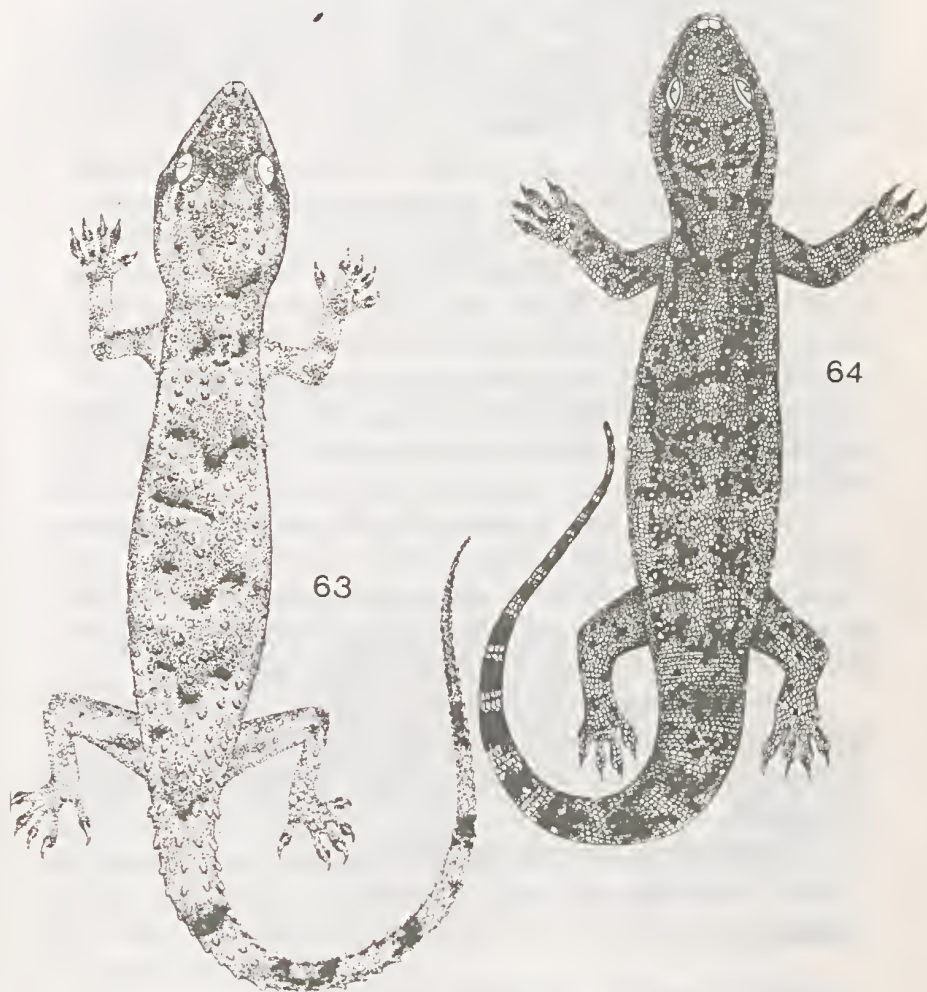


Fig. 63. *Hemidactylus mabouia*, MZUSP 49859, Exu, Pernambuco.

Fig. 64. *Phyllopezus p. pollicaris*, MZUSP 49905, Exu, Pernambuco.

do focinho moderados, salientes, diminuindo rapidamente de tamanho em direção à frente. Região supra-orbital semelhante à frente. Narina entre rostral e alguns grânulos post-nasais, atingida ou não pela 1ª supra-labial. Margem do supercílio granulosa.

Dorso com grânulos pequenos, lisos, justapostos, entremeados de tubérculos pequenos, cônicos ou carenados, que começam na região parietal, onde são menores e mais baixos. Ventrals redondas, imbricadas, lisas. No macho uma série contínua com 27 a 38 poros femorais e pré-anais. Os poros pré-anais medianos são separados do ânus por 4 fileiras de escamas, das quais a primeira é a maior.

Membro superior totalmente revestido por pequenas escamas cicloides, imbricadas, diminuindo distalmente, a não ser na face posterior do antebraço, que tem grânulos e tubérculos como o dorso. Membro posterior com escutelação dorsal e ventral semelhantes respectivamente à dorsal e ventral do corpo; posteriormente granulosa, homogênea. Mãos e pés com 5 dígitos, todos com unha; as lamelas ventrais do 4º dígito não alcançam nem a palma nem a planta, sendo separadas delas por grânulos pequenos; lamelas do 4º artelho 5-8.

Cauda integra com grânulos dorsais subquadrangulares, chatos, justapostos, formando fileiras transversais mais ou menos distintas. A cada 7-8 destas uma coroa de 6 tubérculos aculeados, voltados para trás. Ventralmente uma fileira médio-ventral de escamas transversalmente aumentadas.

Colorido dorsal extremamente variável, mais ou menos distintamente marmoreado, com 4-6 faixas transversais mais ou menos completas, irregulares. Ventre claro com pequenas pontuações.

Comprimento rostro-anal 68 mm.

Distribuição

África, Antilhas, América do Sul cisandina até o Rio Grande do Sul.

Biologia

Esta espécie vive em edificações humanas, se bem que ocasionalmente possa ser encontrada em ambientes naturais. É extremamente comum na costa do Brasil e na Amazônia, bem menos nas caatingas e nos cerrados. Como ocorre em ambientes naturais na África, pensa-se que seja originária de lá e tenha sido introduzida com os escravos.

É um animal noturno que caça de espera insetos, frequentemente espreitados junto à luz. A fêmea põe de cada vez dois ovos de casca calcárea, que ficam em frestas ou dentro de pilhas de materiais de construção, lenha, etc.

Phyllopezus pollicaris (Spix, 1825)

(Figuras 55 e 64)

Reconhecimento

É um lagarto grande para a família (até 85 mm), com pupila vertical lobada, dorso com grânulos e tubérculos, penúltima falange dos dígitos dilatada, com lamelas infradigitais simples (o caráter mais peculiar), todos os dígitos com unhas.

Descrição

Corpo espesso, membros curtos e fortes. Cabeça achatada; olhos muito grandes. Pupila vertical lobada.

Rostral muito larga, medianamente incisa na margem superior. Narina entre a rostral, 2 post-nasais aumentadas, e 1 supra-nasal grande, entumescida, em contacto com a sua simétrica. Grânulos do focinho grandes, lisos, maiores lateralmente, bem menores no topo da cabeça. Margem palpebral com grânulos maiores, chatos anteriormente, menores, cônicos, erectos posteriormente. Tímpano com esboço de franja marginal.

Dorso (da região parietal à raiz da cauda) com grânulos pequenos, menores que os do focinho e garganta, mais



ou menos regulares, lisos, justapostos. Entre eles tubérculos esparsos, mais ou menos cônicos, lisos ou fracamente carenados, de tamanho variável e disposição irregular. Ventrals redondas, lisas, imbricadas. Poros ausentes; tubérculos ad-anais presentes em machos de 55 mm ou mais.

Dorso dos membros anteriores cobertos de grânulos iguais aos do focinho, face ventral com grânulos menores. Face dorsal dos membros posteriores com grânulos iguais aos dorsais, que passam gradativamente na face anterior da coxa a escamas, semelhantes às ventrais, que ocupam parte da face inferior da coxa, cuja parte posterior é ocupada por grânulos, sendo a transição abrupta. Falanges próximas dilatadas, as do pollex e hallux menores; 9-13 lamelas ventrais no 4º artelho. Todos os dígitos com unhas.

Cauda íntegra dorsalmente com escamas lisas, subquadrangulares, imbricadas, em fileiras transversais mais ou menos regulares. Ventrals maiores que as dorsais, quase todas as da fileira mediana fortemente dilatadas transversalmente.

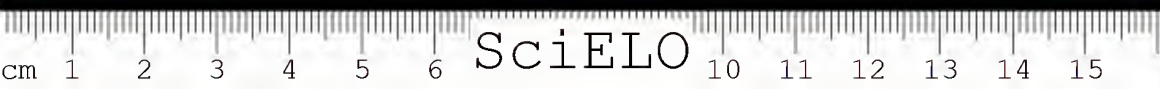
Colorido: os jovens têm no dorso e cauda uma nítida série de barras transversais escuras sobre fundo claro. Na cabeça há uma faixa lateral que parte do loro, passa através do olho, por cima do tímpano e atinge a altura da axila, unindo a extremidade lateral das 3-4 barras dorsais anteriores. O dorso da cabeça e membros é indistintamente variegado. As partes ventrais são claras, salpicadas de pontuações escuras mais ou menos concentradas, adensando-se posteriormente.

Com o crescimento o colorido fundamental do dorso vai escurecendo, e as barras se tornam menos nítidas; na região vertebral vai-se tornando mais evidente uma faixa longitudinal clara. A faixa lateral do focinho, bem como o colorido dos membros, cauda e partes ventrais, pouco ou nada mudam durante a vida do animal.

Comprimento rostro-anal 85 mm.

Distribuição

Formações abertas, do Nordeste do Brasil ao Paraguay.



Comentário

São aceitas duas subespécies, facilmente reconhecíveis, *P. p pollicaris* e *P. pollicaris przewalskii*; não se tem certeza de onde (ou mesmo se) intergradam. Possivelmente seja no Brasil Central.

Biologia

É um lagarto noturno que, nas caatingas, gosta muito de pilhas de pedras. Adapta-se bem às casas, habitadas ou abandonadas. Caça insetos e aranhas, de espera. Alimenta-se principalmente à noite, mas também de dia, em fendas de pedras. A fêmea põe 1 a 3 ovos, mais comumente 2.

Vanzoia klugei Smith, Martin & Swain, 1977

(Figuras 65 e 66)

Osguinha

Reconhecimento

Este lagarto pequeno (menos de 35 mm) tem a pupila redonda; o dorso granuloso; os dígitos II a V, armados de unha, com uma dilatação subterminal, revestida por 2 fileiras de lamelas; o dígito V sem dilatação, com unha reduzida. A cauda íntegra tem um típico coxim, semelhante à superfície ventral de um dedo. O macho adulto tem 4 fileiras de escamas glandulares grandes, também muito características, na face ventral da coxa.

Descrição

Focinho curto e obtuso. Pupila redonda. Rostral moderada, de contorno posterior arredondado, marginada atrás por 4 a 6 grânulos; os grânulos da cabeça vão diminuindo gradualmente para o vértice, sendo daí para trás uniformes em tamanho. Narina entre rostral, 1ª supra-labial, supra-nasal e um grânulo posterior.

Granulação do dorso homogênea. Ventrals sub-hexagonais, pouco mais largas que longas, imbricadas. Macho

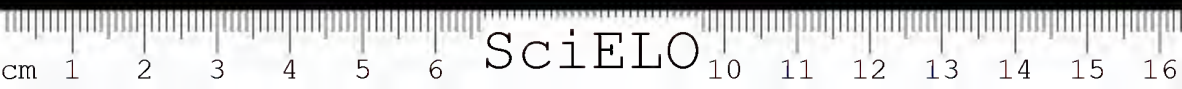




Fig. 65. *Vanzoia klugei*, MZUSP 50100, Exu, Pernambuco.

com uma série arqueada de escamas cônicas em frente à fenda anal, cada uma delas com um poro grande cercado por uma margem larga. Imediatamente atrás uma série de 4 poros, ocupando inteiramente escamas menores que as anteriores.

Faces dorsal, ventral e posterior do membro anterior com grânulos semelhantes aos dorsais, um pouco maiores na face anterior do braço; face anterior com escamas arredondadas, sub-imbricadas. Face dorsal do membro poste-

rior com grânulos semelhantes aos do dorso; faces ventral e anterior na fêmea com escamas arredondadas, imbricadas; face posterior com grânulos menores. Face ventral da coxa do macho com 4 fileiras longitudinais de escamas glandulares grandes, que se estendem de um pouco além da prega da virilha até o joelho; outra mancha semelhante, porém menor, de escamas glandulares na face ventral da tíbia.

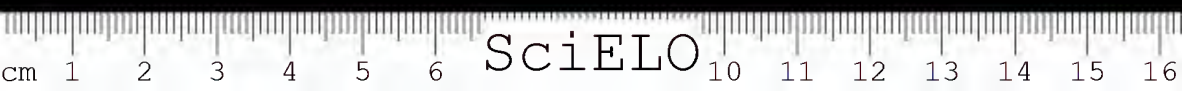
Pé e mão com 5 dígitos, todos com unha; o 1º muito reduzido, com unha diminuta, freqüentemente difícil de ver. Dígitos 2 a 4 com uma dilatação sub-terminal, revestida inferiormente de 4 a 5 lamelas duplas, na ponta da qual se insere a última falange. Face superior da cauda proximalmente com grânulos idênticos aos do dorso; a partir do sulco de autotomia (que é bem visível na cauda intacta) com fileiras transversais de escamas bem maiores que os grânulos basais, subquadradas ou arredondadas, justapostas. Ventrais da cauda muito maiores que os grânulos dorsais e maiores que as abdominais, arredondadas, lisas, imbricadas, irregularmente dispostas, diminuindo progressivamente de tamanho em direção à ponta. Ponta da cauda espatulada, coberta dorsalmente de escamas muito pequenas, ligeiramente imbricadas; ventralmente com 5-6 pares de lamelas semelhantes às infra-digitais, formando um coxim adesivo. A cauda regenerada também apresenta um coxim, porém desorganizado.

Colorido dorsal de fundo castanho acinzentado com tons amarelados. Uma faixa escura, mais ou menos distinta, da narina ao olho. Uma faixa post-ocular avermelhada, com margens negras bem marcadas, em cima e em baixo, atingindo a escápula, daí para trás continuando como uma série de manchas claras irregulares, prolongadas na cauda. Região mediana do dorso confusamente marmoreada. Colorido dorsal da fêmea obsoleto. Partes ventrais claras, com pontuações na garganta e na base da cauda; partes distais da cauda mais densamente pintadas.

Comprimento rostro-anal 34 mm.

Distribuição

Conhecido das caatingas, da Paraíba até o norte da Bahia.



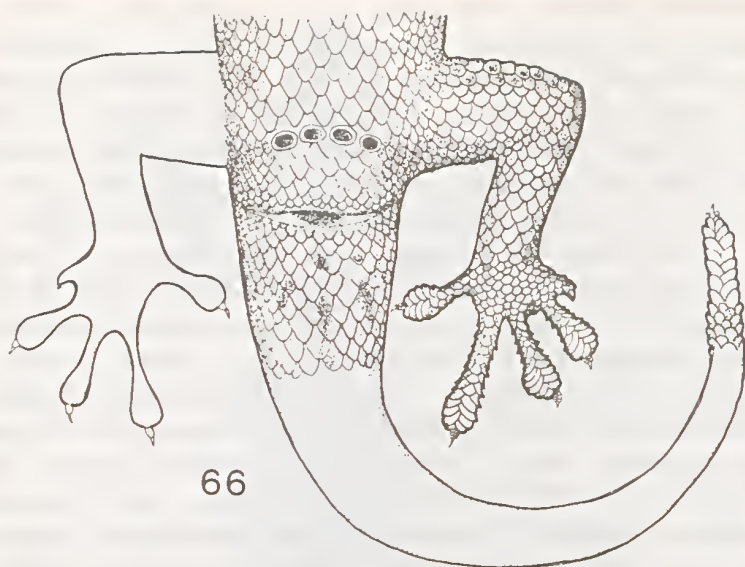


Fig. 66. *Vanzoia klugei*, MZUSP 50100, Exu, Pernambuco. Baixo abdome, coxas e face ventral da cauda.

Comentário

Este gênero é muito próximo do gênero africano *Lygodactylus*; há mesmo especialistas que não o consideram distinto. Há outra espécie, que se distribui do sul de Mato Grosso do Sul ao Chaco paraguaio. Sendo a descrição posterior ao catálogo de Peters & Donoso-Barros (1970), está citada nas Referências.

Biologia

Esta é uma espécie puramente arbórea, que vive em galhos finos de plantas da caatinga e em cercas de varas. Salta com muita agilidade de galho em galho, usando a cauda, provida de coxim adesivo, como um membro suplementar. É um animal diurno (pupila redonda). Caça de espera, comendo pequenos insetos e aranhas, e gostando muito de cupins. As fêmeas quase sempre põem dois ovos por vez; os ovos são depositados em fendas nas árvores, ou debaixo da casca.

FAMÍLIA IGUANIDAE

Esta família tem uma distribuição muito especial: as Américas, Madagascar e as ilhas Fidji. É muito diversificada, difícil de caracterizar como um todo, com base na morfologia externa. Um caráter constante é a ausência de um padrão regular de escamas no topo da cabeça, especialmente no focinho. Na nossa área não se encontram especializações dos dedos; em outras regiões elas existem, mas nunca na escala apresentada pelos gecos. As escamas dorsais variam de granulares a grandes e quilhadas; as ventrais nunca são arrançadas em fileiras regulares. As pálpebras são formadas por grânulos, freqüentemente espessados nas bordas, e se fecham bem: é difícil ver a pupila de um iguanídeo.

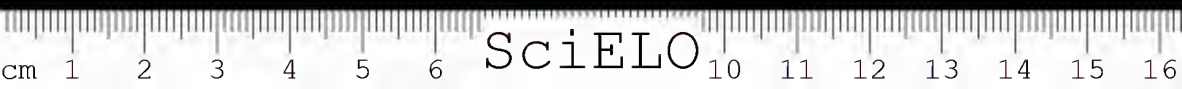
Todas as espécies são diurnas. Nas caatingas ocorrem apenas quatro, duas das quais (*Iguana iguana* e *Polychrus acutirostris*) são arborícolas, uma ligada a áreas rochosas (*Platynotus semitaeniatus*) e uma de grande valência ecológica (*Tropidurus torquatus*).

A reprodução é sempre ovípara.

A iguana é vegetariana; os demais caçam de espera, como os gecos.

CHAVE PARA OS GÊNEROS DE IGUANIDEOS

Uma crista dorsal	<i>Iguana</i>
Sem crista dorsal	
— Pálpebras soldadas	<i>Polychrus</i>
— Pálpebras normais	
— Dorsais granulares	<i>Platynotus</i>
— Dorsais grandes, quilhadas, pontudas	<i>Tropidurus</i>



Iguana iguana (Lineu, 1748)

(Figura 67; estampa XX)

Camaleão; sinimbu

Reconhecimento

A iguana é facilmente reconhecível, pela crista que vai da nuca à cauda, pela grande escama redonda em baixo do tímpano, e pela crista gular.

Descrição

Cabeça curta; focinho arredondado, com canto rostral obtuso; narina grande, situada em uma nasal entumescida, próxima à ponta do focinho; tímpano grande, oval; escamas da cabeça lisas, de tamanho variável; semicírculos supra-orbitários em contacto ou não; supra-oculares pequenas; occipital aumentada; 9 a 12 labiais. Um apêndice gular grande, com uma crista mediana de escamas grandes, triangulares, comprimidas; escamas gulares muito pequenas no apêndice, maiores e em várias fileiras próximo às labiais, aumentando de tamanho em direção a um escudo grande,



Fig. 67. *Iguana i. iguana*, MZUSP 45940, Exu, Pernambuco.

circular, situado abaixo do tímpano. Uma crista dorso-nucal contínua, composta de lobos falciformes, cujo comprimento é variável; mais desenvolvida em machos adultos. Escamas dorsais muito pequenas, iguais e quilhadas; pescoço com tubérculos grandes, cônicos ou obtusamente quilhados, irregularmente distribuídos; escamas ventrais pequenas, maiores que as dorsais, lisas ou indistintamente quilhadas. Membros fortes, dígitos longos e finos, com garras muito fortes. Poros femorais 12-18 de cada lado. Cauda fortemente comprimida, com uma crista em continuação à dorsal; escamas caudais quilhadas, maiores ventralmente.

Colorido verde ou esverdeado, mais claro ventralmente; superfícies dorsais uniformes ou variegadas de mais escuro e mais claro; usualmente barras verticais escuras, onduladas, de contorno mais claro nos flancos; cauda com anéis escuros mais ou menos distintos; usualmente uma faixa esbranquiçada na frente do braço.

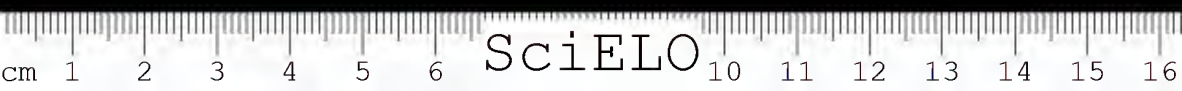
Comprimento rostro-anal 30 cm; cauda 80.

Comentário e Distribuição:

A iguana tem vasta distribuição geográfica, do México ao Brasil Central. As populações do México a Costa Rica são consideradas como pertencentes a uma raça à parte (*I. i. rhinolopha*). As populações sul americanas, que habitam a mata amazônica, as matas de galeria dos cerrados e as caatingas mais secas, são extraordinariamente homogêneas do ponto de vista morfológico (Trajano & Ghiringhello, 1978).

Biologia

É um animal arbóreo, que gosta da vizinhança da água (mergulha muito bem e por longo tempo), mas pode passar sem ela. Corre com velocidade no chão, mas por espaço curto. É essencialmente herbívoro, ingerindo grandes quantidades de folhas verdes, bem como frutos. Insetos são encontrados em seu estômago, mas é difícil saber se deglutidos de propósito ou inadvertidamente, junto com a folhagem. A postura (temos, das caatingas, uma de 31 ovos) é enterrada na areia.



Platynotus semitaeniatus (Spix, 1825)

(Figuras 68 a 70)

Lagartixa do lajeiro

Reconhecimento

Corpo muito achatado; occipital grande; escamas dorsais sem quilhas; numerosíssimos órgãos sensoriais em todas as partes dorsais do corpo; uma forte serrilha na face dorsal do tarso; uma faixa clara mediana dorsal da ponta do focinho à base da cauda.

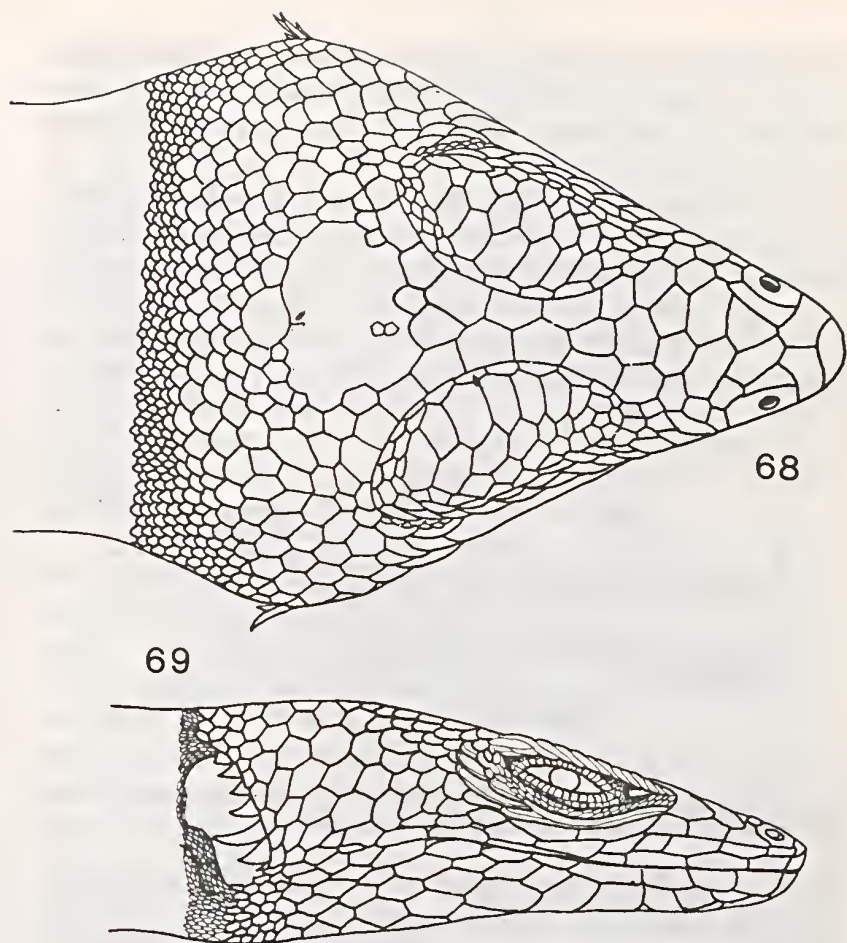
Descrição

Corpo extremamente achatado dorso-ventralmente. Escamas do topo da cabeça lisas, chatas, imbricadas posteriormente.

Rostral mais larga que alta, visível de cima. Escamas da região internasal grandes; semicírculos supraorbitários em contacto; uma série de escamas supra-oculares transversalmente aumentadas e separadas do semicírculo por uma fileira de escamas; occipital grande, quase tão larga quanto longa. Narina grande, colocada na parte posterior de uma escama piriforme; supraciliares oblíquas, estreitas e longas, sendo as anteriores voltadas para trás e as posteriores para a frente. Primeira sub-ocular muito grande, alcançando do canto da rostral até ou mais que o meio do olho, com um rebordo acentuado; seguida por 1 ou 2 sub-oculares menores, com rebordo menos definido, transformando-se gradualmente nas temporais, que são chatas, grandes, de formato irregular, tendendo a cônicas erectas. Supralabiais, 6 ou 7. Todas as escamas do topo e lados da cabeça com numerosos órgãos sensoriais em forma de pequenas pústulas, aparentemente com uma membrana fixada a um rebordo circular elevado. Tímpano com uma franja de escamas longas e filoides em sua margem anterior.

Uma robusta prega ante-humeral, amplamente separada de sua simétrica; pregas gulares ausentes; lados do pescoço cobertos de grânulos pequenos, complexamente pregueados;





Figs. 68-69. *Platynotus semitaeniatus*, MZUSP 50718, Exu, Pernambuco, cabeça dorsal e lateral.

mas sem bolsas de acarídeos. Cristas medianas ausentes. Escamas da região vertebral maiores, lisas, imbricadas, de formato e tamanho irregular. Para os lados vão ficando menores, convexas, justapostas, arrumadas em fileiras transversais, até atingirem a forma de grânulos salientes na altura de uma prega longitudinal que vai da região escapular à raiz da coxa. Abaixo da prega, grânulos menores, cônicos, justapostos, com um órgão sensorial no ápice. Esses grânulos são maiores a meio corpo, podendo assumir a forma

de espinhos com órgãos sensoriais em posição lateral, diminuindo e desaparecendo em direção à axila e virilha. Ventrals lisas, arredondadas, imbricadas, pouco maiores que as dorsais medianas.

Face anterior do braço com escamas grandes, ericadas, com quilhas altas, alinhadas, e mucro comprido; dorsalmente as quilhas vão diminuindo até que a face posterior do braço é revestida por escamas arredondadas lisas e a ventral por escamas pequenas. Face dorsal e posterior do antebraço com escamas semelhantes às da face anterior do

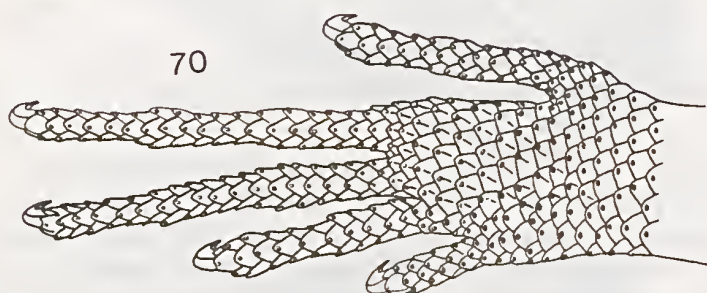


Fig. 70. *Platynotus semitaeniatus*, MZUSP 50718, Exu, Pernambuco. Vista dorsal da mão esquerda. Notar órgãos sensoriais.

braço, diminuindo bruscamente no terço distal e tarso, onde mostram volumosos órgãos sensoriais, que indentam o ápice das escamas. Face dorsal da mão e dedos com grande abundância de órgãos sensoriais. Superfície ventral do antebraço com escamas lisas, pouco imbricadas, transformando-se distalmente em fileiras transversais de escamas quadradas, fortemente imbricadas. Palma com escamas lisas; lamelas infradigitais com uma delgada quilha mediana contínua. Coxa anteriormente revestida de escamas chatas, lisas, largas, com a ponta indentada por órgãos sensoriais, diminuindo em direção ao dorso e transformando-se na face posterior em acúleos erectos, também terminando em órgãos sensoriais. Parte ventral semelhante às ventrais do corpo. Perna apresentando uma constrição logo abaixo do joelho, a partir da qual a escutelação se assemelha à do ante-braço. Margem

externa do tarso com escamas imbricadas e eriçadas. Uma forte serrilha começando na articulação tíbio-társica e terminando na base da parte livre do 4º artelho. Medialmente 1 ou 2 fileiras de escamas erectas, imbricadas sobre a serrilha. Lado interno do tarso com escamas pequenas, de quilhas mucronadas, misturadas com outras lisas. Quarto artelho com uma serrilha externa nos artículos basais; os demais simples. Lamelas com quilha alta, denteada.

Cauda basalmente dilatada e deprimida. Escamas dorsais na base lisas e grandes, distalmente quilhadas e mucronadas. Laterais eriçadas, com quilhas muito altas na parte distal da escama, com um acúleo na ponta, ladeado por 2 órgãos sensoriais. Face ventral com escamas lisas na base, distalmente quilhadas, com mucro pequeno.

Partes dorsais escuras, castanho acinzentado. Dorso do jovem com manchas brancas sobre fundo quase negro, formando um rendado transversal; uma faixa clara mediana, nítida, de branco puro a leitoso, da ponta do focinho até a inserção da cauda. Topo da cabeça e membros marmoreados de mais escuro. No adulto a faixa mediana permanece, mas o marmoreado dorsal torna-se quase obsoleto, aparecendo apenas manchas mais claras dispersas. Garganta com manchas arredondadas claras sobre fundo enfumaçado; ventre com escamas cinza claro, sujo; face ventral dos membros e cauda clara, praticamente imaculada. O macho adulto apresenta (como todos os iguanídeos deste grupo), três áreas melânicas na superfície ventral: uma em cada coxa e uma na aba anal. Essas áreas são formadas por escamas de centro preto e periferia clara, o que lhes dá um aspecto reticulado.

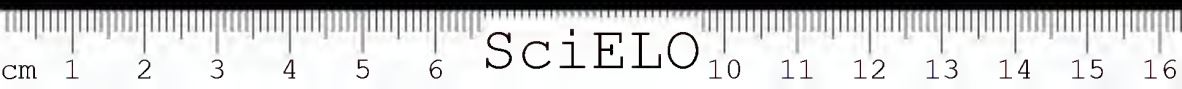
Comprimento rostro-anal 100 mm.

Distribuição

Do Piauí até a metade norte da Bahia (Salvador).

Comentário

Esta espécie tem sido incluída no gênero *Tropidurus*, mas merece posição independente, como proposto por Schmidt & Inger (1951).



Biologia

Só se encontra em lugares rochosos, com amplas superfícies de rocha exposta. Embora freqüente paredões de arenito e campos de matacões, seu habitat preferido são os lajeiros de rochas cristalinas. Seu corpo achatado permite explorar em profundidade as fendas nas rochas, e muito provavelmente a enorme quantidade de órgãos sensoriais cutâneos e a serrilha presente no tarso também estão relacionados com essa especialização. Frequentemente vive lado a lado, sem aparente interferência, com *Tropidurus torquatus*. Os machos são maiores que as fêmeas e defendem territórios. Caça de espera pequenos artrópodos, podendo saltar para cima para catar insetos na vegetação. A fêmea põe de 1 a 3 ovos, em geral 2. É freqüente o encontro de ninhinhos coletivos.

Polychrus acutirostris Spix, 1825

(Figuras 71 a 74; estampas XXI e XXII)

Camaleão; bicho preguiça; papavento

Reconhecimento

O caráter mais saliente deste gênero é o olho, cujas pálpebras são soldadas e formadas por grânulos arranjados concentricamente. As escamas do flanco, em fileiras irregulares oblíquas, freqüentemente separadas por grânulos, também são características. O comportamento é peculiar: é um bicho em geral meio letárgico, que se firma na cauda semi preênsil e deixa um ou dois membros pendurados, soltos no espaço.

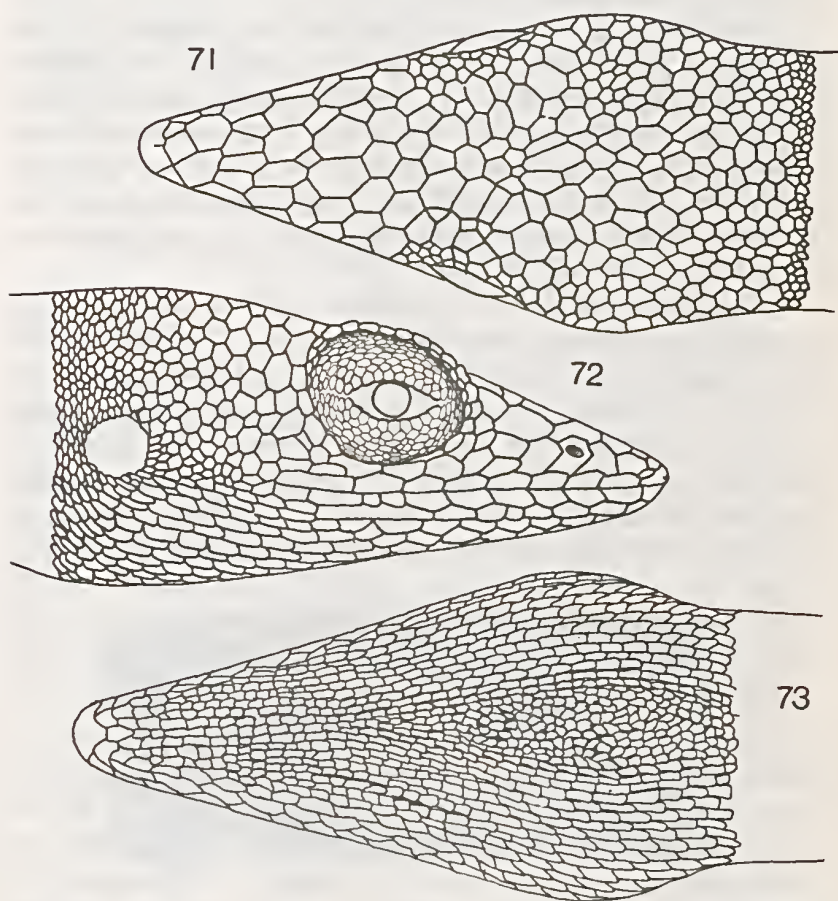
Descrição

Corpo alto, lateralmente comprimido. Membros delgados e compridos. Cauda longa e semi-preênsil.

Focinho pontudo, com canto rostral arredondado; escamas do topo do focinho grandes, justapostas, poligonais,



um tanto convexas, tornando-se rugosas e irregulares do nível do olho para trás. Parietal escassamente diferenciada. Semi-círculos supraorbitários formados por escamas muito grandes, iguais às demais supracefálicas, não se tocando no meio. Escamas supraorbitárias pequenas, chatas, em 2-3 fileiras, das quais a externa é composta de escamas bem menores. Superciliares 7, arredondadas, semelhantes às supraorbitárias. Narina muito grande, no meio de uma nasal simples situada acima da sutura entre a 2^a e 3^a supralabiais. Escamas da região loreal grandes, pavimentosas. Supralabiais,



Figs. 71-73. *Polychrus acutirostris*, MZUSP 50209, Exu, Pernambuco, vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

7-8, em contacto com duas infra-orbitárias. Pálpebras compostas de grânulos grandes arranjados concentricamente, fundidas, deixando uma abertura pequena, redonda ou transversalmente alongada. Temporais chatas, lisas, pavimentosas. Ouvido verticalmente elíptico, de borda simples. Sinfisa larga em forma de bigorna, infralabiais, 7. Escamas laterais da região gular alongadas, imbricadas, algumas delas com uma quilha oblíqua. Escamas medianas da região gular anteriormente pequenas, alongadas, levemente quilhadas, posteriormente tornando-se lanceoladas, quilhadas, muito imbricadas, de tamanho irregular.

Escamas do meio do dorso grandes, irregulares em tamanho e forma, mal imbricadas, com vestígios de quilhas, mais acentuados na parte posterior do dorso. Escamas dos flancos de quadrangulares a ovóides, lisas, justapostas ou separadas por áreas de pele dividida em grânulos por sulcos irregulares. Ventrals lanceoladas, com quilha estreita e alta, as vezes submucronadas. Aba anal com escamas pequenas, irregulares, com quilhas muito altas.

Superfície dorsal do membro anterior coberta por escamas losangulares, bem imbricadas, com quilhas rombas que desaparecem no carpo. Superfície ventral do braço coberta por escamas pequenas, arrumadas em fileiras transversais, desorganizadas na região mediana; do antebraço lanceoladas, quilhadas; palma com grânulos grandes e altos; lamelas infradigitais com 3 quilhas. Superfície dorsal da coxa e perna com escamas arredondadas, levemente qui-

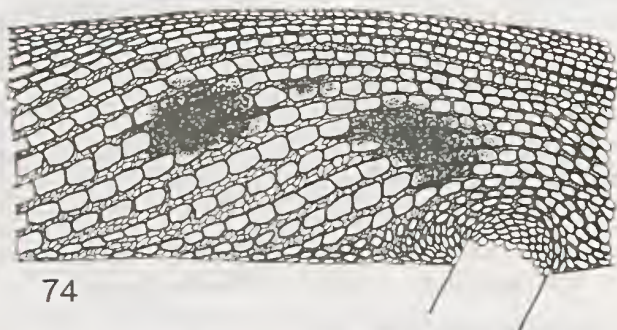


Fig. 74. *Polychrus acutirostris*, MZUSP 50209, Exu, Pernambuco, escamas e padrão de colorido do flanco direito.

lhadas na região mediana. Superfície inferior da coxa com escamas pequenas, lanceoladas, com quilhas grossas, em fileiras perpendiculares ao eixo do membro. Planta sub-espinhosa; lamelas ventrais dos artelhos multicarenadas.

Cauda dorsalmente, na base, semelhante ao dorso; distalmente as escamas, que formam anéis pouco regulares, vão adquirindo quilhas cada vez mais altas. Ventralmente as escamas têm quilhas altas que formam 7 ou 9 cristas contínuas.

Dorso oliva pálido uniforme ou com faixas negras transversais, irregulares e anguladas; em machos na libré reprodutiva, há sobre o colorido uniforme do fundo, logo atrás do braço, 3 manchas negras, arredondadas, em seqüência. Ventre e membros mais claros, branco-acinzentado, às vezes com marmoreações mais escuras. Linhas pretas irradiando do olho; as duas mais distintas estendendo-se até a inserção do braço, a inferior passando através do tímpano.

Comprimento rostro-anal 150 mm.

Distribuição

Formações abertas da América do Sul cisandina, do sul do Pará ao norte da Argentina.

Biologia

É um lagarto tipicamente arbóreo, que se move lentamente (donde seu nome de “bicho preguiça”) e é difícil de ver, dada sua coloração procríptica, que o animal pode variar dentro de certos limites (donde o nome “camaleão”).

Alimenta-se primariamente de artrópodos arborícolas.

Os machos são menores que as fêmeas, e defendem territórios, não só com “display”, mas também chegando à luta. Durante a estação da cria os machos adquirem um colorido avermelhado na cabeça e manchas pretas grandes nos flancos. A cópula se dá na vegetação. Há uma única ninhada por ano, com 7 a 31 ovos, dependendo do tamanho da fêmea.



Tropidurus torquatus (Wied, 1820)

(Figuras 75 e 76; estampa XXIII)

Lagartixa preta; taraguira;
trauira; labigó

Reconhecimento

Um lagarto escuro, com finas barras transversais pretas e brancas mais ou menos distinta e com um colar preto formado pela confluência de duas barras pré-humerais bem marcadas. Escamas dorsais quilhadas e mucronadas, as quilhas formando linhas convergentes para cima e para trás. Escamas supraoculares escassamente aumentadas.

Descrição

Corpo robusto, moderadamente deprimido. Escamas do topo do focinho poligonais, justapostas, com numerosas fossetas sensoriais. Narina acima do canto rostral, bem próxima da ponta do focinho, situada na metade posterior de uma nasal fortemente entumescida. Semicírculos mal diferenciados, em contacto. Occipital grande, mais longa que larga, irregular. Escamas supraoculares mediais moderadamente dilatadas; mais 2 ou 3 fileiras de escamas pequenas entre elas e o supercílio; algumas fossetas nas supraoculares. Supralabiais 8. Tímpano vertical, com margem anterior fortemente denteada. Uma prega ante-humeral forte, amplamente separada de sua simétrica; na frente dela uma bolsa de acarianos. Escamas temporais espessas, com uma quilha curta terminando em um espinho que mal ultrapassa a margem posterior da escama. Gulares anteriores poligonais, muito irregulares em forma, arranjo e imbricação, tornando-se mais regulares posteriormente.

Escamas do dorso com quilhas e um mucro enorme, as quilhas arranjadas em fileiras oblíquas, convergindo em direção à região sacral. Escamas ventrais menores que as dorsais, arredondadas ou romboides, lisas, arrumadas em fi-

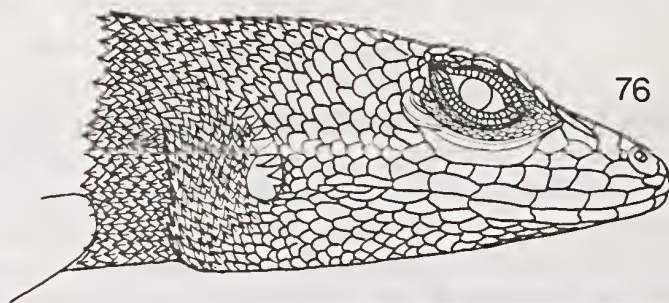
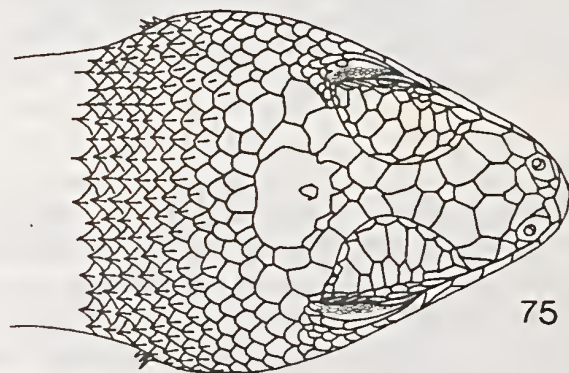


leiras transversais e oblíquas. A transição entre as escamas dorsais e ventrais é gradual.

Superfície dorsal do membro anterior semelhante à do corpo. Escamas ventrais do braço quilhadas e mucronadas; do antebraço lisas ou mucronadas. Palma espinhosa. Superfícies dorsal e ventral do membro posterior como as correspondentes do corpo. Face posterior da coxa com escamas voltadas para cima, quilhadas, com mucros grandes. Planta mais espinhosa que a palma.

Escamas dorsais da cauda como as do corpo, com pequenos órgãos sensoriais ao lado do mucro. Superfície ventral da cauda com escamas estreitas, pontudas.

Colorido dorsal cinza com barras transversais mal desenhadas, pretas e brancas. Uma barra escura marginada de claro na prega ante-humeral, geralmente encontrando-se



Figs. 75-76. *Tropidurus torquatus*, MZUSP 48451, Exu, Pernambuco. Vistas dorsal e lateral da cabeça.

com sua simétrica na nuca. Superfície dorsal dos membros cinza salpicado de negro. Parte da garganta mosqueada ou confusamente barrada de cinza escuro e branco. O mesmo padrão aparece na parte anterior do peito; entre essas duas áreas a parte posterior da garganta é enegrecida de maneira variável. O ventre varia de cinza claro a escuro; a face ventral dos membros é clara e pode ser mosqueada de cinza escuro. Macho adulto com uma tarja preta, estreita e longa, na face inferior de cada coxa e uma mancha preta compacta na aba anal.

Comprimento rostro-anal 130 mm.

Comentário

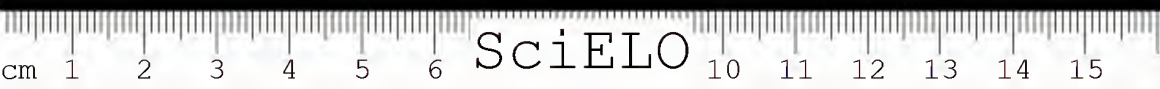
Sob o nome "*Tropidurus torquatus*" englobamos uma série de formas que se distribui da Venezuela até o Paraguay, incluindo aquelas chamadas "hispidus" pelos autores. É um grupo complexo, que só poderá ser entendido por meio de uma análise de conjunto.

Biologia

Este é o lagarto mais abundante da área das caatingas, sendo encontrado em todos os habitats, inclusive casas, muros e cercas. Alimenta-se de artrópodos, ocasionalmente capturando pequenos vertebrados. Caça de espera. O macho é maior que a fêmea e defende um território. É um lagarto ovíparo, com ninhadas de 4 a 14 ovos, dependendo do tamanho da fêmea.

FAMÍLIA TEIIDAE

Esta família, característica do Novo Mundo, divide-se em dois grupos principais, macroteiídeos e microteiídeos. Como os nomes indicam, há em geral uma diferença de tamanho; existem microteiídeos de poucos centímetros de comprimento e entre os macroteiídeos estão 5 dos 6 maiores lagartos da América do Sul, as duas espécies de *Dracaena* e as três de *Tupinambis* (o outro lagarto grande é *Iguana*



iguana). Além disso, existem peculiaridades anatômicas importantes. Um caráter diferencial, de fácil observação e de aplicação quase universal, é a disposição das escamas logo atrás da rostral. Nos macroteiídeos as escamas nasais se encontram na linha mediana; nos microteiídeos são separadas por uma escama, a fronto-nasal.

A grande maioria dos teiídeos tem um padrão regular e característico de escamas no topo da cabeça. O arranjo dessas escamas é muito importante na sistemática, especialmente dos microteiídeos. Todos os microteiídeos têm o dorso revestido de escamas imbricadas; nas duas espécies das caatingas essas escamas são de margem posterior redonda, arrumadas em fileiras oblíquas. A quase totalidade dos macroteiídeos (todos os das caatingas) tem o dorso revestido por grânulos. Há grande variação do padrão de escamas ventrais dentro da família. Nas caatingas os macroteiídeos têm ventrais retangulares, imbricadas ou não, sempre arrumadas em fileiras transversais; as ventrais dos microteiídeos são semelhantes às dorsais.

A pálpebra dos macroteiídeos é granulosa, mas os grânulos são achatados e translúcidos, muito diferentes dos grânulos palpebrais dos iguanídeos, que são semelhantes aos do corpo em geral. No meio da pálpebra inferior existe uma área transparente, que freqüentemente mostra vestígios das escamas que a constituem. Muitos microteiídeos têm pálpebras semelhante à dos macroteiídeos, mas alguns (entre eles as duas espécies das caatingas) têm pálpebras, como as dos gecos, reduzidas a uma única membrana adpressa à córnea, indivisível à inspecção, uma condição vulgarmente mencionada como "pálpebras ausentes".

Embora não haja um plano de autotomia definido na cauda dos teiídeos, a ruptura e a regeneração do apêndice são fáceis e freqüentes.

Nos microteiídeos há uma tendência generalizada à redução do comprimento dos membros, que pode chegar praticamente ao desaparecimento do membro posterior; não há casos acentuados nas caatingas. Contudo, as duas espécies da área apresentam apenas 4 dedos na mão.



Os teiúdeos, com muito poucas exceções, são animais terrícolas, com tendências fossoriais, não associados a áreas rochosas. Seu sistema de caça difere bastante daquele dos gecos e iguanídeos. Não esperam a presa; percorrem o ambiente, parando freqüentemente, olhando para os lados e esgaravando o substrato.

A reprodução é sempre ovípara. As ninhadas podem ser grandes, e são freqüentemente proporcionais ao tamanho da fêmea. Existem diversas espécies partenogenéticas, quer entre os macro, quer entre os microteiúdeos; ainda não se conhece nenhuma na área das caatingas.

CHAVE PARA IDENTIFICAÇÃO DOS TEIÚDEOS

Pálpebra ausente; escamas dorsais e ventrais semelhantes

— Prefrontais presentes; frontoparietais ausentes

Gymnophthalmus

— Prefrontais ausentes; frontoparietais presentes

Micrablepharus

Pálpebra normal; dorsais granulares; ventrais retangulares

— 8 ventrais em uma fileira transversal, *Cnemidophorus*

— 10 a 12

Ameiva

— 28 a 34

Tupinambis

Ameiva ameiva (Lineu, 1758)

(Figuras 77 a 79; estampa XXIV)

Calango verde; bico doce; tejubina

Reconhecimento

Ameiva ameiva e *Cnemidophorus ocellifer* são superficialmente muito parecidos. Caracterizam-se pela cabeça coberta por placas regulares, pelas ventrais retangulares e dispostas em fileiras longitudinais e transversais e pela ausência de manchas pretas nas partes ventrais. Entre si as duas espécies podem ser facilmente diferenciadas com o auxílio da Chave.



Estampa XVII. *Briba brasiliana* (Exu, Pernambuco).



Estampa XVIII. *Gymnodactylus geckoides* (Exu, Pernambuco).



Estampa XIX. *Hemidactylus agrius* (Exu, Pernambuco).



Estampa XX. *Iguana iguana* (Exu, Pernambuco).



Estampas XXI e XXII. *Polychrus acutirostris* (Fexu, Pernambuco). Em cima, fêmea; em baixo, macho em libré nupcial.



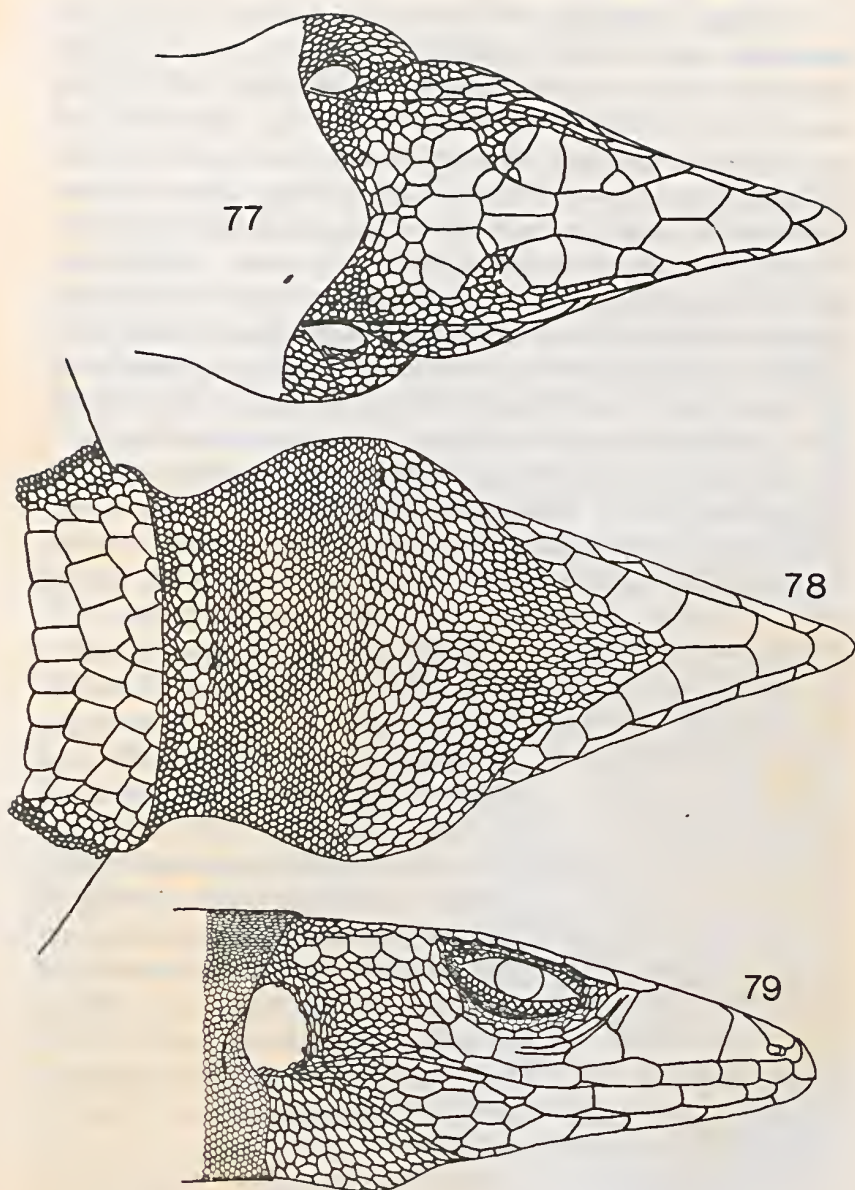
Estampa XXIII. *Tropidurus torquatus* (Exu, Pernambuco).



Estampa XXIV. *Ameiva ameiva* (Exu, Pernambuco).



Estampa XXV. *Cnemidophorus ocellifer* (Exu, Pernambuco).

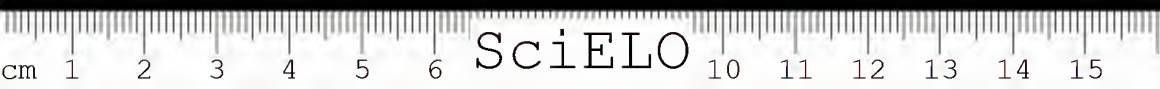


Figs. 77-79. *Ameiva ameiva*, MZUSP 51203, Exu, Pernambuco. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

Descrição

Cabeça comprida, de perfil curvo; canto rostral bem marcado; região loreal vertical. Rostral curta e alta, formando um bico na parte superior do focinho; narina numa nasal incompletamente dividida; nasais em contacto atrás da rostral, separando-a da fronto-nasal; prefrontais grandes, formando uma sutura mediana; frontal mais larga na frente do que atrás, alcançando a altura do meio da órbita; 2 fronto-parietais, cujo canto póstero-lateral às vezes se individualiza como uma escama, simétrica ou não; interparietal oblonga, irregular; uma ou duas parietais de cada lado, mais curtas que a interparietal; conjunto parietal marginado atrás por uma ou mais fileiras de escamas grandes, muito irregulares, justapostas; supraoculares, 4, separadas da frontal e das superciliares por fileiras de grânulos de extensão variável. Supralabiais, 5-6, a última não ultrapassando o olho, o restante da rima bucal granulosa; uma grande loreal trapezoidal; 5 infraorbitárias diferenciadas, as anteriores com uma carena alta. Pálpebra granulosa, com uma janela formada por escamas altas; temporais granulares, algumas aumentadas na aresta entre o topo e o lado da cabeça, separadas das parietais por grânulos. Ouvido grande, de bordas lisas. Sinfisal pequena; infralabiais 5-6, acompanhando as supralabiais; uma post-sinfisal mediana, seguida por 2 fileiras divergentes de escamas grandes, o 1º par em contacto na linha mediana; gulares anteriores granulares, aumentando de tamanho para trás e para o meio; à altura do ouvido as gulares medianas são relativamente grandes, pavimentosas, justapostas; segue-se uma área de escamas pequenas, que termina em uma dobra gular bem definida, que se continua com um sistema de pregas laterais do pescoço. Imediatamente atrás outra dobra, separada da primeira por escamas um pouco aumentadas, também se continuando nas pregas do pescoço. Lados do pescoço finamente granulados.

Dorso coberto por grânulos muito pequenos, justapostos, formando fileiras transversais um tanto irregulares e anastomosadas. Ventrais retangulares, justapostas anteriormente, passando a sub-imbricadas, em fileiras transversais e



longitudinais; 27-30 ventrais entre a 2ª prega gular e a aba anal; 10-12 escamas em uma fileira transversal, seguidas de cada lado por uma ou mais escamas redondas e achatadas e passando abruptamente aos grândulos do flanco. Aba anal com um grupo de escamas aumentadas, lisas.

Lado superior do membro anterior com uma fileira de escamas muito grandes; faces posterior e inferior granulosas, com um grupo de escamas maiores no cotovelo. Face dorsal do membro posterior granulosa; faces anterior da coxa e ventral da tíbia com escamas grandes; superfície ventral da coxa com escamas pequenas, lisas, sub-imbricadas. Marginando essas escamas posteriormente, uma série de escamas entumescidas, inteiras ou divididas, tendo cada uma, no centro, um poro femoral relativamente pequeno; 17 a 24 poros de cada lado, 34-47 no total. Face posterior da coxa com escamas granulosas. Base do 3º e 4º artelhos coberta por placas grandes; 5º artelho delgado, inserido lateralmente bem atrás dos outros. Cauda com anéis de escamas retangulares, quilhadas.

Partes dorsais do jovem, das parietais até a base da cauda, cinza azulado com vagas marmoreações escuras; da cabeça e da cauda mais escuros. De cada lado uma faixa clara, estreita e ondulada, saindo da aresta temporal e alcançando o sacro, limitando a área mediana. Abaixo dessa linha branca uma faixa fuliginosa contendo finas pontuações brancas, limitada inferiormente por outra faixa clara, que vai do meio do ouvido à virilha. Abaixo dessa linha clara outra faixa escura, com manchas claras, redondas, irregulares. Partes dorsais dos membros escuras; face anterior da coxa continuando o colorido do flanco. Região gular e ventre até a inserção das coxas azulados; baixo ventre, aba anal, superfície ventral do membro posterior e raiz da cauda rosados, sem manchas. A cauda distalmente vai escurecendo, mas é muito variável. Acima do contacto do colorido claro da parte ventral da cauda com o colorido escuro da parte dorsal, uma série de manchinhas claras. Superfície ventral do membro anterior também clara. Dígito esfumados.



O adulto pode conservar o colorido juvenil ou pode ficar inteiramente verde, puro ou azulado, com manchas brancas cercadas de preto nos flancos e na superfície dorsal do membro posterior. Essas manchas podem estar organizadas em fileiras verticais, mais ou menos regulares. A região mediana pode ser unicolor ou fortemente marmoreada de preto. As partes ventrais podem ser invadidas por um colorido azul intenso, só restando áreas claras na superfície ventral do membro posterior e na aba anal. Nas fêmeas adultas frequentemente em vez desse colorido azul existe uma sufusão cor de rosa.

Comprimento rostro-anal 180 mm.

Distribuição

A espécie ocorre a leste dos Andes, do Panamá ao norte da Argentina.

Comentário

São aceitas na literatura diversas raças de *Ameiva ameiva*, sem, contudo, a menor base científica.

Biologia

É um lagarto terrícola, que se abriga em buracos cavados por ele mesmo. É um heliófilo (animal que se aquece ao sol) que costuma estar ativo a temperaturas altas. Seu método de procurar alimento difere radicalmente daquele adotado pelos iguanídeos. Enquanto estes caçam de espera, os teiídeos movimentam-se sem cessar, ciscando na vegetação, entre folhas secas, em baixo de pedras e tôcos, etc. Comem artrópodos, pequenos vertebrados, alguma carniça e matéria vegetal. A cópula é precedida por uma fase de "perseguição" em que machos maiores prevalecem sobre os menores. O macho finalmente bem sucedido agarra a fêmea com os dentes, pela parte posterior do tronco, enrola-se nela e introduz o hemipênis. Várias ninhadas são postas por ano, o número de ovos em cada postura variando com o tamanho da fêmea, com média entre 5 e 6.



Cnemidophorus ocellifer (Spix, 1825)

(Figuras 80 a 82; estampa XXV)

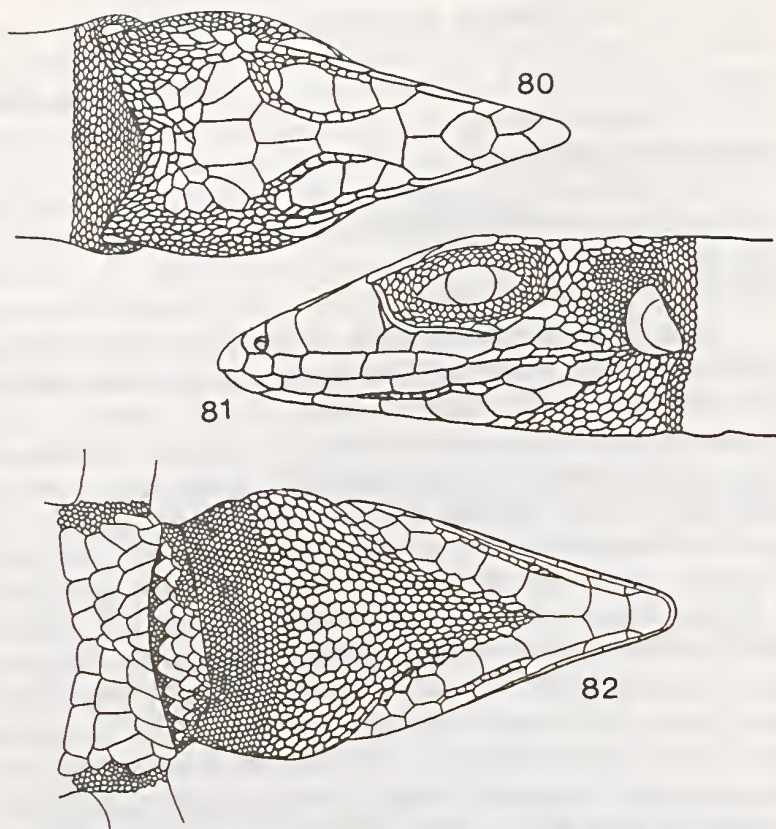
Calanguinho

Reconhecimento

Vide *Ameiva ameiva*.

Descrição

Aspecto geral extremamente parecido com o de *Ameiva ameiva*. Cabeça comprida, de perfil curvo; canto rostral bem marcado; região loreal vertical. Rostral curta e alta, formando um bico na parte superior do focinho; narina em uma nasal incompletamente dividida; nasais em contacto atrás da rostral, separando-a da fronto-nasal; prefrontais grandes, formando uma sutura mediana; frontal mais larga na frente do que atrás, alcançando a altura do meio da órbita; 2 frontoparietais de cada lado; atrás do conjunto parietal uma área de escamas chatas, aumentadas, muito irregulares. Supra-oculares, 4, com frequentes subdivisões, da 2ª para trás completamente cercadas por uma fileira de grânulos. Cinco a seis supralabiais aumentadas, decrescendo para trás em altura, atingindo apenas o meio do olho; uma grande loreal trapezoidal; 3 infra-orbitárias, as 2 anteriores com rebordo alto. Pálpebra granulosa, com uma janela formada por escamas altas. Temporais granulares, lisas, muito pequenas. Na aresta temporal, um grupo de escamas grandes atingindo o nível do ouvido. Ouvido grande, de bordos lisos. Sinfisal pequena; infra-labiais, 5-6, ultrapassando para trás as supralabiais; uma post-sinfisal mediana, seguida por 2 fileiras divergentes de escamas grandes, o 1º par em contacto na linha mediana. Gulares divididas em 2 áreas, o limite entre elas passando pela linha que une o vértice inferior dos ouvidos. A área anterior tem escamas relativamente grandes, redondas ou poligonais, frouxamente justapostas; a área posterior, que termina em uma prega gular, é revestida de grânulos arredondados. A transição entre as 2 áreas



Figs. 80-82. *Cnemidophorus ocellifer*, MZUSP 44382, Junco do Seridó, Paraíba. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

não é marcada por sulco ou dobra, mas é bastante abrupta. O espaço entre esta primeira dobra gular e a segunda é ocupado por escamas grandes, quase do tamanho das peitorais, que chegam até a margem da dobra, o recesso da qual é revestido por grânulos minúsculos. Lados do pescoço cobertos de grânulos iguais aos dorsais; com pregas e dobras que se continuam nas pregas gulares.

Dorso coberto por grânulos muito pequenos, justapostos, formando fileiras transversais um tanto irregulares e anastomosadas. Ventrais retangulares, imbricadas, em fileiras transversais e longitudinais; 23-26 fileiras de ventrais

entre a 2ª prega gular e a aba anal; 8 escamas em uma fileira transversal, passando mais ou menos abruptamente para os grânulos do flanco. Aba anal com uma escama central muito grande, cercada na frente e dos lados por escamas pequenas e, posteriormente, por uma fileira transversal de escamas aumentadas.

Lado dorsal do braço e metade anterior do antebraço revestidos por escamas muito grandes; no mais o membro anterior é granuloso. Palma granulosa. Uma série de placas tuberculares na face ventral do pollex. Faces anterior e ventral da coxa e ventral da tíbia revestidas por escamas muito grandes; o restante do membro posterior granuloso. Duas fileiras de escamas muito aumentadas no tarso, correspondendo ao 2º e 3º artelhos. Hallux com uma fileira de lamelas semelhantes à do pollex; 4º artelho delgado, inserido proximalmente. Uma série de poros femorais (8 a 12 de cada lado, 18 a 23 no total) cercados por 3 ou mais escamas, formando um conjunto cônico.

Escamas da cauda aumentadas, em anéis transversais, as dorsais sub-retangulares, com uma quilha ligeiramente oblíqua; as laterais com quilhas alinhadas para trás e para cima, levemente mucronadas. Ventrais com quilhas baixas, a não ser na base da cauda, onde são lisas.

Padrão de colorido em faixas longitudinais, muito vívidas nos jovens, tendendo a desaparecer no adulto. De cada lado 3 listas claras: a 1ª, a menos vívida de todas, é para-vertebral e corre da nuca ao sacro; a 2ª se origina em continuação à aresta temporal e atinge a base da cauda, passando por cima da raiz da coxa; a 3ª se origina no quadrante póstero-inferior da órbita, passa pelo ouvido, por cima da raiz do braço, curva-se na virilha e termina no meio da face anterior da coxa. Entre as faixas paravertebrais o dorso é indistintamente marmoreado de castanho escuro; entre a 1ª e a 2ª faixas o dorso é fuliginoso, sem manchas; entre a 2ª e 3ª há uma série de manchas brancas; abaixo da 3ª lista há manchas claras sobre fundo escuro, extremamente variável. O abdômem é azul claro ou branco. Nos machos jovens e fêmeas adultas o colorido dorsal vai adqui-



rindo uma tonalidade azulada, as linhas claras ficando menos nítidas e as faixas escuras tornando-se interrompidas. O macho plenamente adulto tem o dorso oliváceo com uma fileira de manchas redondas no flanco e barras irregulares no limite com as escamas ventrais; mesmo essas marcas podem se tornar obsoletas. Em certas regiões os adultos têm as partes ventrais irregularmente manchadas de vermelho ferrugíneo. Face dorsal dos membros, nos jovens, reticulada de claro e escuro. Nos adultos a tendência é a desaparecer o padrão. Ventralmente os membros são claros, branco amarelados. Face dorsal da cauda castanho avermelhado, ventralmente branco amarelado.

Comprimento rostro-anal 120 mm.

Distribuição

Formações abertas ao sul da Amazônia, até o Paraguay.

Biologia

Este lagarto gosta muito de capinzais e de vegetação rala em geral. Entoca-se como *Ameiva*, e também se parece com ela na alimentação e na cópula. Não há estação reprodutiva preferencial, a mesma fêmea podendo botar até 5 ninhadas em um ano. O número de ovos por ninhada é proporcional ao tamanho da fêmea, variando de 1 a 5, com média próxima a 3.

Gymnophthalmus multiscutatus (Amaral, 1933)

(Figuras 83 a 85; estampas XXVI e XXVII)

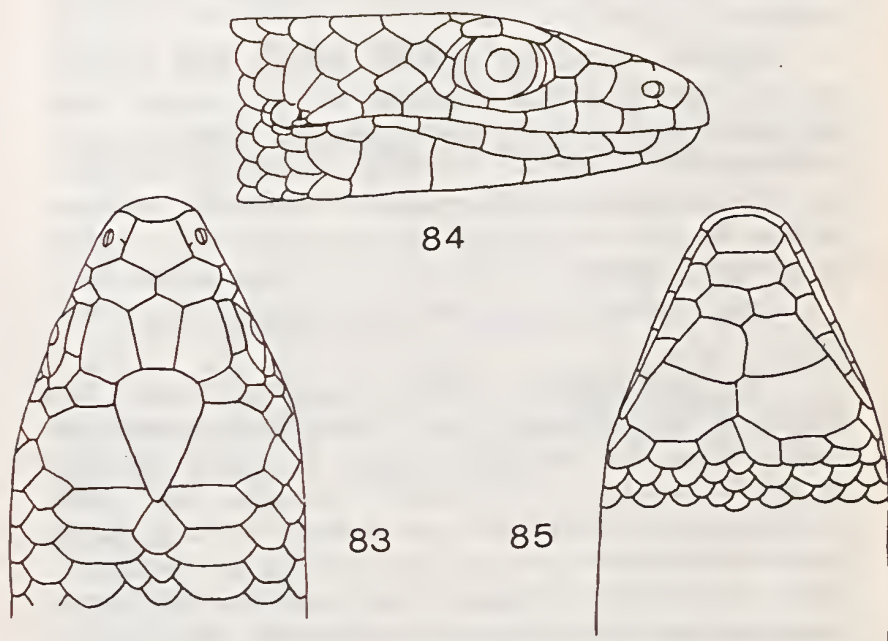
Reconhecimento

Um largartinho pequeno, de membros curtos, com linhas claras longitudinais sobre fundo escuro; pálpebra ausente; fronto-parietais ausentes; 4 dedos na mão; cauda avermelhada. Pode ser confundido com *Micrablepharus maximiliani*, que tem fronto-parietais mas não tem prefrontais, e cuja cauda é azul.



Descrição

Corpo alongado; membros relativamente curtos. Ros-tral alta, bem visível de cima; fronto-nasal única, em amplo contacto com a rostral; prefrontais 2, em contacto na linha mediana; frontal relativamente pequena, mais larga na frente; fronto-parietais ausentes. Interparietal muito grande, bem mais larga na frente, com extremidade posterior estreita, ultrapassando a margem posterior das parietais; 2 parietais grandes, invadindo a região temporal. Atrás de cada parietal uma escama larga, separada de sua simétrica pelo contacto entre a interparietal e uma escama dorsal mediana única; de cada lado desta, outra escama dilatada. Supra-oculares 2, sendo a 1ª muito grande. Nasal simples ou dividida, alongada, loreal pequena, quadrangular, em contacto com a prefrontal; pálpebra ausente; 2-3 superciliares; semicírculo infaorbital com uma infaorbital grande. Supralabiais 6,



Figs. 83-85. *Gymnophthalmus multiscutatus*, MZUSP 48689, Exu, Per-nambuco. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

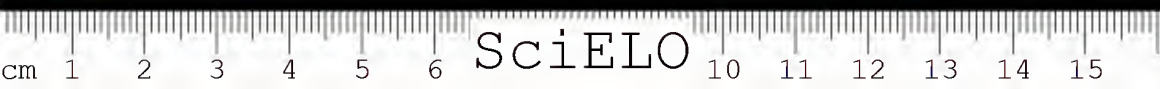
4ª debaixo do olho. Temporais grandes, lisas, arredondadas, imbricadas. Ouvido pequeno. Sinfisal grande, seguida por uma post-sinfisal mediana e 3 pares de escudos post-mentais, em contacto com as infra-labiais lateralmente e entre si na linha mediana. Um nítido sulco, arqueado para frente, de ouvido a ouvido, separado das post-mentais posteriores por 1-2 fileiras de escamas. Infralabiais 5. Gulares anteriores menores, arredondadas, aumentando para trás até chegar ao colar, que é uma aba composta de 5 escamas, irregular, pouco acentuada. Todas as escamas da parte ventral apresentam numerosas fossetas irregulares.

Dorso com escamas lisas, arredondadas, imbricadas, formando fileiras oblíquas; 16 escamas ao redor do corpo; as escamas das 2 fileiras dorsais medianas menores que as outras. Escamas interbraquiais 7, a mediana grande, com ponta voltada para trás. Ventrais grandes, lisas, sub-hexagonais, em 4 fileiras longitudinais. Aba anal constituída de 4 escudos grandes, um anterior, um posterior e 2 laterais maiores.

Superfície dorsal do membro anterior com escamas grandes, transversalmente dilatadas; na face ventral escamas menores; palma com grânulos grandes; 4 dedos na mão. Superfícies dorsal anterior e inferior do membro posterior com escamas grandes, transversalmente dilatadas; superfície posterior da coxa com escamas pequenas; planta com grânulos grandes; 5 artelhos. Machos com 5-7 poros de cada lado.

Cauda coberta por escamas arredondadas, lisas, imbricadas.

Colorido geral dorsal do corpo cinza escuro azulado, com padrão de linhas longitudinais. Existe muita variação no padrão dorsal, mas pode-se considerar, de acôrdo com Vitt, em geral duas fases. A mais simples (Estampa XXV) consta de uma linha branca que vai do supercílio à raiz da cauda; entre essa e sua simétrica uma área olivácea de reflexos metálicos. Abaixo de cada linha branca uma área esfumada percorrida por outra linha clara interrompida. Abaixo dessa faixa escura uma área mosqueada, diluindo-se no abdômem. O padrão mais complexo tem uma alternância de 6 linhas



claras em cada hemi-dorso, separadas por áreas escuras, que podem estar pintalgadas de claro, especialmente no meio do dorso. Partes ventrais claras; a garganta pode ser bastante manchada de preto. Cauda avermelhada.

Comprimento rostro-anal 40 mm.

Distribuição

Até agora conhecida de Baturité, no Ceará, até Senhor do Bonfim, na Bahia.

Biologia

Este lagartinho prefere capinzais ralos e outras áreas pouco cobertas por vegetação. A cauda avermelhada autotomiza-se facilmente e serve para desviar a atenção de predadores. As fases de colorido descritas acima não são ligadas ao sexo; contudo, na época de reprodução aparece uma diferença sexual: uma sufusão vermelha nos lados da cabeça e garganta do macho. A fêmea põe 2 ovos por vez, provavelmente mais de uma vez por ano.

Micrablepharus maximiliani (Reinhardt & Lütken, 1862)

(Figuras 86 a 88; estampa XXVIII)

Reconhecimento

Como *Gymnophthalmus multiscutatus*, com que muito se parece, uma espécie pequena, de corpo delgado e membros curtos, com escamas dorsais e ventrais redondas, sem pálpebra, com 4 dedos na mão; prefrontais ausentes e frontoparietais presentes; colorido metálico.

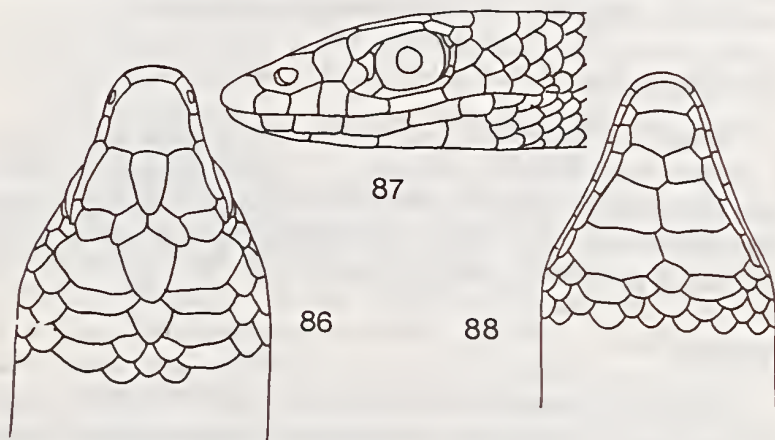
Descrição

Corpo alongado, membros curtos. Rostral bem visível de cima; frontonasal muito grande; prefrontais ausentes; frontal pequena; frontoparietais pequenas; interparietal mais longa que as parietais, que são largas e alcançam a região tem-

poral. Atrás das parietais um par de escamas grandes, separadas na linha mediana por uma escama ímpar e pela ponta da interparietal. Supraoculares, 2, a anterior maior e em contacto com a frontonasal; 2 superciliares, a anterior grande, expandida anteriormente. Narina em uma nasal grande, alongada, dividida ou não; loreal grande, alta, em amplo contacto com a frontonasal; uma escama freno-orbital presente entre a loreal e a órbita; uma infraorbital longa, estreita. Região temporal com escamas grandes; ouvido pequeno; 8 supralabiais. Sinfisal relativamente grande; uma post-sinfisal e 3 pares de escamas grandes, poligonais, em contacto com as infralabiais lateralmente e entre si na linha mediana. Escamas gulares semelhantes às ventrais. Colar mal definido, com 5-7 escamas.

Dorso com escamas lisas, semicirculares, imbricadas. Ventre e terço anterior da cauda com escamas semelhantes às do dorso; sua parte distal recoberta, tanto dorsal quanto ventralmente, por escamas quilhadas e submucronadas; 16 escamas ao redor do corpo. Aba anal variável, mais frequentemente com 3 escamas grandes na margem posterior.

Face dorsal do membro anterior com escamas arredondadas, lisas, imbricadas; ventralmente, com escamas semelhantes em forma às ventrais do tronco, porém muito me-



Figs. 86-88. *Micrablepharus maximiliani*, MZUSP 49148, Exu, Pernambuco. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

nores. Palma com grânulos grandes; lamelas infradigitais comprimidas lateralmente, com um tubérculo mediano; mão com 4 dedos. Faces anterior e ventral da coxa com escamas semelhantes respectivamente às do tronco e ventre; face anterior da tíbia recoberta por escamas menores, lisas, mal imbricadas. Machos com 5-6 poros de cada lado; cada poro situa-se entre 2 ou 3 escamas pequenas e é parcialmente encoberto por uma escama anterior. Escamação da tíbia em continuação com a da coxa, menos na face posterior. Machos com 5 a 6 poros femorais de cada lado.

Colorido geral metálico. Uma linha branca das superciliares anteriores até o sacro; debaixo dela uma faixa escura; cuja cor se estende sem interrupção à superfície dorsal dos membros. Região gular anterior branca, levemente azulada; daí até o ânus partes ventrais azul escuro com um reticulado claro, produzido pelas margens das escamas. Cauda azul, com a base dorsalmente manchada de castanho; ventralmente reticulada, muito mais clara que o ventre.

Comprimento rostro-anal 40 mm.

Distribuição

Do Maranhão ao Paraguay, em formações abertas.

Biologia

Muito pouco se conhece. Parece não habitar as caatingas mais rústicas, preferindo climas mais amenos. Encontrada no folhíço do chão.

Tupinambis teguixin (Lineu, 1758)

(Figuras 89 a 91)

Lagarto; teiú, teiú-açu (e variantes); téjo (no Ceará)

Reconhecimento

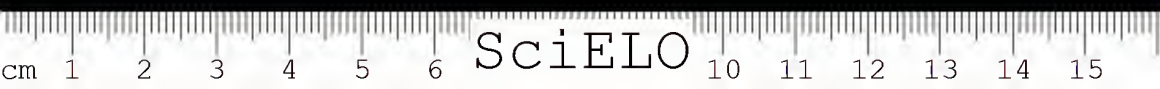
Ventrais pequenas, arrançadas em numerosas fileiras transversais, mas não em fileiras longitudinais. Duas loreais.

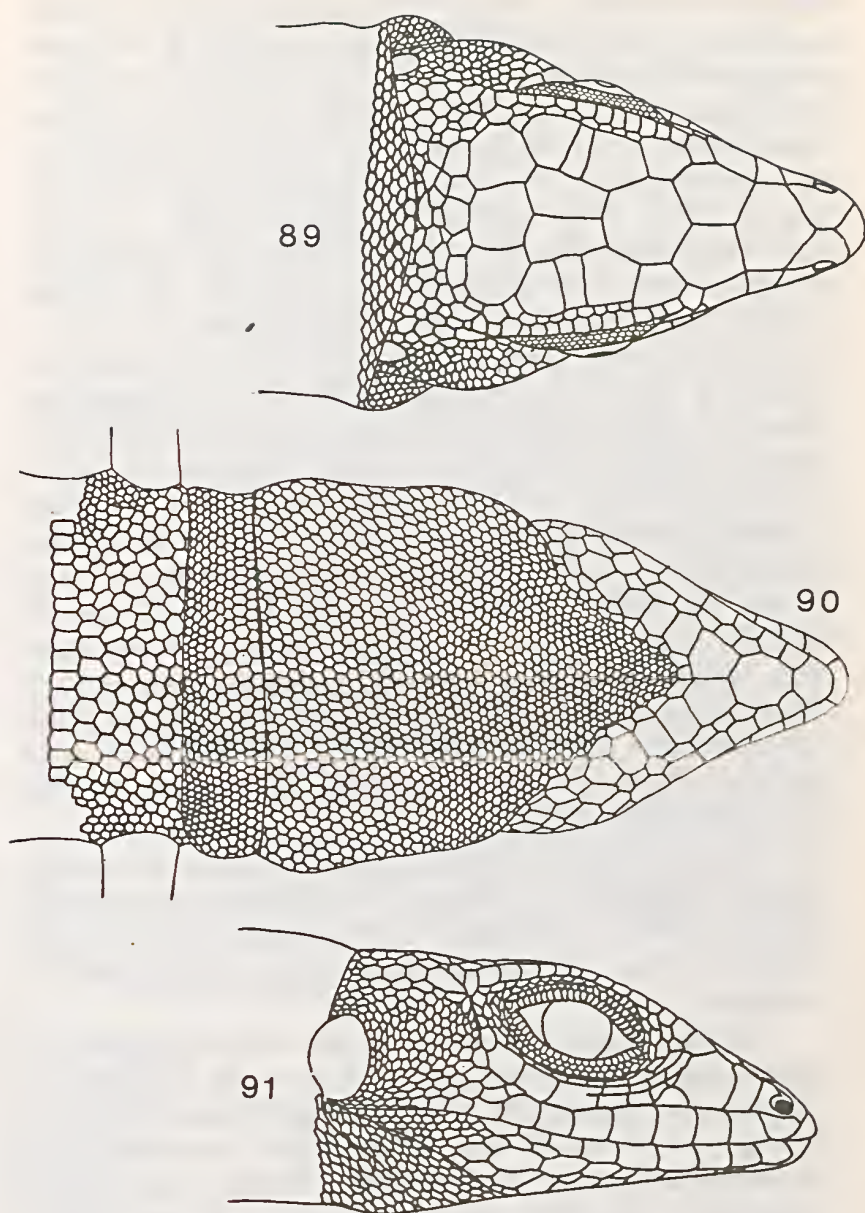
Colorido ventral contrastado, de fundo claro com barras pretas transversais bem definidas. Poros femorais.

Descrição

Corpo e membros robustos; adultos velhos com a musculatura mastigadora extremamente desenvolvida, formando como que uma "papada". Rostral alta e estreita, formando um bico no topo do focinho, separada da frontonasal, que é curta e larga, pelo contacto entre as nasais superiores; prefrontais grandes, de comprimento igual à largura, pouco menores que a frontal; frontal bastante irregular, não alcançando o meio da órbita; interparietal irregular, curta e larga; 2 parietais que não atingem a aresta temporal. Atrás do conjunto parietal uma área de escamas irregulares, aumentadas, terminando em um sulco que une os ouvidos. Supraoculares, 4, a 3ª pequena; superciliares em torno de 15, quadradas, separadas das 3 supraoculares posteriores por uma fileiras de pequenas escamas. Narina entre uma nasal superior, uma póstero-inferior e um canto da primeira labial; duas loreais, a 2ª maior; frequentemente uma pequena freno-orbital; supralabiais 6-7, grandes, decrescendo abruptamente ao nível do olho; daí para trás confundindo-se com as escamas temporais, que são salientes, justapostas embaixo, menores, imbricadas em cima. Semicírculos infraorbitários compostos de escamas pequenas; ouvido grande, de margens lisas; lados do pescoço granulosos, com 2 pregas que se continuam na garganta. Sinfusal larga, em forma de bigorna; post-sinfusal grande, seguida por escamas grandes, chatas, decrescentes, das quais o primeiro par está em contacto na linha mediana. Gulares anteriores granulares, justapostas, em fileiras oblíquas; para trás as escamas aumentam e as fileiras se tornam transversais e bastante regulares até uma dobra gular anterior; atrás desta, uma área mediana de escamas grandes, chatas, justapostas; depois desta, 3 ou 4 fileiras de escamas pequenas, que não alcançam os lados da garganta e, finalmente, uma segunda dobra gular.

Dorso coberto de grânulos grandes salientes, formando fileiras transversais bastante regulares, mas com frequentes





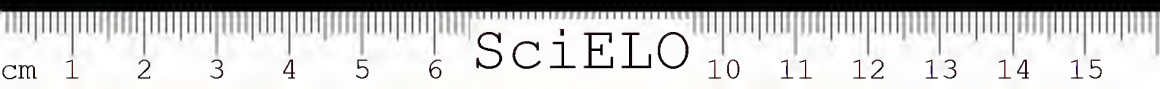
Figs. 89-91. *Tupinambis teguixin*, MZUSP 51271, Exu, Pernambuco. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

fusões e subdivisões. Ventrais retangulares, em 28-31 fileiras transversais, separadas por estreitas dobras de pele complexamente enrugadas; de 28 a 34 escamas em uma fileira transversal. A transição dos grânulos dorsais para as escamas ventrais se faz em forma de cunha, as fileiras de grânulos encurvando-se para a frente e terminando nas dobras de pele; a última fileira de grânulos correspondente a uma fileira ventral dilata-se progressivamente e se transforma nas ventrais. Aba anal composta anteriormente de escamas chatas, justapostas, posteriormente de grânulos.

Faces anterior do membro anterior e dorsal do carpo com fileiras de escamas maiores que as dorsais, justapostas; restante do membro com grânulos semelhantes aos dorsais; lamelas infradigitais simples ou duplas. Superfície dorsal do membro posterior com grânulos menores que os do dorso; superfície ventral da coxa com fileiras oblíquas de escamas justapostas, separadas por dobras de pele semelhantes às do ventre. Superfície ventral da tíbia com fileiras oblíquas de escamas maiores que as da coxa, justapostas; planta granulosa; lamelas infradigitais simples ou duplas. Uma série de poros femorais (19 a 24 de cada lado, 41 a 47 no total) no limite entre a porção escamosa e a granular da coxa; cada poro situado em uma indentação na margem posterior de uma escama redonda.

Cauda dorsalmente revestida por fileiras de escamas pequenas, retangulares, quilhadas; ventralmente por fileiras de escamas maiores, retangulares, de margem posterior arredondadas, lisas. A cada 3 fileiras dorsais correspondem 2 ventrais.

Padrão geral do colorido dorsal marmoreado de cinzento e preto; face dorsal da cabeça castanho fuliginoso. O colorido dorsal apresenta muita variação regional e ontogenética. Em jovens da área das caatingas nota-se uma série de barras transversais mal definidas, alternadamente pretas e cinza-claro, contendo manchas pequenas da cor oposta. Essas barras são interrompidas nos lados do dorso por uma série de barras transversais escuras mal definidas, separadas por faixas mais claras, também irregulares. Longitudinal-



mente, uma faixa clara irregular, que começa atrás do ouvido e se estende por uma distância variável ao longo do tronco, continuando-se como uma série de manchas claras, variando muito em grau de contraste e definição; marginada de preto em cima e em baixo. A linha preta marginal superior chega até o olho. A linha inferior é irregular, e passa por uma mancha pré-humeral preta forte e uma ou duas manchas pretas, confluentes ou não, na parte anterior do flanco; daí para trás o flanco apresenta barras verticais manchadas de claro, podendo ou não continuar-se com as barras dorsais já descritas e com as ventrais (ver abaixo). A superfície dorsal dos membros é preta com numerosas manchinhas claras. A face dorsal da base da cauda é preta, com pequeninas faixas transversais brancas (cada faixa correspondendo a uma fileira de escamas) muito irregulares em tamanho e posição, anastomosadas ou não; distalmente a cauda tem anéis pretos completos, largos, separados por anéis brancos estreitos. As suturas labiais e a região gular são variavelmente manchadas de preto. Daí para trás, uma série de barras pretas transversais sobre fundo branco, grosseiramente correspondentes às do dorso. A superfície ventral dos membros e da base da cauda é densamente marmoreada de preto. A evolução ontogenética do padrão de colorido se dá por uma melanização progressiva das partes dorsais; as barras transversais claras e a linha branca longitudinal vão-se tornando menos conspícuas, até que os adultos velhos são cinza escuro com manchinhas redondas de um branco puro ou azulado.

Comprimento rostro-anal 50 cm.

Distribuição

Brasil, ao sul do Amazonas, até o norte da Argentina.

Comentário

Há uma revisão recente do gênero *Tupinambis* (Presch, 1973) que propõe um arranjo e definição das espécies diferente do aqui adotado; não temos dúvida de que é errôneo,

e que a posição correta ainda é a de Boulenger, no catálogo do Museu Britânico, que data de 1885.

Biologia

Este volumoso lagarto é terrícola, e mora em tocas. Gosta muito da proximidade de água. É um animal residente, e defende um território bastante grande.

Sua dieta é omnívora, constituindo-se de invertebrados, pequenos vertebrados (até peixes), ovos, frutos e carniça; é um predador respeitável, especialmente de ninhos.

A cópula é do tipo descrito para *Ameiva ameiva*, com uma fase longa de perseguição, durante a qual diversos machos podem competir pela mesma fêmea.

O número de ovos por ninhadas, observado em Exu, Pernambuco, variou de 13 a 29. Provavelmente seja posta apenas uma ninhada por ano.

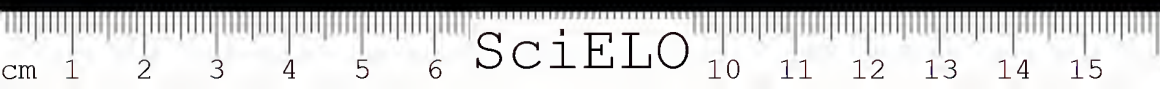
FAMÍLIA SCINCIDAE

Esta é outra família cosmopolita, que ocorre em todos os continentes e em ilhas oceânicas. Na América do Sul ocorre apenas um gênero, *Mabuya*, bem mal conhecido do ponto de vista sistemático.

São lagartos de vida predominantemente terrícola, de corpo cilíndrico e membros curtos; em outras regiões do mundo abundam formas fossoriais, de membros reduzidos ou mesmo ausentes. Ainda ligada às preferências terrícolas é a condição das pálpebras, com uma janela transparente na pálpebra inferior.

Os scincídeos têm facilidade em autotomizar e regenerar a cauda, havendo mesmo certa dificuldade na preservação de exemplares perfeitos.

As escamas do tronco têm todas a mesma morfologia, não havendo ventrais diferenciadas. As dorsais são em geral lisas, apenas algumas formas apresentando três quilhas, tão baixas que mais merecem o nome de estriações.



As mabuias caçam em geral como os teiídeos, esgaravando, mas podem também caçar de espera.

Na família encontram-se formas ovíparas e vivíparas, sendo o último o regime de todas as espécies brasileiras.

Conhece-se das caatingas apenas uma espécie, *Mabuya heathi*.

Mabuya heathi Schmidt & Inger, 1951

(Figuras 92 a 94; estampa XXIX)

Briba

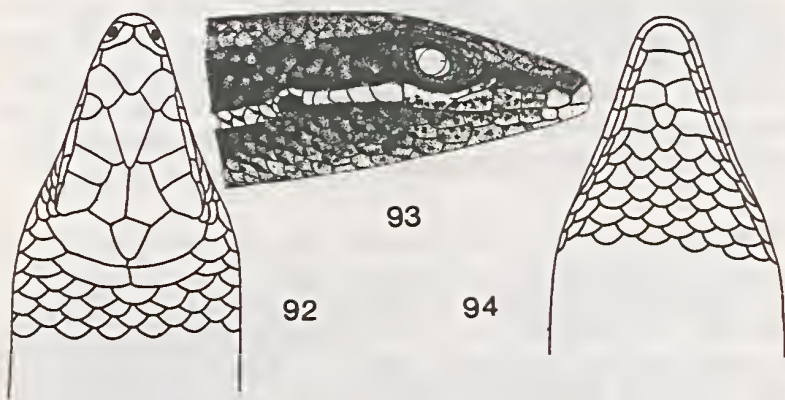
Reconhecimento

Pela presença de escamas redondas no corpo, sem ventrais diferenciadas, e pelo brilho metálico, esta espécie pode ser confundida com os microteiídeos *Gymnophthalmus multiscutatus* e *Micrablephaurus maximiliani*. O scincídeo, porém, têm pálpebras desenvolvidas, a inferior com um disco transparente, o que não acontece com estes dois teiídeos.

Descrição

Rostral mais larga que alta, bem visível de cima; supranasais em contacto na linha mediana; frontonasal grande, com margens anteriores retas e posteriores sinuosas; de cada lado um processo da frontonasal alcançando a loreal anterior; prefrontais poligonais, em contacto com a frontonasal, frontal, 1ª e 2ª supraoculares e, dependendo da extensão do processo lateral da frontonasal, uma ou ambas as loreais; frontal grosseiramente pentagonal, bem mais longa que larga, afilando-se posteriormente e encaixando-se nas frontoparietais; as frontoparietais formando juntas uma figura semelhante a uma borboleta, indentada na frente pela frontal e atrás pela interparietal, com sutura mediana oblíqua; interparietal pequena, triangular. Parietais grandes, irregulares, encontrando-se atrás da interparietal. Um único par de nucais, curtas e largas, em contacto. Supraoculares 4: a primeira pequena, triangular; a segunda maior, poligonal; a

terceira retangular, a quarta mais ou menos triangular. Duas nasais; a narina no bordo súpero-posterior da escama da frente, que é a maior; duas loreais, uma anterior típica, sub-quadrada, menor que a posterior, que alcança o semicírculo infraorbitário. Superciliares, 5; as duas primeiras pequenas; a terceira maior. Supralabiais, 6-7, a 5ª entrando no olho. Ouvido redondo, de margem simples. Sinfisal grande; uma post-sinfisal mediana curta; 2 pares de post-mentais em contacto lateral com as infralabiais; o 1º par em contacto na linha mediana, o 2º separado pela fileira mediana das gulares. Daí para trás numerosas gulares semicirculares, imbricadas. Infralabiais 6-7.



Figs. 92-94. *Mabuya heathi*, MZUSP 50409, Exu, Pernambuco. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

Dorso com escamas lisas, semicirculares, imbricadas, em séries longitudinais e oblíquas. Ventre e superfície superior da cauda com escamas semelhantes às do dorso. Vinte e nove a 33 escamas ao redor do corpo. Ventralmente a cauda tem na base escamas semelhantes às do ventre; do terço medio para a ponta há uma fileira mediana de escamas transversalmente aumentadas.

Membros com escamas semelhantes respectivamente às dorsais e ventrais do corpo, porém menores. Palma e planta

cobertas por grânulos grandes, salientes, nitidamente delimitados da escutelação do resto do carpo e tarso. Lamelas infradigitais lisas.

Cabeça acastanhada. Colorido fundamental do dorso castanho grisáceo metálico em vida. As escamas dorsais podem ser, individualmente, de várias cores: mescladas de preto e branco, castanhas finamente mosqueadas de preto, inteiramente pretas; qualquer desses tipos pode apresentar um ou mais finos tracinhos brancos. Combinações desses tipos de escamas resultam em um padrão de faixas longitudinais e manchas acídentes. Uma faixa mediana cinza claro da nuca ao sacro; lateralmente a ela, de cada lado, uma faixa mais escura, mais ou menos densamente pontuada de preto, unindo-se à sua simétrica na região post-sacral. A área dorsal compreendida por essas 3 faixas às vezes com finos tracejados brancos, que podem formar linhas mais ou menos definidas, especialmente na união do dorso com o flanco. Uma faixa preta, partindo do focinho, passando pelo olho, acima do tímpano, acima da coxa e continuando pela cauda. Abaixo dela, uma faixa branca estreita, muito vívida, saindo do lábio superior, passando pelo meio do ouvido, interrompida pela raiz da coxa e continuando, menos contrastada, na base da cauda. Abaixo desta linha branca uma área fuliginosa, mosqueada, formando a transição para o ventre, que pode ser ou não miudamente pontuado de negro e tem em vida reflexos metálicos; no material conservado o reflexo é azulado. Parte dorsal dos membros mosqueada, parte ventral como o abdome.

Comprimento rostro-anal 90 mm.

Distribuição

Do Ceará (Fortaleza) ao oeste de Pernambuco, à Bahia (próximo a Salvador).

Biologia

É um lagarto estritamente terrícola, que prefere lugares limpos. Abriga-se em moitas de capim. Caça tanto de espera

(predominantemente) quanto forrageando. Os machos defendem territórios. A reprodução é vivípara. A fêmea pare duas vezes por ano, de 2 a 9 filhotes de cada vez (média de 6), o tamanho da ninhada dependendo do tamanho e da idade da fêmea, que atinge a maturidade com 4-5 meses de vida.

FAMILIA ANGUIDAE

Esta família, de ampla distribuição (só falta na África e Austrália), tem forte tendência para a vida terrícola e subterrânea e para a perda dos membros. No Brasil há um gênero, *Ophiodes*, praticamente ápodo, pois os membros posteriores estão reduzidos a simples estiletos. Nas caatingas conhecemos unicamente uma espécie, *Diploglossus lessonae*. É um lagarto interessantíssimo, com notáveis modificações ontogenéticas do colorido. Os membros são muito curtos, e crescem em ritmo mais lento que o corpo, o que faz com que o povo creia que, com o crescimento, este lagarto vire cobra. Essa crença é ainda robustecida pela ocorrência frequente de exemplares com mutilação cicatrizada de um ou mais membros.

Diploglossus lessonae Peracca, 1890

(Figuras 95 a 97; estampas XXXI e XXXII)

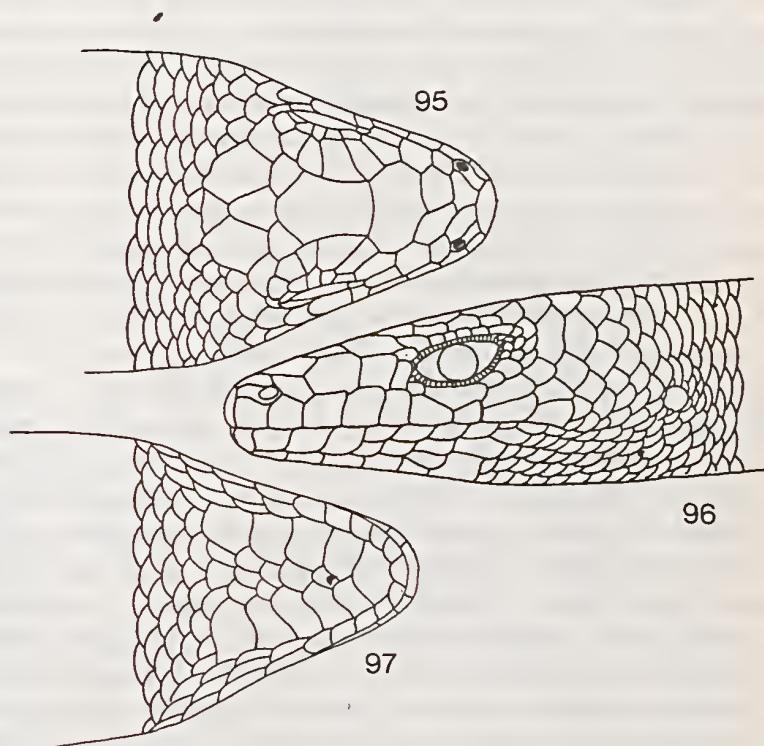
Briba (que vira cobra)

Reconhecimento

É um lagarto com escamas redondas; as dorsais e as ventrais têm a mesma forma, mas aquelas são estriadas e estas lisas. O adulto é muito maior que o de qualquer das espécies que têm escamas semelhantes; o jovem, que poderia, pelo aspecto geral, ser confundido com *Mabuya*, *Micrablepharus* ou *Gymnophthalmus*, tem colorido característico, de barras transversais brancas e pretas, da ponta do focinho à ponta da cauda. As diferenças de caráter mais técnico estão expostas na chave.

Descrição

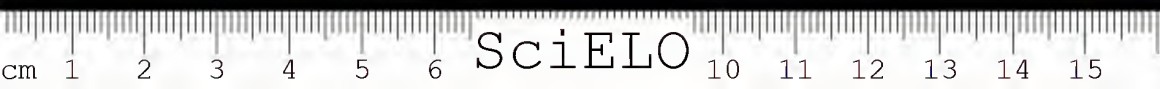
Corpo alongado, cilíndrico; membros reduzidos, relativamente mais curtos nos adultos que nos jovens. Rostral moderada, mais larga que alta. Internasais e frontonasais pequenas, mais largas que longas, com suturas medianas em zig-zag. Prefrontal ázigos grande, mais larga que longa com margem posterior, em contacto com a frontal, ondulada. Frontal grande; atrás dela, na linha mediana, uma inter-



Figs. 95-97. *Diploglossus lessonae*, MZUSP 47720, Exu, Pernambuco. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

parietal e uma occipital. De cada lado, uma frontoparietal e uma parietal lateral, amplamente separadas na linha mediana. Supraoculares, 5; na frente da série uma escama que poderia ser considerada como supraocular, superciliar an-

terior (desalinhada) ou loreal póstero-superior. As margens medianas das 4 supraoculares posteriores formam uma curva regular. Uma escama poligonal pequena encaixada entre as supraoculares, a frontoparietal, a parietal lateral e as temporais: Superciliares, 4; entre elas e a pálpebra uma série de pequenas escamas. Nasal única, pequena, mais longa que alta; a narina está no angulo ínfero-posterior, em contacto com a post-nasal e com as duas primeiras labiais. Post-nasal estreita e oblíqua, em contacto em baixo com a 2ª e a 3ª labiais. Uma loreal anterior grande, em contacto com a frontonasal, a prefrontal, a post-nasal e a 3ª e 4ª labiais. Duas loreais posteriores: a inferior trapezoide, com margem inferior mais curta e em contacto com a 4ª e 5ª labiais; a superior longa e baixa, em continuidade com a série superciliar, mas excluída da órbita. Freno-orbital presente. A pálpebra inferior tem uma janela formada por escamas estreitas e altas, em palissada. Ouvido muito pequeno, de margem simples, deprimido. Supralabiais bem caracterizadas, 8 a 12; posteriormente a elas uma série de escamas subcicloides, difíceis de contar. Duas labiais (5ª e 6ª, 6ª e 7ª ou 7ª e 8ª) em contacto com a infraocular, que é longa, triangular de vértice inferior; 4 escamas pequenas completam o semicírculo infaorbitário. Entre a primeira labial posterior ao olho e a série infraocular, uma escama grande, poligonal. Temporais anteriores poligonais, passando rapidamente a cicloides. Sinfisal muito pequena; as 3 ou 4 infra-labiais anteriores formando um arco regular; a margem medial da 3ª ou 4ª infletida para fora; as restantes labiais, estreitas e irregulares; na parte posterior torna-se praticamente impossível contá-las. Post-sinfisal muito grande, mais larga que longa, de margem posterior sinuosa. De cada lado, uma série de 4 gulares grandes, formando com a post-sinfisal um arco regular. A partir do ponto em que as labiais se rebaixam, insinuam-se sucessivamente entre os 2 arcos 2 ou 3 séries longitudinais de escamas estreitas e longas. As gulares medianas anteriores são pequenas, mais longas que largas, grosseiramente hexagonais. Ao nível da 4ª gular lateral começam as ventrais típicas.



Escamas dorsais finamente estriadas, imbricadas, de margem posterior redonda, mais largas no pescoço; no dorso formam séries longitudinais e oblíquas. Na região mediana são simétricas; nos flancos tornam-se menores, oblíquas, com o eixo maior voltado para trás e para baixo. As ventrais são semelhantes às dorsais em forma e tamanho, porém lisas. Aba anal com escamas poligonais grandes.

O membro anterior é totalmente revestido por escamas semelhantes em formas às dorsais, porém muito pequenas. Palma com grânulos proeminentes. Dedos com lamelas lisas; unha abrigada em um estojo formado por uma escama dorsal terminal grande e uma ventral sub-terminal profundamente incisa ou mesmo dividida na linha mediana. O terceiro dedo é o mais longo. Membro posterior em tudo semelhante ao anterior; o quarto artelho é o mais longo.

Cauda recoberta por escamas semelhantes às do tronco, terminando em uma escama unguiculada. As escamas da cauda regenerada são grosseiramente semelhantes às da cauda integra, porém maiores e bastante irregulares.

O jovem apresenta um padrão de colorido vistoso, cujas características mais frisantes são uma série dorsal de vívidas faixas transversais brancas e negras, sem interrupção da ponta do focinho à da cauda, e um complexo arranjo de faixas claras sobre fundo enegrecido na garganta. No sub-adulto o colorido dorsal é oliváceo com delgadas faixas escuras transversais, e garganta imaculada. No adulto o colorido dorsal é oliváceo uniforme. Partes ventrais do jovem (com exceção da garganta e cauda) vermelho coral; cauda com anéis completos, brancos e pretos, sem sinais de colorido vermelho. No adulto a garganta é imaculada e rosada, o ventre semelhante ao do jovem e a cauda vermelha, sem anéis, um pouco mais clara que o ventre.

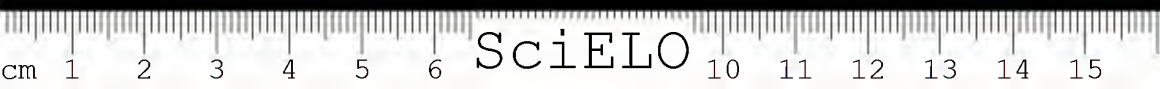
Comprimento rostro-anal 150 mm.

Distribuição

Nordeste do Brasil, tanto na Mata Atlântica quanto no agreste e nas caatingas.

Biologia

É um animal terrícola, frequentemente encontrado sob pedras ou troncos, no meio do folhíço ou mesmo dentro do solo, até a 1 metro de profundidade. Às vèzes é visto assoalhando. Alimenta-se de insetos e outros artrópodos (inclusive aranhas e escorpiões) e provavelmente também de minhocas. Quando tenta escapar, comprime os membros, muito reduzidos, contra o corpo e move-se como cobra. De duas fêmeas ovadas, uma tinha 5, a outra 7 ovos.



CAPÍTULO 4

FAMÍLIA AMPHISBAENIDAE

Muito pouco se sabe sobre estes animais serpentiformes (nenhuma das formas sul americanas tem qualquer vestígio de membros), de vida subterrânea. A sua sistemática baseia-se fundamentalmente na disposição das escamas da cabeça e nas contagens de anéis corporais e caudais, de segmentos por anel e de poros.

Amphisbaena vermicularis Wagler, 1824

(Figuras 98 a 100; estampa XXX)

Cobra de duas cabeças

Reconhecimento

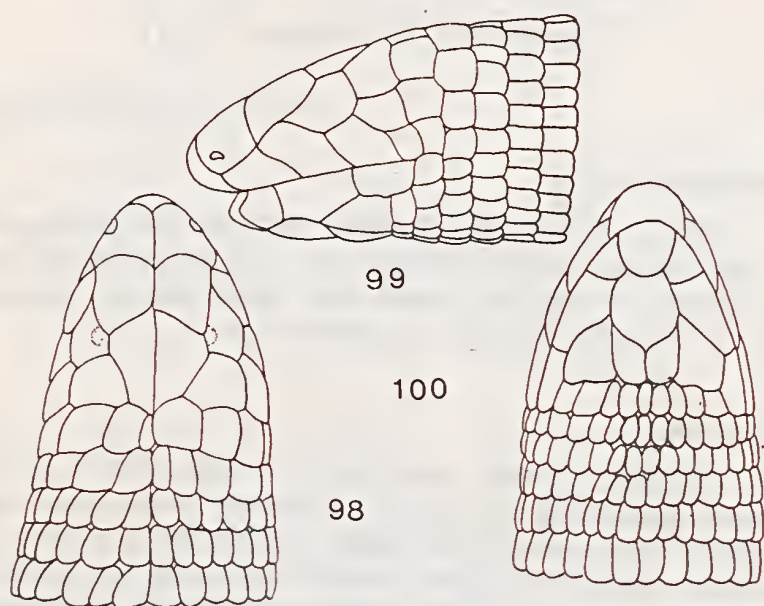
Este é o único anfísbênio conhecido das caatingas. É uma espécie de porte médio, com 4 poros pré-anais; 211 a 254 anéis corporais; cauda com autotomia ao nível do 5º ao 7º anel; sem pré- ou suboculares.

Descrição

Focinho redondo, proeminente. Cauda cilíndrica, tão grossa quanto o corpo; nível de autotomia pouco marcado. Rostral moderada, sub-triangular; nasais em contacto no topo da cabeça; um par de prefrontais grandes, em contacto com a ocular e a 2ª labial; um par de frontais, pequenas, com margens anteriores e posteriores convexas; região occipital variável. Olho visível através da ocular, uma post-ocular;

infraocular ausente. Supralabiais, 4: a primeira correspondendo à nasal, a segunda e terceira sob a ocular, a quarta muito pequena, separada da frontal por 2 escamas. Sinfisal em forma de bigorna, seguida por uma post-sinfisal grande, grosseiramente heptagonal. Infralabiais, 3, a segunda maior; as 2 primeiras em contacto com a post-sinfisal. Uma fileira de 3 post-geniais, das quais a mediana pode ser muito reduzida ou mesmo ausente; uma fileira de post-malares entre as terceiras infra-labiais. Anéis corporais 211 a 254; 23-30 anéis caudais, com nível de autotomia do 5º ao 7º. Anéis corporais formados por segmentos retangulares, mais longos que largos no dorso e flancos, um pouco mais largos que longos nas duas fileiras medianas ventrais. De 18 a 26 segmentos na metade dorsal de um anel, de 18 a 24 na metade ventral. Uma linha lateral distinta. Poros pré-anais 4.

Colorido castanho claro no dorso; topo da cabeça também castanho, sendo que às vezes a rostral, nasais e parte



Figs. 98-100. *Amphisbaena vermicularis*, adaptado de Gans & Amdur, 1966. Vistas dorsal, lateral e ventral da cabeça.

das prefrontais apresentam-se mais claras, amarelo enfumado. As suturas das escamas posteriores da cabeça e dos segmentos dos anéis dorsais são claras. Ventre amarelo imaculado. A cor do dorso se estende no meio do corpo além da linha lateral, invadindo os primeiros 3 ou 4 segmentos da parte ventral dos anéis.

Comprimento rostro-anal 325 mm.

Distribuição

Do Pará a Minas Gerais e Mato Grosso, em todos os tipos de ambientes.

Biologia

Nada se sabe da biologia deste bicho, a não ser que é fossorial, aparecendo ocasionalmente na superfície.



CAPÍTULO 5

QUELÔNIOS

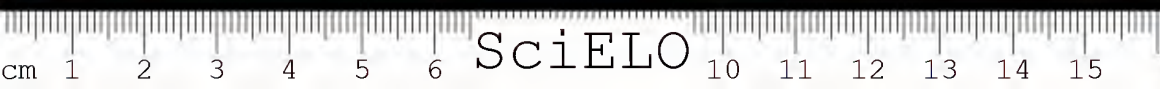
Conhecemos das caatingas três espécies de quelônios, todas de tamanho pequeno ou médio. Uma pertence ao gênero *Kinosternon*, família Kinosternidae; as outras duas ao gênero *Phrynops*, família Chelidae.

A primeira família pertence ao grupo dos criptodiros, ou seja, quelônios cujo pescoço se retrai para dentro do casco acompanhando o plano sagital. A segunda pertence aos pleurodiros, cujo pescoço se retrai lateralmente.

Além dessa diferença há numerosas outras que permitem separar à primeira vista os dois gêneros. O kinosternídeo, *Kinosternon scorpioides*, tem o casco elevado, com três carenas longitudinais; os lobos anterior e posterior do plastrão movem-se sobre charneiras; no queixo há uma série de 5 ou mais barbelas; a pele do pescoço é enrugada. Os chelídeos, *Phrynops tuberculatus* e *P. geoffroanus*, têm o casco achatado, com as margens laterais francamente reviradas; o plastrão é uma peça única, imóvel; há apenas 1 ou 2 barbelas no queixo; a face dorsal do pescoço apresenta tubérculos, se bem que às vezes mal definidos.

Terminologia

O casco dos quelônios tem duas partes, uma dorsal (“carapaça”) e uma ventral (“plastrão”), unidas de cada lado por uma peça chamada “ponte”. O casco ósseo é coberto por placas córneas, chamadas “escudos”, cujo arranjo e proporções são importantes na sistemática, e cuja terminologia é explicada nas figuras 101 e 102.



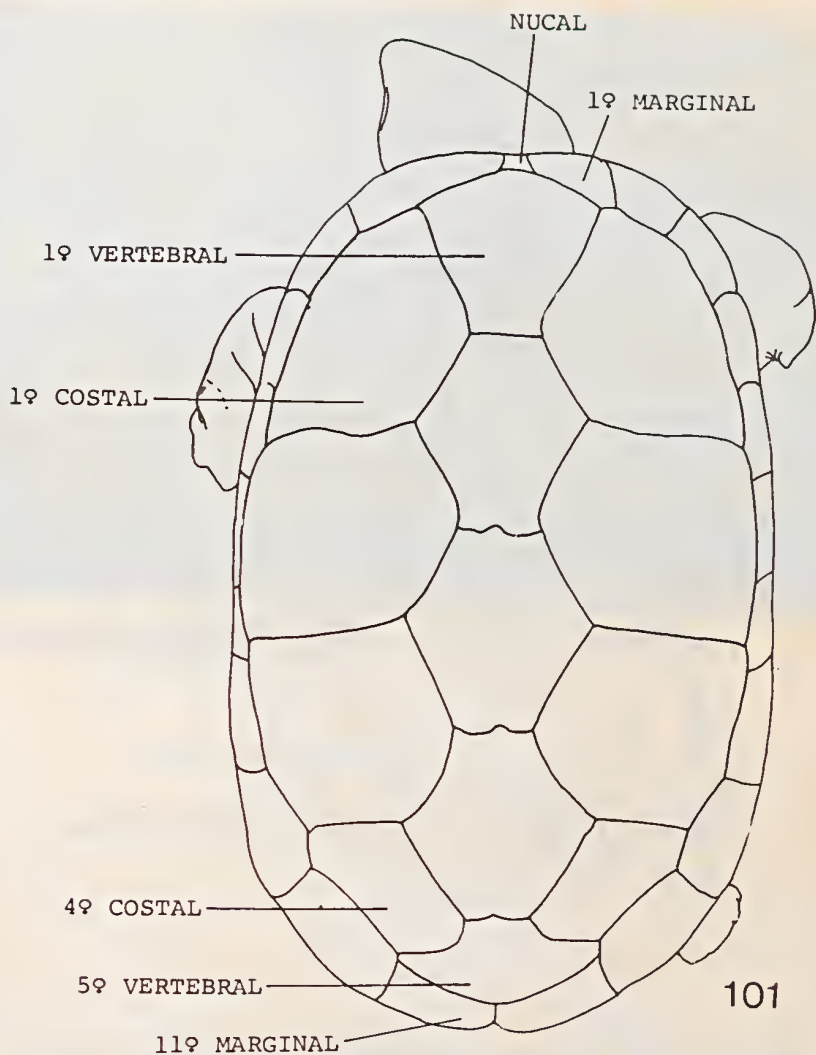


Fig. 101. *Kinosternon scorpioides*. Nomenclatura dos escudos córneos da carapaça. (desenho de F. Val sobre a Estampa XXXII).

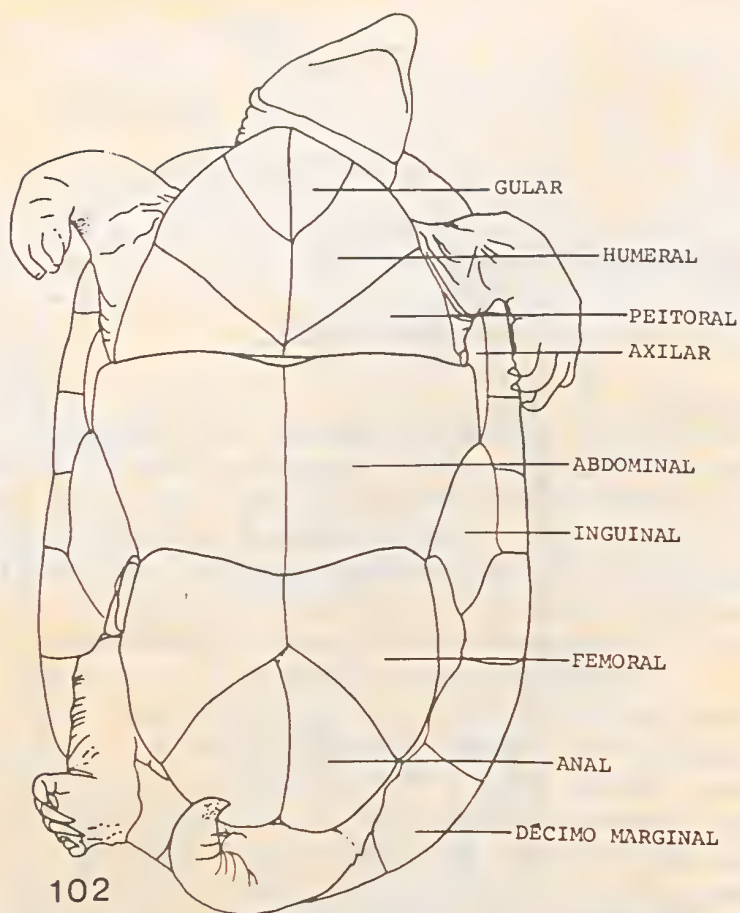


Fig. 102. *Kinosternon scorpioides*. Nomenclatura dos escudos córneos do plastrão (desenho de F. Val sobre a Estampa XXXIII).



Estampa XXVI. *Gymnophthalmus multiscutatus* (Exu, Pernambuco).
Padrão simples de colorido.



Estampa XXVII. *Gymnophthalmus multiscutatus* (Exu, Pernambuco).
Padrão complexo de colorido.



Estampa XXVIII. *Micrablepharus maximiliani* (Exu, Pernambuco).



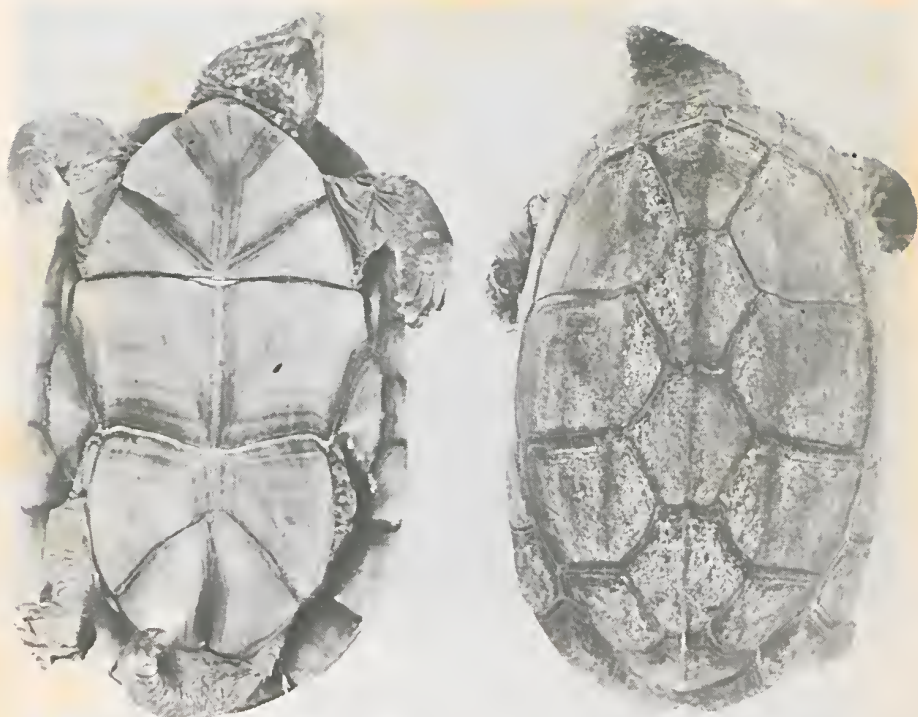
Estampa XXIX. *Mabuya heathi* (Exu, Pernambuco).



Estampa XXX. *Amphisbaena vermicularis* (Exu, Pernambuco).



Estampas XXXI e XXXII. *Diploglossus lessonae* (Exu, Pernambuco). Em cima, jovem.



Estampas XXXIII e XXXIV. *Kinosternon scorpioides* (MZUSP 2183, Agrestina, Pernambuco), vistas dorsal e ventral.



Estampa XXXV. *Kinosternon scorpioides* (Exu, Pernambuco).

Kinosternon scorpioides (Lineu, 1758)

(Figuras 101 e 102; estampas XXXIII a XXXV)

Reconhecimento

Uma tartaruguinha pequena, com o casco alto e dotado de 3 quilhas longitudinais. O pescoço se dobra, para esconder-se, no plano vertical. Os lobos anterior e posterior do plastrão são móveis. Cinco a sete barbilhões.

Descrição

Casco alto, de lados sub-paralelos, com três carenas nítidas, especialmente a mediana, que percorre todo o casco. Plastrão dividido em 3 lobos, dos quais o anterior e posterior são móveis, e o intermediário é fixo.

Escudos da carapaça moderadamente imbricados. Nucal presente ou ausente. Cinco vertebrais, dos quais o primeiro é largo na frente e estreito atrás, os 2 seguintes são hexágonos regulares e o último é apenas moderadamente alargado. Onze pares de marginais; 4 pares de costais, decrescentes da frente para trás.

Lobos anterior e posterior do plastrão sub-iguais, um pouco maiores que o médio. Um único gular, grande, largo, mais longo que a sua distância da charneira do lobo anterior. Sutura humeral o dobro da peitoral ou mais; sutura femoral cerca da metade da anal. Lobo posterior moderadamente inciso. Um escudo axilar pequeno, estreito, e um inguinal, muito maior, em contacto, às vezes escasso.

Cabeça robusta, com focinho saliente, maxilar superior em forma de gancho. Pele do topo da cabeça, do nível da inserção dos músculos da mastigação para frente, lisa e aderida ao crânio; sobre a musculatura e em todo o pescoço, plicada. Uma série de 5 a 7 barbilhões, dispostos em arco paralelo à mandíbula.

Membro anterior com 5 dedos completamente palmados, todos com unha. Três lamelas semi-lunares no dorso do antebraço. Face posterior do antebraço com uma prega cutânea festonada, que se continua na margem externa do 5º dedo. Um grupo de escamas grandes na base do carpo; palma com escamas córneas redondas, altas, mal justapostas. Restante da pele do membro anterior rugosa. Membro posterior com 5 dedos, palmados até a ponta, o 5º inerte. Pele da face dorsal de todo o membro enrugada; pele da face ventral da perna fortemente plicada, com uma série distal de lamelas semi-lunares erectas. Planta com escamas grandes, chatas, mal justapostas.

Cauda terminando em uma forte unha córnea.

Colorido da carapaça castanho, com as suturas, principalmente costais e marginais, enegrecidas. Plastrão e marginais inferiores de cor amarela diversamente manchada de castanho, especialmente ao longo das cristas córneas de crescimento. Cabeça cinza escuro, variavelmente salpicada de branco no topo, fortemente mosqueada na superfície inferior. Membros e cauda cinzento escuro, por igual.

Comprimento do casco 18 cm.

Distribuição

Da Costa Rica ao norte da Argentina, a leste dos Andes.

Comentário

São aceitas diversas subespécies deste quelônio, mas não há um tratamento convincente de conjunto.

Biologia

Como a iguana, este bicho sente-se igualmente à vontade na Amazônia (onde é o famoso mussuã) e nas caatingas. Nestas frequenta tanto os açudes como as áreas em torno deles. É uma espécie omnívora, comendo peixes, girinos, anfíbios adultos, insetos, algas e restos vegetais. Nada se sabe de sua reprodução.



O gênero *Phrynops*

Phrynops é o gênero de tartarugas que maior número de espécies apresenta na América do Sul. São cágados aquáticos, que ocorrem desde as Guianas até o norte da Argentina.

As duas espécies das caatingas apresentam muitos caracteres em comum. O casco é relativamente baixo, com largura máxima na parte posterior. As bordas laterais da carapaça tendem a ser reviradas (enroladas para cima). A região vertebral é deprimida, formando um sulco largo e indistinto, no meio do qual se notam os elementos de uma quilha mediana, interrompida, mais alta posteriormente.

O escudo nual é bem desenvolvido, geralmente de margens paralelas; há 11 pares de marginais e 4 de costais. A forma e tamanho relativo dos vertebrais e a escultura da carapaça em geral variam nas espécies.

O lobo anterior do plastrão é mais largo que o posterior; a chanfradura posterior é variável. Há também muita variação no que diz respeito às proporções dos escudos plastrais; de mais constante, o intergular tem a forma de cálice, os gulares são curtos, o axilar e o inguinal estão ausentes.

A pele da face dorsal da cabeça é dividida em escamas lisas, grandes e irregulares no focinho, poligonais sobre as massas musculares. A pele dorsal do pescoço apresenta tubérculos, de morfologia diferente nas duas espécies. A pele da parte ventral da cabeça e pescoço forma rugas grossas, longitudinais, anastomosadas.

A superfície dorsal do membro anterior é recoberta de escamas grandes, proximalmente imbricadas, tendendo a justapostas distalmente; algumas são erectas, quase laminares. As escamas da margem posterior do membro formam uma aba, que se continua na face lateral do 5º dedo. A superfície ventral do membro é plicada, com escamas tuberculares, semi-erectas, no carpo e na palma; pode haver fileiras de escamas maiores, mais erectas. O membro posterior tem os 5 dedos completamente palmados, os 4 pri-

meiros com unhas longas, o 5º inerte. A superfície dorsal da coxa tem dobras cutâneas semelhando escamas. A metade posterior da tíbia tem escamas grandes, erectas; há uma aba no lado externo do 5º artelho. A superfície ventral do membro posterior é complexa, com escamas grandes e dobras irregulares. A cauda é curta, fortemente plicada, com fileiras dorsais de tubérculos.

Para identificar as espécies à primeira vista deve-se olhar a cor da superfície ventral do pescoço e o tipo de tubérculos dorsais do pescoço.

Phrynops tuberculatus (Luederwaldt, 1926)

(Estampas XXXVI a XXXVIII)

Cágado

Reconhecimento

A garganta de colorido praticamente uniforme e os tubérculos dorsais do pescoço muito densos, caracterizam bem a espécie.

Descrição

Casco com máxima largura ao nível da sétima marginal. Bordas da carapaça nitidamente reviradas entre a terceira e a sétima marginais.

Primeiro vertebral muito grande; segundo e terceiro bem mais largos que longos; quarto variável; quinto muito grande. Todos os escudos da carapaça com marcas concêntricas de crescimento, apresentando às vezes esculturas radiais. Suturas medianas do plastrão na seguinte ordem crescente de comprimento: peitoral e humeral, anal, abdominal, femoral.

Pescoço dorsalmente com numerosos tubérculos, geralmente baixos, rombos, às vezes aciculares, mas sempre densamente distribuídos. Dois barbilhões.

Colorido dorsal castanho escuro arroxeado, freqüentemente laivado de mais claro, especialmente ao longo das

suturas. Plastrão amarelado, com ou sem manchas enegrecidas, confluentes. Cabeça cinza escuro, dorsalmente salpicada de claro; ventralmente também, porém menos. Barbelas amarelas. Membros e cauda cinza escuro uniforme.

Comprimento do casco 25 cm.

Distribuição

Caatingas e agrestes do Nordeste.

Biologia

É um cágado primariamente aquático, mas que pode cruzar por terra boas distâncias em busca de água. É encontrado tanto de dia quanto de noite. Sua diéeta é omnívora; alimenta-se dentro d'água e gosta muito de peixe. Nada se sabe sobre sua reprodução.

Phrynops geoffroanus (Schweigger, 1812)

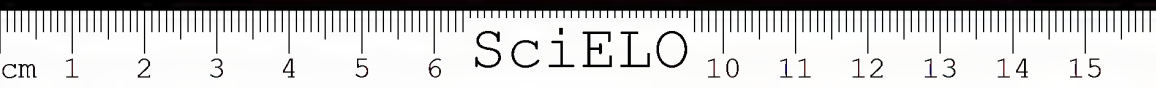
(Estampas XXXIX e XL)

Reconhecimento

A superfície ventral do pescoço é amarela, com grossas reticulações pretas. Na superfície dorsal do pescoço há tubérculos longos e finos, em forma de agulha.

Descrição

Além dos caracteres comuns às duas espécies: as bordas laterais da carapaça são apenas muito levemente reviradas, quase apenas espessadas. A maior largura da carapaça está entre a 8ª e a 9ª marginais. O primeiro vertebral é grande, o 2º, o 3º e o 4º mais longos que largos, um tanto irregulares. Suturas medianas do plastrão na seguinte ordem crescente de comprimento: humeral, peitoral, abdominal, anal e femoral.



Pescoço dorsalmente com rugas complexas, e tubérculos baixos, esparsos, mais densos dos lados. Dois barbilhões, um deles freqüentemente menos desenvolvido ou ausente.

Colorido dorsal castanho, mais claro ou mais escuro, às vezes laivado de arroxeadado. Plastrão amarelado, com manchas mal definidas. Cabeça olivácea, muito indistintamente manchada de mais claro. Garganta e parte ventral do pescoço amarelo, com um grosseiro reticulado irregular, preto, muito característico.

Comprimento do casco 27 cm.

Distribuição

A espécie distribui-se da Amazônia colombiana ao Rio Grande do Sul, Uruguay e norte da Argentina, em todos os tipos de ambientes aquáticos. Sua ocorrência na área das caatingas é documentada por uma série de esqueletos que temos, do grande açude de Coremas, na Paraíba.

Comentário

Os trabalhos em que se reconhecem subespécies são antigos, sumários e baseados em pouco material.

Biologia

Nada se sabe da biologia desta espécie no Nordeste, a não ser que frequenta os grandes açudes (p. ex., Coremas).

APÊNDICE 1

COLETA E PRESERVAÇÃO

Não adianta querer ensinar ninguém a coletar répteis: a única coisa a fazer é sair para o mato e procurar, armado principalmente de paciência; as notas biológicas que acima damos para cada espécie poderão servir de pistas. Quanto ao manuseio e preparo dos exemplares, há uma série de informações que esperamos sejam úteis, considerando-se a qualidade geralmente insatisfatória dos exemplares que nos chegam às mãos.

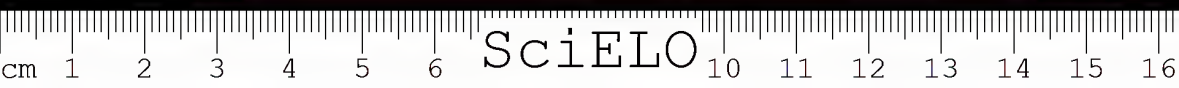
Coleta

Qualquer lagarto ou anfisbenídeo deve ser, sempre que possível, agarrado com a mão. Ao contrário, no caso das cobras, só quem conheça muito bem as espécies deve tomar essa liberdade; no geral devem ser laçadas pelo pescoço, ou mortas com uma varada leve também no pescoço. Por quem não tenha absoluta certeza, toda cobra deve ser tratada como venenosa, e muito especialmente as corais.

Os bichos vivos ou mortos, devem ser acomodados em saquinhos de pano ou de plástico, individualmente, se possível numerados em correspondência com as notas de campo que forem tomadas. Muito raramente uma nota de campo terá qualquer utilidade se não for documentada por um exemplar devidamente etiquetado, conservado em uma coleção.

As notas de campo, idealmente, devem compreender:

a) Localidade, dia, mês e ano. Por localidade entendemos a feição geográfica mais próxima que se encontre



no mapa do Brasil ao milionésimo do IBGE. Se se tratar de uma fazenda ou de uma estrada, dar a distância e direção da localidade mais próxima. A quilometragem da própria estrada é menos útil: muda demais no tempo.

b) Tipo de formação vegetal. A este respeito, na área das caatingas é útil recorrer à sabedoria popular. Nomes como seridó, carirí, arisco, raso, lajeiro, capoeira, etc., têm um sentido prático muito grande.

c) Indicação de onde o bicho estava e do que estava fazendo, com o possível detalhe. Por exemplo; “no tronco de uma palmeira a 1 m do chão, olhando para cima”; “em baixo de uma pedra”; “correndo sobre um lajeiro”; “morto no meio da estrada”; etc.

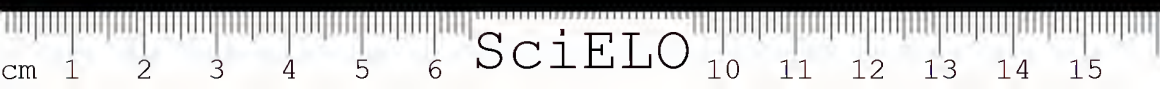
d) Hora do dia.

Preparação de cobras e lagartos

a) *Matar.* O melhor método para matar répteis é uma injeção maciça de um barbitúrico qualquer na região do coração. O animal morre sem sofrer, e fica com a musculatura bem relaxada. O barbitúrico mais fácil de se conseguir é o Tio-Nembutal, como sobra de anestesia cirúrgica. Na diluição em que vem dos hospitais, meio centímetro cúbico mata uma lagartixa de parede, 10 centímetros uma cobra grande. Uma seringa de 5 ou 10 cc, com agulha fina (nº 25) é ideal para a injeção de sacrifício.

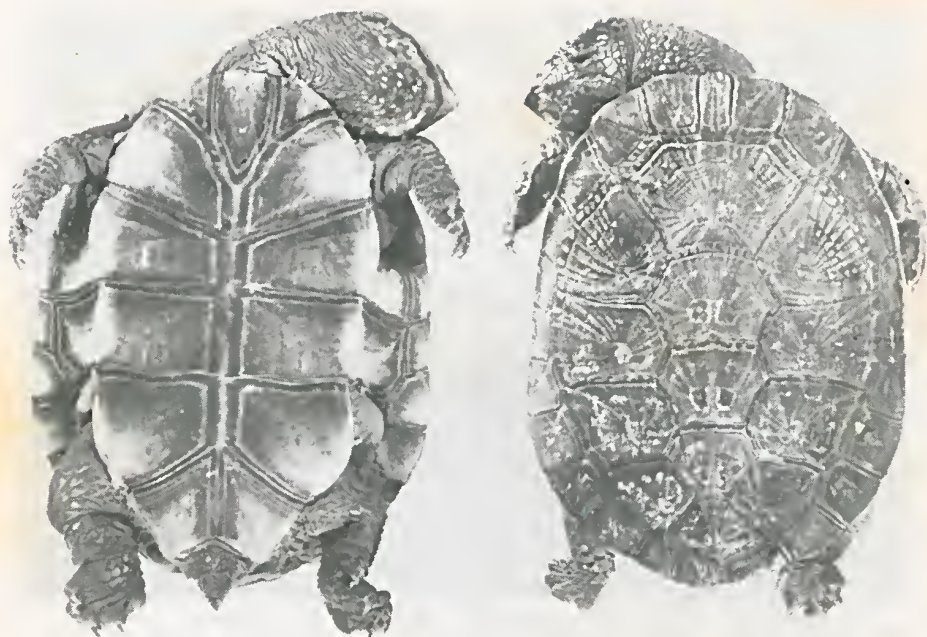
Na falta de barbitúrico pode-se matar o bicho por inalação de éter ou cloroformio; um saco plástico serve muito bem e permite observar o animal durante o processo. Este método é inferior ao barbitúrico, por ser mais lento e por não deixar o animal perfeitamente relaxado. Em último caso, pode-se afogar o réptil em álcool ou mesmo cachaça.

b) *Fixação.* O método de escolha para fixação é a injeção de formol a 10%. O formol do comércio (ou formalina) é uma solução saturada (a 40%) de aldeído fórmico em água; a isso chamamos “formol puro” e é esse que se dilui a 10% em água, para injetar. A injeção deve

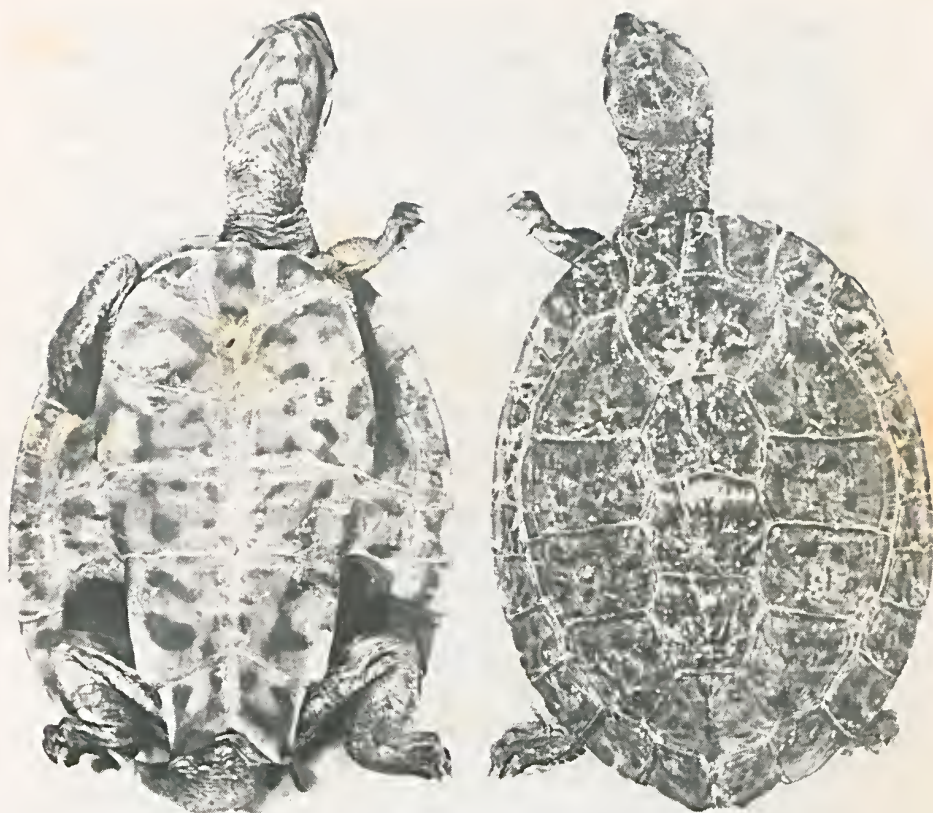




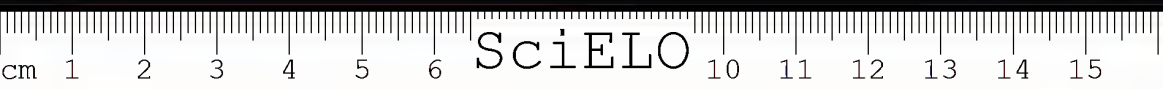
Estampa XXXVI. *Phrynops tuberculatus* (Exu, Pernambuco).



Estampas XXXVII e XXXVIII. *Phrynops tuberculatus* (MZUSP 2643, Agrestina, Pernambuco).



Estampas XXXIX e XL. *Phrynops geoffroanus* (MZUSP 2663, Recife, Pernambuco).



SciELO

ser feita na cavidade geral, até encher o animal sem distendê-lo. Lagartos grandes devem receber também injeções nas massas musculares, especialmente coxas e cauda. Cobras de 1 metro para cima também devem ser injetadas na cauda.

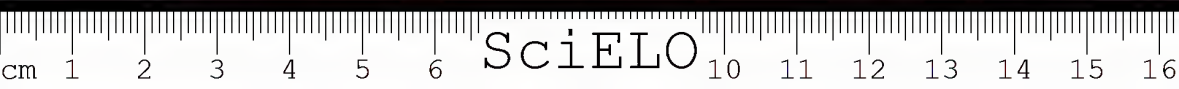
Cobras grandes (jibóia, cobra preta, etc.), especialmente quando achadas mortas na estrada, podem ser evisceradas, em vez de injetadas. Para eviscerar, abre-se a cobra da garganta até perto do ânus (sem nunca atingi-lo) e retiram-se as vísceras em bloco, agarrando a traquéia e puxando de diante para trás. (Convém nessas ocasiões examinar o estômago e o oviduto). Lava-se bem a carcassa, faz-se uma série de incisões na cauda e passa-se ao estágio seguinte.

O que determina o estágio seguinte da fixação é o tamanho do animal, e o tipo de recipiente em que vai ser guardado.

Os lagartos pequenos (até 10 cm de comprimento rostro-anal) devem ser fixados estendidos, com os quatro membros em posição natural, com os dígitos bem separados, e cauda dobrada ao lado do corpo. Fica assim fácil o seu armazenamento em vidros, sua medida e o exame de todas as suas partes.

A fixação desses lagartos pequenos é idealmente feita em caixas de plástico com tampa, do tipo usado para guardar alimentos na geladeira. Coloca-se no fundo um pedaço de pano bem umedecido com formol, e arrumam-se sobre ele os exemplares, lado a lado. Pronta uma camada, coloca-se outro pano umedecido em formol, outra camada de lagartos e assim por diante. Não é necessário imergir os animais em formol: o ambiente úmido e saturado é suficiente. Após 6 a 12 horas os exemplares devem estar firmes (especialmente a cauda) e ser então transferidos para um recipiente folgado, com bastante formol a 10%. Após 2 a 3 dias neste banho podem passar para os recipientes definitivos, em álcool a 70%.

Lagartos grandes e cobras de todo o tamanho devem ser fixados enrolados. Para os animais grandes são ideais



recipientes de plástico de boca larga (15 cm ou mais) com tampa firme. Podem ficar algumas horas sujeitos apenas ao vapor de formol em ambiente saturado de umidade, depois imersos no formol a 10%.

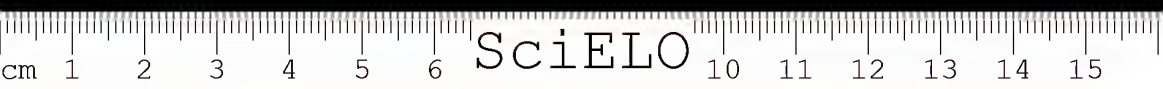
c) *Etiquetagem.* Este é um assunto essencial, e muito difícil de executar a contento no Brasil. Rótulos de papel têm vida efêmera, e devem ser evitados. Dos materiais disponíveis o melhor ainda é o pano, especialmente o cadarço. Neste se pode escrever, com tinta indelevel, do tipo usado para marcar roupa. Cada exemplar deve receber uma etiqueta, contendo um número de campo (que nunca deve ser repetido) e a identificação (usualmente as iniciais) do coletor. Os números de campo devem ser registrados em um caderno (que não é o caderno de notas biológicas, é puramente um registro), do qual constem, para cada exemplar, os seguintes dados: localidade, data e, se possível, uma identificação provisória (o nome vulgar já ajuda muito).

d) *Transporte.* A melhor maneira de trazer bichos do campo é em vasilhame de plástico com formol. Para viagens curtas, de 3-4 dias, sendo necessário (p. exemplo, para despacho aéreo), pode-se esgotar o formol, deixando só um pouquinho no fundo. É obviamente indispensável que o recipiente feche perfeitamente.

Preparação de quelônios

Matar quelônios não é fácil; têm a vida muito tenaz. Se houver vasilhame que permita a conservação em meio líquido, o melhor é injetar barbitúrico (em último caso álcool) no cérebro, através da narina. Em seguida injeta-se quantidade suficiente de formol para que o bicho afunde, e fixa-se em banho de formol.

Se não houver recipiente com boca suficientemente larga para admitir o casco do bicho, mata-se por sangramento, cortando o pescoço. Serra-se depois a ponte de cada lado do casco, separando a carapaça e o plastrão. Cortam-se os membros (pela raiz) e o pescoço, e conserva-se em formol. Raspa-se bem a superfície interna do casco e deixa-se secar à sombra.



Envio ao Museu

Quando se deseje mandar exemplares a um museu, seja para identificação (que é feita de boa vontade) seja como contribuição (recebida de mais boa vontade ainda) o procedimento deve ser o seguinte: (i) cada exemplar, devidamente etiquetado, é enrolado em um trapo (melhor ainda um pedaço de gaze), bem umedecido no líquido em que o animal estiver conservado (álcool ou formol); (ii) cada animal ou grupo de animais é fechado em um saco plástico; esse saco de plástico é fechado dentro de outro, de maneira a impossibilitar qualquer vasamento; (iii) o conjunto é colocado em uma lata (tipo leite em pó) ou recipiente plástico equivalente, preferivelmente de peso até 1 quilo, e despachado pelo Correio; (iv) o endereçamento deve conter a indicação "Material científico sem valor comercial". O endereço do Museu de Zoologia, USP, é Avenida Nazareth, 481, Caixa Postal 7172, São Paulo.

Separada do material deverá vir, em duas vias, a lista dele, ou seja, os números das etiquetas e as indicações do caderno de registro (localidade, data, coletor). Uma das vias será devolvida, servindo de recibo e contendo as identificações e, se for o caso, o número que os exemplares receberam na coleção do Museu.



APÊNDICE 2

SUGESTÕES PARA PESQUISA

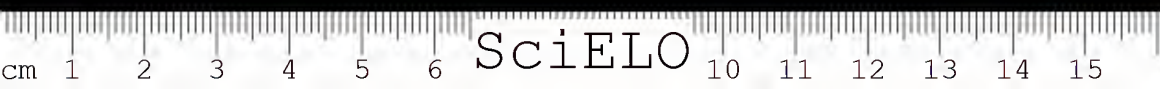
Temos a esperança de que, entre os leitores deste livro, haja alguns que, sem ser herpetólogos profissionais, gostariam de fazer alguma pesquisa sobre répteis, aproveitando a sua fatura na área das caatingas.

Há diversos temas de muita importância teórica e prática cujo estudo não é difícil, mas só pode ser empreendido por quem viva ao longo de todo o ano, ou por períodos longos, no local da pesquisa. Por essa razão, numerosos desses assuntos ficam sem estudo, ou são estudados de maneira insuficiente. Tais temas podem ser divididos em dois grupos, segundo a ênfase esteja no conjunto da fauna local ou em alguma determinada espécie ou grupo de espécies.

Faunas locais

A lista das espécies que ocorrem em uma determinada localidade ou área bem delimitada é um dado de importância muito maior do que geralmente se pensa.

O tipo mais simples de lista registra apenas a ocorrência das espécies. Depende de coleta metódica, explorando todos os tipos de ambientes e aproveitando todos os exemplares que se possa adquirir de outras pessoas, mesmo imperfeitos e mutilados. As identificações devem ser feitas preliminarmente pelo coletor e depois verificadas por especialista. Quando a entrada de espécies novas para a localidade cessar, ou se tornar muito lenta, a lista estará em condições de ser publicada. Uma coleção deste tipo deve ser obrigatória-



mente grande, pois é necessário coletar muitos exemplares das espécies comuns para que apareçam algumas das formas raras; e a presença destas na lista é essencial. A catalogação deve ser perfeita, permitindo resolver dúvidas a qualquer instante. O material deverá ser finalmente depositado em uma instituição oficial, que garanta sua preservação.

Desse tipo de trabalho mais simples passa-se gradualmente à fenologia da área. Se o pesquisador tiver mais tempo para gastar no campo, poderá acumular notas sobre a abundância das espécies nas diferentes estações do ano, sobre a época da reprodução, etc. É fundamental a amarração dos dados de campo aos respectivos exemplares, e a escrupulosa conservação destes. Se algum trabalho vier a ser publicado, será conveniente encaminhar os exemplares documentários ("voucher specimens") a uma instituição oficial capaz de conservá-los e catalogá-los. Por outro lado, neste tipo de pesquisa, as espécies raras são muito menos importantes que as comuns, o que possibilita a realização do trabalho em um prazo relativamente curto — digamos de dois anos a partir do momento em que o pesquisador domine a metodologia.

O problema mais sério em pesquisas deste cunho é o reconhecimento dos diversos tipos de habitat. Se o pesquisador estiver ligado a alguma das profissões de base biológica, terá mais facilidade. Caso contrário, poderá consultar um especialista; por meio de algumas perguntas orientadas e do exame de fotografias, uma tipologia razoável será rapidamente exequível.

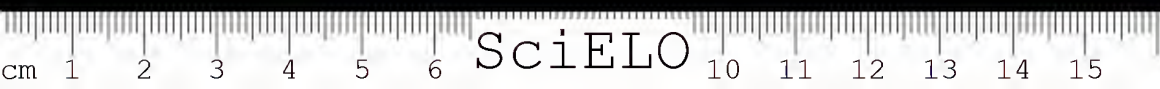
Uma situação que não é rara, e que é prenhe de possibilidades interessantes, é aquela em que o pesquisador têm acesso contínuo e fácil a um ambiente excepcional: uma mancha de mata, ou simplesmente de clima mais ameno, dentro das caatingas, um serrote pedregoso, uma várzea extensa de rio, um palmar. O estudo de uma área dessas já pede uma sofisticação maior: é necessário entender as relações entre as espécies de répteis entre si, com eventuais competidores, e com suas presas e predadores. Torna-se necessário uma retaguarda mais forte por parte de espe-



cialistas, e alguma leitura colateral; mesmo assim, a tarefa não apresenta dificuldades muito grandes.

Estudos de espécies

Em muitos lugares, e especialmente no Nordeste, há espécies de répteis de grande densidade de população, inclusive em áreas habitadas. Monografar a ecologia de populações dessas espécies, mesmo as mais comuns, é trabalho da mais alta valia. A melhor estratégia de pesquisa é escolher um caso tanto quanto possível análogo, bem estudado, mesmo que em outro país, e repetir a metodologia com as modificações que se forem impondo. Essa linha de trabalho adquire maior interesse ainda quando uma espécie em geral rara é localmente abundante na área de residência do pesquisador.



Referências

- Ab'Saber, A.N., 1977. Os domínios morfoclimáticos na América do Sul. Primeira aproximação. Geomorfologia (Inst. Geogr. Univ. S. Paulo) 52: 21 pp.
- Cordeiro, C.L. & A.R. Hoge, 1974. Contribuição ao reconhecimento das serpentes do Estado de Pernambuco. Mem. Inst. Butantan 37 (1973): 271-290.
- Gans, C. & Amdur, 1966. Redescription of *Amphisbaena vermicularis* Wagler, with comments on its range and synonymy (Amphisbaenia: Reptilia). Proc. Calif. Acad. Sci. 33(5): 69-90.
- Hoge, A.R. & S. Lima-Verde, 1973. *Liophis mossoroensis* nov. sp. do Brasil (Serpentes: Colubridae). Mem. Inst. Butantan 36 (1972): 215-220.
- Hoge, A.R. & S.A. Romano, 1973. Sinopse das serpentes peçonhentas do Brasil. Serpentes, Elapidae e Viperidae. Mem. Inst. Butantan 36 (1972): 109-208.
- Keiser, E.D., jr., 1974. A systematic study of the Neotropical vine snake *Oxybelis aeneus* (Wagler). Bull. Texas Mem. Mus. 22: 51 pp.
- Maglio, V.J., 1970. West Indian xenodontine colubrid snakes: their probable origin, phylogeny and zoogeography. Bull. Mus. Comp. Zool. 14 (1): 1-53.
- Peters, J.A. & R. Donoso-Barros, 1970. Catalogue of the Neotropical Squamata Part II. Lizards and amphisbaenians. Bull. U.S. Nat. Mus. 297: viii + 293 pp.
- Peters, J.A. & B. Orejas-Miranda, 1970. Catalogue of the Neotropical Squamata Part I. Snakes. Bull. U.S. Nat. Mus. 297: viii + 347 pp.
- Prado, A., 1945. Serpentes do Brasil. 134 pp., pls. São Paulo: "Sítios e Fazendas" (Bibl. Agro-pec. Brasil).
- Presch, W., 1973. A review of the Tegu, lizard genus *Tupinambis* (Sauria: Teiidae) from South America. Copeia 1973 (4): 740-746.
- Romano, S.A.R.W.L. & A.R. Hoge. Nota sobre *Xenodon* e *Ophis* Serpentes Colubridae. Mem. Inst. Butantan 36 (1972): 209-214.
- Roze, J.A., 1966. On the synonymy and the type specimens of the coral snakes *Micrurus corallinus* and *M. ibiboboca* (*marcgravii*). Copeia 1966 (2): 369-371.
- Roze, J.A., 1967. A check list of the New World venomous coral snakes (Elapidae), with descriptions of new forms. Amer. Mus. Novit. 2287: 60 pp.
- Schmidt, K.P. & R.F. Inger, 1951. Amphibians and reptiles of the Hopkins-Branner expedition to Brazil. Fieldiana (Zool.) 31 (42): 439-465.
- Smith, H.M., R.L. Martin & T.A. Swain, 1977. A new genus and two new species of South American geckos (Reptilia: Lacertilia). Papéis Avulsos Zool. S. Paulo 30 (14): 195-213.

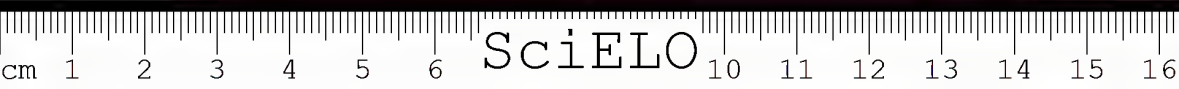


- Trajano, E. & A. Ghiringhello, 1978. Comparação entre as proporções corporais de *Iguana i. iguana* da região das caatingas e da hiléia amazônica (Sauria, Iguanidae). Papéis Avulsos Zool. S. Paulo 32 (10): 107-115.
- Vanzolini, P. E., 1978. On South American *Hemidactylus* (Sauria, Gekkoniidae). Papéis Avulsos Zool. S. Paulo 31 (2): 307-343.
- Wermuth, H. & R. Mertens, 1961. Schildkröten, Krokodile, Brückenechsen. xxvi + 422 pp. Jena: Gustav Fischer.



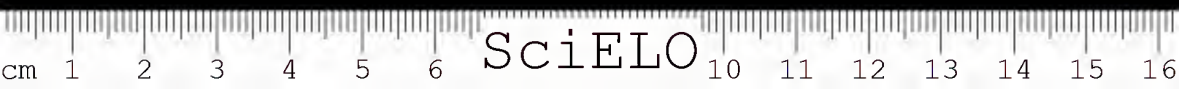
INDICE

<i>acutirostris, Polychrus</i>	98
<i>aeneus, Oxybelis</i>	39
<i>agrius, Hemidactylus</i>	80
<i>ahaetulla, Leptophis</i>	33
<i>albifrons, Leptotyphlops</i>	14
<i>amarali, Gymnodactylus geckoides</i>	79
<i>Ameiva ameiva</i>	106
<i>Amphisbaena vermicularis</i>	133
Amphisbaenidae	133
Anguidae	128
<i>assisi, Epicrates cenchria</i>	21
Bicho preguiça	98
Bico doce	106
Bicuda	39
<i>Boa constrictor</i>	17
Boicininga	67
Boidae	17
Boipeva	57
Bojobi	45
<i>Bothrops erythromelas</i>	64
<i>Bothrops neuwiedi</i>	65
<i>brasiliiana, Briba</i>	72
<i>brasiliensis, Leptotyphlops</i>	16



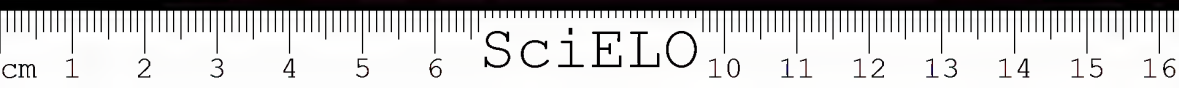
Briba	125, 128
<i>Briba brasiliana</i>	72
Briba que vira cobra	128
Cágado	142
Calango verde	106
Calanguinho	111
Camaleão	92, 98
Caninana	49
<i>carinatus</i> , <i>Chironius</i>	24
Cascavel	67
<i>cascavella</i> , <i>Crotalus durissus</i>	68
<i>cenchria</i> , <i>Epicrates</i>	19
Chelidae	141
<i>Chironius carinatus</i>	24
<i>Clelia clelia</i>	26
<i>Clelia occipitolutea</i>	26
<i>Cnemidophorus ocellifer</i>	106, 111
Cobra cega	14, 16
Cobra cipó	24, 33, 39, 44
Cobra água	31
Cobra de coral	42, 61
Cobra de duas cabeças	133
Cobra de veado	17
Cobra preta	26, 47
Cobra verde	30, 45
<i>Coleodactylus meridionalis</i>	75
Colubridae	21
<i>constrictor</i> , <i>Boa</i>	17
Coral	42, 61

<i>Crotalus durissus</i>	67
<i>Crotalus durissus cascavella</i>	68
<i>darwinii</i> , <i>Gymnodactylus geckoides</i>	79
<i>dilepis</i> , <i>Lygophis lineatus</i>	39
<i>Diploglossus lessonae</i>	128
<i>Dromicus poecilogyus</i>	28
<i>Dromicus poecilogyus franciscanus</i>	29
<i>Dromicus poecilogyus xerophilus</i>	29
<i>Dromicus viridis</i>	28, 30
<i>durissus</i> , <i>Crotalus</i>	67
Elapidae	60
<i>Epicrates cenchria</i>	19
<i>Epicrates cenchria assisi</i>	21
<i>erythromelas</i> , <i>Bothrops</i>	64
<i>franciscanus</i> , <i>Dromicus poecilogyus</i>	29
<i>geckoides</i> , <i>Gymnodactylus</i>	77
Gekkonidae	70
<i>geoffroanus</i> , <i>Phrynops</i>	143
<i>Lygophis lineatus dilepis</i>	39
Goipeba	57
<i>Gymnodactylus geckoides</i>	77
<i>Gymnodactylus geckoides amarali</i>	79
<i>Gymnodactylus geckoides darwinii</i>	79
<i>heathi</i> , <i>Mabuya</i>	125
<i>Helicops leopardinus</i>	31
<i>Hemidactylus</i>	79
<i>Hemidactylus agrius</i>	80
<i>Hemidactylus mabouia</i>	80, 82



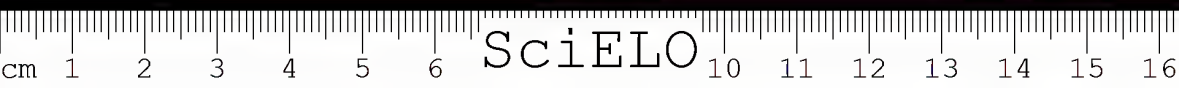
<i>ibiboboca, Micrurus</i>	42, 51
<i>Iguana iguana</i>	91
Iguanidae	91
Jararaca	64
Jararacussu	64
Jararacussu água	35
Jararaquinha	28, 35, 37
Jibóia	17
Kinosternidae	139
<i>Kinosternon scorpioides</i>	139
<i>klugei, Vanzoia</i>	87
Labigó	102
Lagartixa do lajeiro	94
Lagartixa preta	102
Lagarto	119
<i>leopardinus, Helicops</i>	31
<i>Leptophis ahaetulla</i>	33
Leptotyphlopidae	13
<i>Leptotyphlops albifrons</i>	14
<i>Leptotyphlops brasiliensis</i>	16
<i>lessonae, Diploglossus</i>	128
<i>lineatus, Lygophis</i>	37
<i>Liophis mossoroensis</i>	28, 35
<i>Lygodactylus</i>	90
<i>Lygophis lineatus</i>	37
<i>Lygophis lineatus dilepis</i>	39
<i>mabouia, Hemidactylus</i>	80, 82
<i>Mabuya heathi</i>	125

<i>maximiliani</i> , <i>Micrablepharus</i>	114, 117
<i>melanocephala</i> , <i>Tantilla</i>	51
<i>meridionalis</i> , <i>Coleodactylus</i>	75
<i>merremii</i> , <i>Waglerophis</i>	57
<i>Micrablepharus maximiliani</i>	114, 117.
<i>Micrurus frontalis</i>	63
<i>Micrurus ibiboboca</i>	42, 61
<i>Micrurus lemniscatus</i>	63
<i>moosoroensis</i> , <i>Liophis</i>	28, 35
<i>multiscutatus</i> , <i>Gymnophthalmus</i>	114
<i>nattereri</i> , <i>Philodryas</i>	44
<i>neuwiedi</i> , <i>Bothrops</i>	65
<i>nigra</i> , <i>Pseudoboa</i>	47
<i>occipitolutea</i> , <i>Clelia</i>	26
<i>ocellifer</i> , <i>Cnemidophorus</i>	106, 111
<i>olfersii</i> , <i>Philodryas</i>	30, 45
<i>Osga</i>	80, 82
<i>Osguinha</i>	87
<i>Oxybelis aeneus</i>	39
<i>Oxyrhopus trigeminus</i>	42
<i>pallidus</i> , <i>Thamnodynastes</i>	53
<i>Papavento</i>	98
<i>Philodryas nattereri</i>	44
<i>Philodryas olfersii</i>	30, 45
<i>Phrynops</i>	141
<i>Phrynops geoffroanus</i>	143
<i>Phrynops tuberculatus</i>	142
<i>Phyllopezus pollicaris</i>	85



<i>Platynotus semitaeniatus</i>	94
<i>poecilogyrus</i> , <i>Dromicus</i>	28
<i>pollicaris</i> , <i>Phyllopezus</i>	85
<i>Polychrus acutirostris</i>	98
<i>przewalskii</i> , <i>Phyllopezus pollicaris</i>	87
<i>Pseudoboa nigra</i>	47
<i>pullatus</i> , <i>Spilotes</i>	49
Rainha	28
Salamanta	19
Scincidae	124
<i>scorpioides</i> , <i>Kinosternon</i>	139
<i>semitaeniatus</i> , <i>Platynotus</i>	94
<i>semitaeniatus</i> , <i>Tropidurus</i>	97
Sinimbu	91
<i>Spilotes pullatus</i>	49
<i>strigilis</i> , <i>Thamnodynastes</i>	55
Surradeira	44
<i>Tantilla melanocephala</i>	51
Taraguira	102
<i>teguixin</i> , <i>Tupinambis</i>	119
Teiidae	104
Teiú	119
Téjo	119
Tejubina	106
<i>Thamnodynastes</i>	53
<i>Thamnodynastes pallidus</i>	53
<i>Thamnodynastes strigilis</i>	55
<i>torquatus</i> , <i>Tropidurus</i>	102

Trauíra	102
<i>trigeminus</i> , <i>Oxyrhopus</i>	42
<i>Tropidurus torquatus</i>	102
<i>tuberculatus</i> , <i>Phrynops</i>	142
<i>Tupinambis teguixin</i>	119
<i>Vanzoia klugei</i>	87
<i>vermicularis</i> , <i>Aynphisbaena</i>	133
Viperidae	63
<i>viridis</i> , <i>Dromicus</i>	28
<i>Waglerophis merremii</i>	57
<i>xerophilus</i> , <i>Dromicus poecilogyus</i>	29



Produção
CERIFA, GRÁFICA E EDITORA LTDA.
Alameda Jaú, 404, 01420 São Paulo, Brasil

Serviços gráficos
IMPrensa METODISTA
São Bernardo do Campo, SP





SciELO

